

**FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO –
FECAP**

MESTRADO EM CIÊNCIAS CONTÁBEIS

JANETE DE FÁTIMA MENDONÇA

**PESQUISA SOBRE A PERCEPÇÃO DA INTERDISCIPLINARIDADE
POR PROFESSORES DE CONTROLADORIA EM CURSOS DE
CIÊNCIAS CONTÁBEIS NO MUNICÍPIO DE SÃO PAULO**

Dissertação apresentada à Fundação Escola de
Comércio Álvares Penteado - FECAP, como requisito
para obtenção do título de Mestre em Ciências
Contábeis.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias

SÃO PAULO

2007

FUNDAÇÃO ESCOLA DE COMÉRCIO ÁLVARES PENTEADO – FECAP

Reitor: Prof. Dr. Sérgio de Gouvea Franco

Pró-reitor de Graduação: Prof. Edison Simoni da Silva

Pró-reitor de Pós-Graduação: Prof. Dr. Sérgio de Gouvea Franco

Coordenador do Mestrado em Ciências Contábeis: Prof. Dr. Anísio Candido Pereira

FICHA CATALOGRÁFICA

M539p

Mendonça, Janete de Fátima

Pesquisa sobre a percepção da interdisciplinaridade por professores de controladoria em cursos de Ciências Contábeis no município de São Paulo / Janete de Fátima Mendonça. - - São Paulo, 2007.

160 f.

Orientador: Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias.

Dissertação (mestrado) – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado - FECAP - Mestrado em Ciências Contábeis.

1. Abordagem interdisciplinar do conhecimento 2. Controladoria 3. Contabilidade – Estudo e ensino (Superior)

CDD 657.07

Dedico este trabalho a meus pais Manoel Neto Mendonça e Maria Xavier de Mendonça e ao meu irmão Paulo César Mendonça, que mais uma vez souberam compreender a ausência. O tempo passado muitas vezes não se recupera, mas acredito que todo o sacrifício significa um futuro melhor.

AGRADECIMENTOS

Em primeiro lugar, agradeço a Deus pela oportunidade que me foi possibilitada de viver mais esta etapa da vida.

Mais que justificável, agradeço ao Prof. Dr. Ivam Ricardo Peleias, que, com seus ensinamentos, colaboração e parceria, privilegiou-me com suas orientações.

Agradeço à Prof. Dra. Ivani Catarina Arantes Fazenda e Prof. Dra. Cecília Carmen Cunha Pontes, que participaram como membros da comissão julgadora, pelas contribuições que objetivaram o enriquecimento deste trabalho.

Agradeço a todos os professores doutores do Programa de Mestrado em Ciências Contábeis do Centro Universitário Álvares Penteado – UNIFECAP, pelos ensinamentos e experiências que foram concebidos.

Por questões metodológicas e éticas, os nomes dos coordenadores e professores que colaboraram com essa pesquisa, aos quais agradeço pelas contribuições ofertadas ao trabalho, foram preservados e suas relações com as IES – Instituições de Ensino Superior foram preservadas. .

Agradeço aos colegas do Mestrado, pelo convívio, amizade, companheirismo e solidariedade.

Agradeço aos meus pais, irmão, familiares e amigos pelos incentivos e, principalmente, pela compreensão e apoio.

Agradeço ao Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial, nas pessoas de Marta Aparecida Rodrigues Teixeira e Cristiane Baziotto Vega, pois, por meio delas, essa instituição patrocinou o Mestrado.

Agradeço ao meu sócio João Luiz da Silva, que soube, à sua maneira, compreender as ausências e pela ajuda nos momentos mais difíceis e críticos.

EPÍGRAFE

Para ensinar é preciso o *eros*. O *eros* não é somente o desejo de conhecer e transmitir, ou somente, o prazer de ensinar, comunicar ou dar: é também o amor por aquilo que se diz e do que se pensa ser verdadeiro. (Platão).

RESUMO

A formação de profissionais de Ciências Contábeis no mundo globalizado traz à tona a discussão sobre a grade curricular dos cursos dessa área, a respeito da legislação que direciona tais currículos e da necessária relação com o mercado de trabalho, traduzida em seu perfil profissional. O objetivo desta pesquisa foi identificar a percepção dos professores de Controladoria do curso de Ciências Contábeis sobre a importância da Interdisciplinaridade na formação do Contador, já que cabe a eles contribuir para a formação de futuros profissionais, aptos ao mercado de trabalho dinâmico e exigente de competências. Para atingir esse objetivo, utilizou-se, em uma primeira etapa, o estudo exploratório por meio de pesquisa documental e bibliográfica, resultando dessa última a constatação de que o fenômeno da Interdisciplinaridade é mais pensado e falado que efetivamente realizado no ensino superior brasileiro de Ciências Contábeis. A segunda etapa da pesquisa consistiu de pesquisa de campo, por meio de entrevista realizada com professores de Controladoria de quatro IES – Instituições de Ensino Superior situadas no município de São Paulo. As informações obtidas confirmaram as constatações da revisão bibliográfica e chamaram a atenção para o fato de que, embora sensibilizados pela importância da Interdisciplinaridade na formação dos futuros contadores e, em sua maioria, praticantes intuitivos da Interdisciplinaridade, ainda há uma distância entre o falado e pensado e o efetivamente colocado em prática pelos professores de Controladoria entrevistados.

Palavras-chaves: Abordagem interdisciplinar do conhecimento. Controladoria. Contabilidade. Estudo e ensino (Superior).

ABSTRACT

The Graduating of Accounting professionals in the globalized world brings a discussion concerning the main subjects in the Accounting field, which can be perceived in its *perfil profissiográfico* (PPP- a type of document of the Brazilian high education). The aim of this dissertation was to identify the perception of some Accounting professors regarding the importance of interdisciplinarity for the professionals of this field, as such professors are to contribute for the future of Accounting professionals, who should be able to interact and compete in a dynamic market. Firstly, it was carried an experimental study through documentary and bibliographic research. The results disclosed that the interdisciplinarity is more a concept than a real application in the Brazilian Accounting universities. Secondly, it was carried a field research, through an interview with some Accounting professors in the of four universities, all of them located in São Paulo city. The results confirm the conclusions of the literature and highlight that there is still a gap between the concept of interdisciplinarity and its real application by the interviewed professors, even though they are aware of its importance.

Key-words: Interdisciplinary approach to knowledge. Controllershship. Accounting. Study and teaching (Higher).

LISTA DE QUADROS

QUADRO 1	Conceitos de interdisciplinaridade.....	25
QUADRO 2	Cronologia da legislação sobre o ensino superior de contabilidade no Brasil.....	38
QUADRO 3	Evolução da profissão contábil.....	40
QUADRO 4	Currículo global dos Contadores de acordo com a Unctad/ISAR.....	42
QUADRO 5	Classificação das habilidades.....	44
QUADRO 6	Comparativo entre o ensino tradicional e uma nova proposta de ensino de Contabilidade.....	46
QUADRO 7	Influência da profissão contábil na educação.....	47
QUADRO 8	Competências e Habilidades determinadas pela Resolução 10/2004.....	48
QUADRO 9	Conteúdos curriculares do curso de Ciências Contábeis.....	49
QUADRO 10	Objetivos semestrais do PPI – Projeto Profissional Interdisciplinar.....	58
QUADRO 11	Itens a serem observados na estrutura de um Plano de Curso com característica interdisciplinar.....	59
QUADRO 12	Proposta de um currículo com característica interdisciplinar.....	61
QUADRO 13	Relacionamento entre disciplinas.....	65
QUADRO 14	Questões do instrumento de pesquisa que traduzem os objetivos específicos.....	71
QUADRO 15	Grupos de questões do roteiro de entrevista.....	73
QUADRO 16	Componentes do processo lingüístico.....	79
QUADRO 17	Perfil profissional dos entrevistados.....	83
QUADRO 18	Atividades profissionais dos entrevistados.....	84
QUADRO 19	Visão da formação em nível de graduação dos entrevistados.....	84
QUADRO 20	Conhecimento, participação e disponibilização do Projeto Pedagógico... ..	86
QUADRO 21	Melhorias no curso de Ciências Contábeis, na visão dos entrevistados... ..	88
QUADRO 22	Entendimento de Interdisciplinaridade e percepção de sua importância... ..	91
QUADRO 23	Análise comparativa da base conceitual com o entendimento dos entrevistados sobre Interdisciplinaridade.....	92
QUADRO 24	Análise comparativa do entendimento dos entrevistados sobre a integração entre disciplinas e a abordagem constante na Revisão da Literatura.....	94
QUADRO 25	Atividades práticas e ações interdisciplinares na opinião dos entrevistados e os resultados obtidos.....	95
QUADRO 26	Freqüências dos encontros entre professores e principais dificuldades e obstáculos encontrados.....	98
QUADRO 27	Dificuldades e obstáculos percebidos pelos entrevistados contrapostos a algumas dificuldades e obstáculos apontados na revisão da literatura.. ..	100
QUADRO 28	Percepção quanto às prerrogativas profissionais estabelecidas pelo Conselho Federal de Contabilidade.....	102
QUADRO 29	Áreas de conhecimento que se relacionam com a Contabilidade em geral e especificamente com a Controladoria.....	105
QUADRO 30	Atitudes do professor de Contabilidade consideradas importantes.....	108
QUADRO 31	Formas de relacionamento entre aluno e professor e entre professores....	111

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	11
1.1	Delimitação da pesquisa.....	14
1.2	Problema.....	15
1.3	Objetivos.....	15
1.3.1	Objetivo geral.....	15
1.3.2	Objetivos específicos.....	15
1.4	Metodologia da pesquisa.....	16
1.5	Estrutura do trabalho.....	16
2	REVISÃO DA LITERATURA.....	17
2.1	Influência de documentos internacionais na legislação educacional brasileira.....	17
2.1.1	Legislação do ensino superior brasileiro.....	18
2.2	O ensino superior brasileiro no século XXI.....	21
2.3	Interdisciplinaridade no ensino superior brasileiro.....	23
2.3.1	Em busca de uma definição.....	23
2.3.2	Cronologia da interdisciplinaridade.....	26
2.3.3	Interdisciplinaridade: considerações críticas.....	29
2.3.4	Interdisciplinaridade e as competências exigidas pelo mercado de trabalho.....	31
2.4	Formação do Contador no Brasil: cronologia e legislação	35
2.4.1	Formação do Contador: evolução da profissão contábil.....	39
2.4.2	Formação do Contador para o mercado de trabalho: influência dos órgãos internacionais.....	40
2.4.2.1	Unctad e o currículo global.....	40
2.4.2.2	IFAC – competências e habilidades do contador exigidas pelo mercado de trabalho.....	43
2.4.2.3	AAA – <i>American Accounting Association</i>	45
2.4.2.4	GAE – <i>Global Accountancy Education</i>	46
2.4.3	Competências exigidas na formação do Contador para o mundo do trabalho: cenário nacional.....	49
2.5	Conceitos e funções de Controladoria.....	49
2.6	O <i>Controller</i>	53
3	A PESQUISA E SEUS RESULTADOS.....	57
3.1	Motivação.....	57
3.2	Trabalhos anteriores sobre Interdisciplinaridade no ensino de Ciências Contábeis.....	60
3.3	Métodos de procedimentos de coleta de dados.....	66
3.4	Caracterização da população e amostra.....	66
3.4.1	IES contempladas nesta pesquisa.....	67
3.4.1.1	FECAP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado.....	67
3.4.1.2	PUC – Pontifícia Universidade Católica.....	68
3.4.1.3	Universidade Presbiteriana Mackenzie.....	69
3.4.1.4	USP – Universidade de São Paulo.....	69
3.5	Instrumento de coleta de dados.....	70
3.6	Análise dos resultados.....	75
3.6.1	Análise de conteúdo.....	76
3.6.1.1	Análise do primeiro grupo de questões do Roteiro de Entrevista.....	82

3.6.1.2	Análise do segundo grupo de questões do Roteiro de Entrevista.....	85
3.6.1.3	Análise do terceiro grupo de questões do Roteiro de Entrevista.....	90
3.6.1.4	Análise do quarto grupo de questões do Roteiro de Entrevista.....	101
3.6.1.5	Análise do quinto grupo de questões do Roteiro de Entrevista.....	104
3.6.1.6	Análise do sexto grupo de questões do Roteiro de Entrevista.....	107
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES.....	116
	REFERÊNCIAS.....	118
	APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista.....	125
	APÊNDICE B – Síntese das Respostas à Questão 1	127
	APÊNDICE C – Síntese das Respostas à Questão 2	128
	APÊNDICE D – Síntese das Respostas à Questão 3 e 4.....	130
	APÊNDICE E – Síntese das Respostas à Questão 5.....	132
	APÊNDICE F – Síntese das Respostas à Questão 6.....	134
	APÊNDICE G – Síntese das Respostas à Questão 7.....	136
	APÊNDICE H – Síntese das Respostas à Questão 8.....	138
	APÊNDICE I – Síntese das Respostas à Questão 9.....	141
	APÊNDICE J – Síntese das Respostas à Questão 10.....	143
	APÊNDICE K – Síntese das Respostas à Questão 11.....	144
	APÊNDICE L – Síntese das Respostas à Questão 12.....	146
	APÊNDICE M – Síntese das Respostas à Questão 13 e 14.....	148
	APÊNDICE N – Síntese das Respostas à Questão 15.....	151
	APÊNDICE O – Síntese das Respostas à Questão 16.....	153
	APÊNDICE P – Síntese das Respostas à Questão 17.....	155
	APÊNDICE Q – Síntese das Respostas à Questão 18.....	157

1 INTRODUÇÃO

A formação de profissionais de Ciências Contábeis no mundo globalizado traz à tona a discussão sobre a grade curricular dos cursos dessa área, a respeito da legislação que direciona tais currículos e da necessária relação com o mercado de trabalho, traduzida em seu perfil profissiográfico.

De acordo com o IMA – *Institute of Management Accountants* (2007), a profissão contábil está se transformando, os avanços tecnológicos estão cada vez mais rápidos e há uma ênfase na ética e no gerenciamento estratégico do negócio. Com isso, a demanda por Contadores hábeis em gerência está em ascensão.

Nesse cenário, torna-se fundamental analisar a função da Universidade, que tem representado, segundo Buarque (2003):

- a) um estoque de conhecimentos que o graduado adquire para durar por toda a vida;
- b) o conhecimento como propriedade específica dos alunos em salas de aula ou bibliotecas, transmitido por professores ou por livros;
- c) o conhecimento como um passaporte seguro para o sucesso do aluno já formado;
- d) o conhecimento como algo que serve a todos, porque, ao aumentar o número de profissionais, o produto da universidade difunde-se.

Para o mesmo autor (2003), o papel da universidade pouco mudou desde sua criação. Em contrapartida, a realidade da situação social do mundo, os avanços dinâmicos em termos de informação, conhecimento e novas técnicas de comunicação e educação evidenciam a necessidade de uma revolução no conceito de universidade.

O autor (2003) indica ainda que, atualmente, apenas isso não é suficiente, em razão da alta competitividade do mercado profissional, que exige atualização constante reciclagem e reformulação, para que o conhecimento adquirido não se torne obsoleto. Assim, postula (2003) que:

Hoje, esse conhecimento está em fluxo contínuo, e tem de ser constantemente atualizado pelo ex-aluno. Hoje, o conhecimento é algo que está no ar, alcançando pessoas de todos os tipos, por toda parte, pelos canais os mais diversos. A universidade é apenas um desses canais, lado a lado com a internet, a televisão educativa, revistas especializadas, empresas, laboratórios e instituições privadas.

Ainda para o mesmo autor (2003), as universidades precisam entender que as mudanças precisam ocorrer em 5 grandes eixos:

- a) voltar a ser vanguarda crítica da produção do conhecimento;
- b) firmar-se, novamente, como capazes de assegurar o futuro de seus alunos;
- c) recuperar o papel de principal centro de distribuição do conhecimento;
- d) assumir compromisso e responsabilidade ética com o futuro de uma humanidade sem exclusão;
- e) reconhecer que elas não são instituições isoladas, mas sim parte de uma rede mundial.

Nas duas últimas décadas, o diploma universitário, apesar de ainda ser útil, deixou de ser um passaporte seguro para o sucesso. Milhões de jovens graduados em todo o mundo não encontram emprego, tanto pela existência de um excesso de profissionais quanto pela rápida obsolescência daquilo que aprenderam.

A universidade, contudo, não assumiu de forma plena essa realidade, pois critica o mercado, em vez de entender que ele é decorrência da realidade, e exige novos campos de conhecimento e novos conhecimentos dentro dos campos antigos e, sobretudo, rapidez na formação e na reciclagem dos alunos.

A elaboração do currículo educacional tradicional baseia-se, de acordo com Siqueira (2003), em uma “hiperespecialização”, que deveria dar lugar ao “reconhecimento da complexidade do mundo atual”, por meio da superação de limites “epistemológicos, psicossociológicos, institucionais”.

Para garantir sua empregabilidade, o profissional precisa ter uma noção mais ampla do mundo e não pode se isolar em especializações que, embora possam lhe dar a habilidade necessária para o exercício de uma profissão, negam-lhe a competência exigida pelo mercado de trabalho global.

Nesse sentido, Chaves (2007) indica que:

[...] os grandes desafios humanísticos, científicos e tecnológicos têm quase sempre caráter interdisciplinar e somente podem ser resolvidos por equipes de profissionais de diversas áreas. Para que a cooperação dessas equipes seja eficiente e criativa é indispensável que parte significativa de seus membros tenha formação abrangente.

Em um mundo em constante mudança, a presença da formação interdisciplinar tem se mostrado cada vez mais necessária no meio educacional e profissional. Com a formação

interdisciplinar, é possível sair da rotina existente nas disciplinas que, muitas vezes, são consideradas uma forma de fragmentar os conhecimentos. Nessa fragmentação, há muitas barreiras que separam as disciplinas e que há muito são questionadas.

Na opinião de Buarque (2003), a organização da universidade por disciplinas baseadas em categorias de conhecimento é incapaz de responder às exigências das mudanças rápidas no conhecimento e também de atender às necessidades sociais.

Para o autor (2003), o conhecimento muda a cada dia, novos campos surgem e outros desaparecem, e a realidade social vem construindo um mundo dividido. Desse modo, as universidades precisam criar maneiras de se reestruturar, que incluam centros de pesquisa sobre temas atuais, e não apenas os departamentos e os campos de conhecimento tradicionais.

Esse enfoque multidisciplinar, para Buarque (2003), reflete uma nova visão da universidade. Assim, o autor (2003) afirma que:

A universidade será tridimensional e formará profissionais tridimensionais, especializados numa área do conhecimento, mas, também, comprometidos com o entendimento de um tema da realidade e praticantes de uma ou mais atividade ligadas à dimensão humanista, nas artes ou na reflexão filosófica.

Os novos campos do conhecimento e o compromisso com a realidade social exigem que seja adotado um enfoque interdisciplinar. Além disso, a disseminação do conhecimento e de sentimentos humanistas entre todos os alunos da universidade não poderá ocorrer se o ensino permanecer limitado às disciplinas oferecidas dentro das amarras do sistema de departamentos.

Segundo Chaves (2007), se considerada a perspectiva do estudante de nível superior, a educação com ênfase na formação, ou seja, nos fundamentos do conhecimento e nos métodos seminais da investigação e na Interdisciplinaridade, tem virtudes inegáveis.

De acordo com Buarque (2003), o papel fundamental no processo deve ser de responsabilidade dos professores. Nesse sentido, enfatiza (2003) que:

Este é um apelo aos professores. Percebam que seus métodos de ensino têm de incorporar as imensas possibilidades dos novos equipamentos que permitirão ampliar enormemente o número de alunos atendidos, seja qual for o país em que eles se encontram. Por favor, aceitem o risco de ser professores num tempo em que o conhecimento muda a cada instante, exigindo dedicação para acompanhar as mudanças contínuas. Aceitem com audácia esse desafio, e sigam rumo à criação de novas maneiras de conhecer, por mais efêmeras que sejam.

Nesse contexto, justifica-se a elaboração desta pesquisa por duas razões específicas: a importância do tema e a importância da postura do professor de Ciências Contábeis na formação profissional de seus alunos, adequada a um novo cenário.

Com esta dissertação, objetiva-se identificar a percepção dos professores de Controladoria do curso de Ciências Contábeis sobre a importância da interdisciplinaridade na formação do Contador, já que cabe a eles contribuir para a formação de futuros profissionais, aptos ao mercado de trabalho dinâmico e exigente de competências.

Para atingir esse objetivo, utilizou-se o estudo exploratório por meio de pesquisa bibliográfica e documental, complementado por pesquisa de campo, por meio de uma entrevista dirigida a professores de Controladoria em cursos de Ciências Contábeis no município de São Paulo.

1.1 Delimitação da pesquisa

Segundo Vergara (2003, p. 30), a delimitação da pesquisa refere-se à moldura que o autor coloca em seu estudo. É o momento em que é explicitado ao leitor o que fica dentro do estudo e o que fica fora.

Esta dissertação trata da percepção da interdisciplinaridade pelos professores de Controladoria em cursos de Ciências Contábeis em Instituições de Ensino Superior no município de São Paulo.

Durante a etapa de elaboração da pesquisa bibliográfica, constatou-se o caráter interdisciplinar da Controladoria, e que ela é um importante instrumento do processo de gestão. Seu objetivo é auxiliar na obtenção de melhores resultados econômicos e financeiros provenientes das diversas ações realizadas dentro das organizações de qualquer setor da economia.

Para Martin (2002, p. 24), a função de *Controller* deve ser a pretensão dos contadores no ambiente empresarial, pois é alta a proporção desses profissionais que se tornaram CEO'S no mundo dos negócios. Por isso, atribuiu-se um tratamento específico à Controladoria e ao *Controller*, explicitado nos capítulos posteriores.

1.2 Problema

Vergara (2003, p. 21) afirma que o problema é:

Uma questão não resolvida, é algo para o qual se vai buscar resposta, via pesquisa. Uma questão não resolvida pode referir-se a alguma lacuna epistemológica ou metodológica percebida, a alguma dúvida quanto à sustentação de uma afirmação geralmente aceita, a alguma necessidade de pôr à prova uma suposição, a interesses práticos, à vontade de compreender e explicar uma situação do cotidiano ou outras situações.

Na visão de Malhotra (2005, p. 56), nessa etapa, o pesquisador deve considerar a finalidade do estudo, a necessidade e a relevância das informações de fundo. Em vista dessas considerações, o problema da pesquisa é:

Os professores de Controladoria percebem a Interdisciplinaridade como elemento facilitador da formação discente no curso de Ciências Contábeis no município de São Paulo?

1.3 Objetivos

Nesta etapa do projeto de pesquisa, são especificadas suas finalidades principais e secundárias. De acordo com Parra Filho e Santos (2003, p. 210), o objetivo geral “procura dar uma visão geral do assunto da pesquisa”, enquanto o específico “define o ponto central do trabalho [...] a idéia específica a ser desenvolvida”.

1.3.1 Objetivo geral

Neste trabalho, o objetivo geral é verificar a percepção da Interdisciplinaridade pelos professores de Controladoria do curso de Ciências Contábeis.

1.3.2 Objetivos específicos

Neste trabalho, os objetivos específicos são:

- a) demonstrar a importância da Interdisciplinaridade como integradora de conhecimento;

- b) localizar e analisar a existência de referências sobre a Interdisciplinaridade no ensino superior brasileiro de Ciências Contábeis;
- c) levantar a percepção da Interdisciplinaridade pelos professores de Controladoria no curso de Ciências Contábeis em Instituições de Ensino Superior do município de São Paulo.

1.4 Metodologia da pesquisa

Esta pesquisa foi dividida em duas etapas: a primeira é exploratória, por meio de revisão bibliográfica e documental da legislação educacional, para promover a fundamentação teórica. A segunda etapa consiste da fundamentação metodológica, em que utilizou-se a entrevista como estratégia da pesquisa de campo. Os métodos e técnicas de pesquisa serão abordados no capítulo 3.

1.5 Estrutura do trabalho

A presente pesquisa está estruturada como se segue:

- a) capítulo 1: introduz o tema, a delimitação e o problema de pesquisa, os objetivos geral e específicos e a metodologia da pesquisa;
- b) capítulo 2: desenvolve a Revisão da Literatura, cujo foco principal é a Interdisciplinaridade no ensino superior brasileiro de Ciências Contábeis;
- c) capítulo 3: apresenta a metodologia adotada para desenvolvimento desta pesquisa e a análise de seus resultados;
- d) capítulo 4: apresenta as considerações finais.

2 REVISÃO DA LITERATURA

A aplicação da Interdisciplinaridade no ensino de Ciências Contábeis pressupõe uma análise da evolução do ensino superior no Brasil, em nível de graduação. Para isso, torna-se necessário, em um primeiro momento, apresentar um relato da legislação pertinente – nacional e internacional – e, em um segundo momento, contextualizar a Interdisciplinaridade no ensino superior brasileiro de Ciências Contábeis.

2.1 Influência de documentos internacionais na legislação educacional brasileira

Ao analisar a legislação sobre a educação superior brasileira, verifica-se que, ao propor medidas que sistematizem o ensino, o governo é influenciado por documentos internacionais, como a Declaração Mundial sobre Ensino Superior no Século XXI: Visão e Ação. (UNESCO/CRUB, 1998).

De acordo com Torniziello (2001, p. 36), o documento divide-se em três partes, subdivididas em 17 artigos. Na primeira, dois artigos dispõem sobre as missões e funções da educação superior. Na segunda, oito artigos orientam sobre a “formação de uma nova visão da educação superior”, e abrangem aspectos como:

- a) prestação de serviços à comunidade;
- b) revisão dos cursos;
- c) diversificação da educação e da formação;
- d) igualdade de oportunidades.

A terceira parte, com sete artigos, dispõe sobre:

- a) atenção ao potencial e ao desafio da tecnologia;
- b) reforço da gestão e do financiamento da educação superior;
- c) valorização de talentos;
- d) compartilhamento de conhecimento entre países;
- e) avaliação da qualidade.

O último aspecto – valorização da qualidade – é assim expresso no documento da UNESCO:

A qualidade em educação superior é um conceito multidimensional que deve envolver todas as funções e atividades da universidade, concretizadas nos objetivos da formação universitária, em quadros docentes qualificados para o cumprimento das missões da universidade, no ensino e programas acadêmicos, na pesquisa e no apoio à ciência, na realização de atividades de extensão, na infra-estrutura, representada por pessoal de apoio qualificado e adequado ao exercício das funções de apoio às tarefas acadêmicas, por edifícios, instalações laboratoriais, bibliotecas e equipamentos e pelo ambiente acadêmico em geral. (UNESCO, 1998)

A Declaração evidencia a preocupação com as funções sociais da Universidade, que deve formar o indivíduo para a cidadania e vincular educação superior, mundo do trabalho e sociedade.

Outro documento de importância para uma nova visão do ensino superior do Brasil é o Relatório do Banco Mundial – *La enseñanza superior: las lecciones derivadas de la experiencia* (BIRD, 1995, p. 4), cujos princípios básicos são:

- a) fomentar a maior diversificação das instituições, inclusive o desenvolvimento de instituições privadas;
- b) proporcionar incentivos para que as instituições públicas diversifiquem-se em fontes de financiamento; por exemplo, a participação dos estudantes nos fatos e a estreita vinculação entre financiamento fiscal e resultados;
- c) redefinir a função do governo no ensino superior;
- d) adotar políticas destinadas a outorgar prioridade aos objetivos de qualidade e equidade.

2.1.1 Legislação do ensino superior brasileiro

Em 1961, foi publicada a Lei 4.024 de Diretrizes e Bases da Educação Nacional (BRASIL, 1961), que regulamentava a universidade, sem, na verdade, resolver os aspectos de unificação e inovações metodológicas. Fazenda (2002a, p. 34), ao comentar sobre a legislação citada, indica que todo ensino pauta-se por uma única diretriz: a estruturação do currículo por matérias e a suas subdivisões em núcleo comum e parte diversificada. A autora (2002a) também enfatiza que há uma nítida preocupação com a integração.

Por esse motivo, logo após a publicação da citada lei, surgiu um amplo movimento a favor da Reforma Universitária, que resultou na Lei 5.540/68 (BRASIL, 1968). O fato de essa lei ter sido promulgada por um regime ditatorial impediu um real avanço ideológico/metodológico na educação superior brasileira. Sobre isso, Denker (2002, p. 52) atesta que:

O ensino superior expandiu-se nos anos seguintes, sob influência do modelo profissionalizante, voltado para a especialização, implantado a partir da reforma universitária de 1968, dentro do contexto geral do projeto de modernização e desenvolvimento econômico proposto pelos militares que buscavam intervir na mudança social mediante a implementação de ações de planejamento em todas as áreas da vida social.

De acordo com Romanelli (1984, p. 229), a Lei 5.540/68 e o decreto-lei 464/69 vieram reafirmar princípios já adotados em legislação anterior, e consagrou mudanças quanto à:

- a) organização: a lei exige que o ensino superior passe a ser ministrado preferencialmente em Universidades e só excepcionalmente em estabelecimentos isolados, prevendo-se posterior aglutinação, por órgão federal, dos estabelecimentos isolados de ensino superior já existentes;
- b) administração: por meio do reitor, conselho de curadores, conselho departamental ou congregação;
- c) obrigatoriedade de promoção de cursos de graduação, pós-graduação, extensão, aperfeiçoamento e especialização, e os de graduação dividem-se em um ciclo básico e um ciclo profissional.

Assim, a autora (1984) resume as características da Reforma Universitária de 68:

- a) **integração de cursos, áreas, disciplinas;** (grifo nosso)
- b) composição curricular, que possibilita a matrícula por disciplina e a presença de disciplinas obrigatórias e optativas;
- c) centralização da coordenação administrativa, didática e de pesquisa;
- d) cursos de vários níveis e de duração diferente;
- e) incentivo formal à pesquisa;
- f) dinamização da extensão universitária.

À reforma universitária de 68, seguiu-se um longo período de discussão sobre o ensino superior brasileiro pós-regime militar, que resultou na publicação, em 1996, da LDB 9.394, cujo capítulo IV dispõe sobre as finalidades da educação superior.

Art.43. A educação superior tem por finalidade:

- I. estimular a criação cultural e o desenvolvimento de espírito científico e do pensamento reflexivo;
- II. formar diplomados nas diferentes áreas de conhecimentos aptos para a inserção em setores profissionais e para a participação no desenvolvimento da sociedade brasileira, e colaborar na sua formação contínua;
- III. incentivar o trabalho de pesquisa e investigação científica, visando ao desenvolvimento da ciência e da tecnologia e a criação e difusão da cultura e, desse modo, desenvolver o entendimento do homem e do meio em que vive;
- IV. promover a divulgação de conhecimentos culturais, científicos e técnicos que constituem patrimônio da humanidade e comunicar o saber através do ensino, de publicações ou de outras formas de comunicação;
- V. **suscitar o desejo permanente de aperfeiçoamento cultural e profissional e possibilitar a correspondente concretização, integrando os conhecimentos que vão sendo adquiridos numa estrutura intelectual sistematizadora do conhecimento de cada geração;** (grifo nosso)
- VI. estimular o conhecimento dos problemas do mundo, em particular os nacionais e regionais, prestar serviços especializados à comunidade e estabelecer com esta uma relação de reciprocidade;
- VII. promover a extensão, aberta à participação da população, visando à difusão das conquistas e benefícios resultantes da criação cultural e da pesquisa científica e tecnológica geradas na instituição. (BRASIL, 1996)

No mesmo sentido, Denker (2002, p. 56) sintetiza as finalidades da educação superior expressas no Art. 143 da LDB/96. Desse modo, enfatiza que:

[...] as preocupações referem-se ao estímulo, à criação e à difusão do conhecimento por meio de uso do método científico, à questão da formação profissional e integração dos futuros bacharéis no mercado de trabalho, à difusão e à construção do conhecimento de forma integrada, à abertura em relação aos problemas mundiais e à participação efetiva na vida das comunidades. (BRASIL, 1996)

Na visão da autora, a concepção de ensino consagrado na LDB/96 limitou-se à “transmissão de conhecimentos, impermeável ao objetivo de construção do saber”.

A proximidade do novo milênio vai mostrar que as lacunas deixadas pela legislação são acentuadas por novas exigências do mercado de trabalho, dentre as quais uma necessária articulação entre as disciplinas, como se verá nos tópicos seguintes.

2.2 O ensino superior brasileiro no século XXI

A regulamentação do ensino superior brasileiro, conforme mencionado, deixou várias lacunas, dentre as quais a escassez de reais mudanças no setor. Para comprovar essa afirmação, Bursztyn (2005, p. 38) relata que a Universidade brasileira “chega ao século XXI com um conjunto de desafios e de questões profundas a serem resolvidas, tanto no âmbito nacional como no internacional”. Para o autor (2005), dentre os temas nacionais, sobressaem discussões em torno de:

Quotas para segmentos sociais que historicamente foram excluídos do acesso ao ensino superior; uma nova geografia regional da oferta de cursos e a indução de novas formações, em consonância com cenários evidentes sobre o futuro de certas profissões e com a identificação de vocações e oportunidades para se chegar a um Projeto Nacional de Desenvolvimento. Bursztyn (2005)

Dentre outras questões citadas pelo autor em relação aos temas internacionais, destaca-se a **articulação entre disciplinas**. Bursztyn (2005, p. 38) assinala que a Universidade enfrenta dois caminhos, ambos dotados de riscos preocupantes:

- a) adaptação ao pragmatismo do mercado, criando linhas de ciência e tecnologia segundo a lógica de demandas de clientes, conduzindo ao risco da valorização das atividades de mercado em detrimento do caráter de universalidade;
- b) fechamento da Universidade na tradição de sua organização fragmentada, com risco de “embotamento, isolamento e perda de legitimidade de seu papel e de suas práticas.”

A mesma preocupação com os rumos da educação no novo milênio conduziu à realização do Seminário Internacional Universidade XXI, em 2003, em Brasília, com o objetivo de “promover um amplo debate sobre o panorama da educação superior no mundo contemporâneo, visando obter subsídios para uma reforma do sistema brasileiro de educação superior” (SEMINÁRIO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE XXI, 2003).

O Seminário apontou a característica principal da crise atual do ensino superior, no Brasil e no mundo: sua incapacidade de enfrentar os desafios e de dar respostas adequadas às necessidades sociais de um mundo globalizado que não é solidário na produção, distribuição e utilização democrática do conhecimento.

No caso específico do Brasil, no documento síntese do citado Seminário, relata-se que as diversas exposições apontaram para a necessidade de enfrentar principalmente os problemas da desigualdade das oportunidades de acesso e da qualidade do ensino. Então, segundo o documento:

O processo de democratização, iniciado a partir de 1985, não priorizou a formulação e a implementação de uma política de educação superior voltada para enfrentar efetivamente estes problemas, o que dificultou sobremaneira a adoção de soluções compatíveis com as necessidades da democracia. (SEMINÁRIO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE XXI, 2003)

Os diversos debates realizados durante o Seminário apontaram algumas diretrizes para uma nova Universidade, dentre elas: **desenvolver esforço sistemático de diálogo inter e transdisciplinar; desenvolver a multi e a interdisciplinaridade; integrar conhecimento, educação e produção;** (grifo nosso).

As estratégias apontadas pelo Seminário Internacional Universidade XXI (2003) incluem:

- a) o desenvolvimento de uma cultura de diálogo e de cooperação com a sociedade e demais atores dos processos de transformação social;
- b) a definição clara, pela universidade, de seus objetivos, metas e diversificação de seu cenário de atuação, bem como o papel de cada componente do sistema;
- c) a descentralização e interiorização, no país, das instituições de educação superior;
- d) o desenvolvimento de programas e currículos críticos, mais flexíveis e multidisciplinares;** (grifo nosso)
- e) a formação contínua dos professores;
- f) a democratização do acesso à universidade.

Embora algumas das medidas educacionais citadas apontem para um avanço na qualidade do ensino, vozes discordantes alertam para o aspecto da “excelência acadêmica”. Nesse sentido, Demo (2001, p. 4) afirma que:

Estamos muito atrasados [...] porque continuamos a cultivar o mero ensino, dentro da lógica ultrapassada e muito dispendiosa do currículo extensivo instrucionista. A resistência ao currículo intensivo se deve, em grande parte, ao temor de inovar, dentro da instituição que se habituou a considerar-se inovadora. Não é mais.

Para superar esses limites, a Interdisciplinaridade é apontada como uma das saídas por inúmeros educadores, como se verá a seguir.

2.3 Interdisciplinaridade no ensino superior brasileiro

A cultura contemporânea é baseada em uma compartimentalização do saber. A educação acompanha tal fato, tendo em vista que a organização curricular isola as disciplinas como realidades estanques, sem conexão, o que impossibilita a compreensão do conhecimento de forma integrada e, por conseqüência, uma percepção totalizante da realidade.

Para Schwartzman (1992), o conhecimento humano é fruto da interpretação da realidade e sua expansão iniciou o processo de especialização, dando origem a novos campos e áreas do conhecimento. A disciplinarização foi o *modus operandi* dessa especialização, por meio da delimitação de campos específicos para cada forma de abordagem de um determinado aspecto da realidade.

Nesse sentido, Mann (2002, p. 1, tradução nossa) comenta que:

[...] quase todos nós, como acadêmicos, fomos treinados numa disciplina individual. Pensamos sobre as coisas como historiadores, físicos, filósofos ou sociólogos. [...] E a maioria de nós pensa que nossa maneira de ver as coisas é a melhor.

Parece haver um consenso de que os caminhos para a expansão do conhecimento passam, no mundo atual, pela Interdisciplinaridade. Essa afirmação se deve à constatação de mudanças que se impõem não somente à prática da pesquisa, mas também às diversas formas de aplicação do conhecimento.

Assim, Jantsch e Bianchetti (2004, p. 198) esclarecem que:

O interdisciplinar está se estabelecendo, hoje, não porque os homens decidiram, mas sim pela pressão, pelas necessidades colocadas pela materialidade do momento histórico. A materialidade histórica exige a presença da ciência e da tecnologia em qualquer espaço de atuação e de possível colaboração da universidade, seja no sentido instrumental ou no sentido da criação.

2.3.1 Em busca de uma definição

Para Fazenda (2005a, p.29), a Interdisciplinaridade “é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem trançado e flexível.” Suas palavras revelam, pela metáfora, a dificuldade de, objetivamente, definir o termo em questão. A autora (2005) acrescenta que “a interdisciplinaridade jamais se define e jamais se dá a definir. [...] Interdisciplinaridade não se ensina, nem se aprende: vive-se, exerce-se”.

O termo Interdisciplinaridade não possui ainda um sentido único e estável e, embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, o princípio é sempre o mesmo: caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas em um projeto de pesquisa. (FAZENDA, 2002a, p. 31).

A autora (2002a), ao reconhecer a vastidão da terminologia usada, reduz os conceitos a quatro básicos: pluri, multi, inter e transdisciplinaridade. Nas duas primeiras, ocorreria uma justaposição de conteúdos de disciplinas heterogêneas ou a integração de conteúdos em uma mesma disciplina.

Em termos de interdisciplinaridade, Fazenda (2002a, p.31) postula que:

[...] ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou, melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados, dependendo basicamente de uma atitude cuja tônica primeira será o estabelecimento de uma intersubjetividade

Pombo (2005a) apresenta diversos conceitos de interdisciplinaridade, dentre eles:

Interação existente entre duas ou mais disciplinas. Esta interação pode ir desde a simples comunicação das idéias até à integração mútua dos conceitos directivos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da investigação e do ensino correspondentes. (Berger).

Integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber (Palmade).

Princípio de organização que visa a coordenação dos temas, dos conceitos e das configurações disciplinares (Jantsch).

Intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências. Esta cooperação tem como resultado um enriquecimento recíproco. (Piaget).

No mesmo trabalho, a autora (2005a) apresenta subclassificações de Interdisciplinaridade, como: "auxiliar, complementar, compósita, de engrenagem, estrutural, heterógena, linear, restritiva, unificadora e pseudointerdisciplinaridade". Já Leis (2005) alerta para o fato de que "a pretensão de colocar 'ordem' na 'desordem' é vã e, no limite, atenta contra a prática da interdisciplinaridade".

Para Jantsch e Bianchetti (2002), trata-se de entender o fenômeno mais como uma prática em andamento do que como um exercício orientado de epistemologias e metodologia perfeitamente definidas, devendo-se discordar da busca de homogeneização da interdisciplinaridade e/ ou enquadramento conceitual. Assim, os autores (2002) afirmam que:

Qualquer demanda por uma definição unívoca e definitiva do conceito de interdisciplinaridade deve ser rejeitada, por tratar-se de proposta que inevitavelmente está sendo feita a partir de alguma das culturas disciplinares existentes. Em outras palavras, a tarefa de procurar definições “finais” para a interdisciplinaridade não seria algo propriamente interdisciplinar, senão disciplinar.

Nesse sentido, Klein (1990, p. 55) afirma que:

[...]interdisciplinaridade é normalmente definida sob quatro aspectos”:

- a) como exemplo, para designar a forma que ela assume;
- b) como motivação, para explicar por que ocorre;
- c) como princípios de interação, para demonstrar o processo como interagem as disciplinas;
- d) como hierarquia terminológica, para distinguir níveis de integração por meio do uso de rótulos específicos. (Tradução livre da autora)

Já Mann (2002, p. 1) informa que:

A definição é múltipla e complexa.[...] Nenhuma prática é perfeita, nenhuma forma abrange tudo. Mesmo a promessa da interdisciplinaridade causa vertigem: aponta horizontes selvagens, desconhecidos, desafia as disciplinas, unifica o conhecimento, resolve problemas, muda o mundo. Os entusiastas vêem a interdisciplinaridade como a onda do futuro; os céticos a consideram um modismo. (Tradução nossa)

A preocupação com a nomenclatura desvia a atenção do fato primordial de que o fenômeno não é suficientemente utilizado e colocado em parâmetros fixos a ponto de possibilitar tal classificação.

Uma das explicações para a indefinição do termo pode estar na constatação de que os movimentos interdisciplinares partem de diversas premissas. Um exemplo disso é dado pela classificação oferecida por Lenoir e Hasni (2004), sintetizada no quadro a seguir.

Cultura francesa	Cultura americana	Cultura brasileira
Racionalidade científica	Cunho metodológico	Enfoque centrado no ator
Ênfase nos saberes disciplinares	Centrado na busca de significado	Ênfase das dimensões humanas e afetivas
Lógico-racional	Lógica instrumental	Lógica subjetiva
Busca da unificação do saber científico	Busca de funcionalidade social	Busca do próprio ser

Quadro 1. Conceitos de interdisciplinaridade

Fonte: A autora. Adaptado de Lenoir e Hasni (2004)

Diante do exposto, evidencia-se a natureza polissêmica da interdisciplinaridade. Entretanto, deve-se notar que, paralelamente à elasticidade de seu campo semântico, o termo

precisa buscar, na atuação do docente, um significado mais preciso e uno, no sentido da articulação e da integração das disciplinas e da cooperação entre os responsáveis por essas mesmas disciplinas.

Evidenciada a indefinição do termo, esta pesquisa passa a enfatizar a contextualização da interdisciplinaridade em seu aspecto temporal.

2.3.2 Cronologia da interdisciplinaridade

O processo de especialização do saber predominou até a segunda metade do século XX, momento em que foi explicitada a necessidade de uma comunicação entre as especialidades. Atualmente, os saberes exigem um diálogo que interconecta diversas áreas previamente delimitadas. Dessa forma, Gallo (2000) expõe que:

O mesmo processo de crescimento da complexidade do saber humano sobre o mundo que gerou a necessidade da especialização vem, ultimamente, questionando a compartimentalização e apontando a necessidade premente de se buscar o rompimento das barreiras que se construíram entre os diferentes campos dos saberes. A visão mecânica do mundo precisa ser substituída por uma visão orgânica.

Para o autor (2000), no entanto, a estrutura educacional brasileira está longe de elaborar tal substituição de visão de mundo. A organização do conhecimento em disciplinas está cristalizada nos currículos escolares como forma de acesso do aluno aos diferentes saberes.

Gallo (2000) aponta alguns aspectos negativos desse cenário, em que cada professor é um arquivista especializado em uma disciplina e tem a função de possibilitar aos alunos o acesso às informações ali contidas. O argumento pedagógico subjacente é que se torna mais fácil também para os alunos o acesso e a compreensão do conteúdo curricular.

Tal fato leva à questão da relação entre o aluno e a realidade, sobre a qual deve atuar no sentido de transformá-la. Assim, Freire (1977, p. 27) afirma que:

Conhecer, na dimensão humana, [...] não é o ato através do qual um sujeito, transformado em objeto, recebe, dócil e passivamente, os conteúdos que outro lhe dá ou impõe. O conhecimento, pelo contrário, exige uma presença curiosa do sujeito em face do mundo. Requer sua ação transformadora sobre a realidade. Demanda uma busca constante. Implica em invenção e reinvenção. Reclama a reflexão crítica de cada um sobre o ato mesmo de conhecer, pelo qual se reconhece conhecendo e, ao reconhecer-se assim, percebe o “como” de seu conhecer e os condicionamentos a que está submetido seu ato.

Esse diálogo entre o homem e o mundo está presente na visão socioantropológica de Jantsch, sintetizada por Fazenda (1999, p. 36) como uma concepção de ensino como meio de auto-renovação, de engajamento na problemática político-social, tornando-se então agente e paciente das transformações científicas e sociais. Desse modo, busca-se passar ‘de um ensino alienado’ para uma ‘educação engajada’.

Então, Freire (1977 p. 28) teoriza que:

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais.

Historicamente, a interdisciplinaridade surgiu em meados da década de 60 na Europa, quando os movimentos estudantis reivindicavam um novo estatuto de universidade. Em 1961, Gusdorf apresentou um projeto de pesquisa interdisciplinar para as ciências humanas, orientando-as para a convergência, em vista da unidade humana. Em torno dessa proposta, reuniu-se um grupo patrocinado pela UNESCO, organizado em diferentes áreas do conhecimento.

No Brasil, de acordo com Fazenda (1993, p. 22), os estudos sobre interdisciplinaridade são divididos em momentos distintos:

- I. 1970 – busca da definição;
- II. 1980 – tentativa de explicitação de um método;
- III. 1990 – busca da construção de uma teoria da interdisciplinaridade.

No primeiro momento, a tentativa de definir interdisciplinaridade a coloca em paralelo e oposição à pluridisciplinaridade e à multidisciplinaridade. Na época, a discussão sobre o tema revelava “uma necessidade de atermo-nos às múltiplas exigências e à pluralidade de informações e conhecimentos que a vida profissional exige”. (FAZENDA, 1993, p. 22).

Os estudos realizados na década de 1980 levaram a autora a sintetizar os avanços da questão da interdisciplinaridade:

- a) a atitude interdisciplinar não seria apenas resultado de uma simples síntese, mas de sínteses imaginativas e audazes;
- b) interdisciplinaridade não é categoria de conhecimento, mas de ação;

- c) a interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar;
- d) entre as disciplinas e a interdisciplinaridade existe uma diferença de categoria;
- e) a interdisciplinaridade desenvolve-se a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas.

A década de 90 representou, para a autora (1993), a constatação de “uma proliferação indiscriminada de práticas intuitivas, pois os educadores perceberam que não é mais possível dissimular o fato de que a interdisciplinaridade é exigência primordial da proposta atual de conhecimento”.

Fazenda (2002a), revê seus estudos sobre o tema, dentre outros aspectos, do ponto de vista da legislação educacional brasileira. Segundo a autora (2002a), a Lei 5.540/68 regulamentou a organização e o funcionamento do Ensino Superior, articulando-o ao ensino médio. Embora não se refira diretamente à interdisciplinaridade, apresenta uma referência indireta. Assim, diz (2002a) que:

Nos órgãos de Supervisão do Ensino e da Pesquisa da Administração Superior da Universidade, deverão participar docentes de vários setores básicos e de formação profissional. Além disso, a universidade poderá também criar órgãos setoriais, destinados a coordenar unidades afins para integração de suas atividades (art.13.-Lei 5.540/88-CFE).

A mesma autora (2002a, p. 77) revela que a Indicação 67/75, do CFE, já apontava para a necessidade de adoção da interdisciplinaridade nos cursos de graduação:

Na base de tudo encontra-se a mesma visão exclusivista da educação e dos outros campos utilizados em seu estudo, como se individualizar o fenômeno educativo importasse em caracterizá-lo como um mundo autônomo fechado aos demais. Poucos setores, ou talvez nenhum, podem hoje ser assim considerados; o que explica uma crescente busca de interdisciplinaridade como recurso para, tanto quanto possível, restabelecer a perdida unidade do saber.

Fazenda (1999, p. 34) conclui que a análise da legislação mostra uma inexatidão conceitual e utilização indevida de termos. Um exemplo seria a utilização do termo para significar trabalho em equipe, o que pode gerar equívocos, já que trabalho em equipe sem objetivos e planejamento não constitui interdisciplinaridade.

Evidencia-se, então, que a legislação educacional, até aquele momento, não havia explicitado o processo de interdisciplinaridade e nem havia apresentado subsídios significativos para a implantação efetiva do fenômeno no ensino superior brasileiro.

Uma vez que a própria legislação apresenta lacunas, é necessário refletir sobre a interdisciplinaridade, com o objetivo de demonstrar os aspectos positivos e a necessária cautela em relação à sua generalização.

2.3.3 Interdisciplinaridade: considerações críticas

Freqüentemente, a interdisciplinaridade é considerada uma espécie de “poção mágica” que solucionaria todas as seculares mazelas da educação superior. Contra essa postura radical, Morin (2000) assevera que

[...] as disciplinas se fecham e não comungam umas com as outras. Os fenômenos são cada vez mais fragmentados, e não consegue conceber-se sua unidade. É por isso que se diz cada vez mais: *‘Façamos a interdisciplinaridade.’* Mas a interdisciplinaridade controla tanto as disciplinas quanto a ONU controla as nações. Cada disciplina pretende fazer reconhecer a sua soberania territorial, e, à custa de algumas magras trocas, as fronteiras confirmam-se em vez de desmoronarem.

Já Pombo (2003) aponta o equívoco de se confundir qualquer trabalho em grupo com interdisciplinaridade: “[...] é sempre a idéia embrionária - e muito ingênua – de que a simples presença física (ou virtual) de várias pessoas em torno de uma mesma questão criaria automaticamente um real confronto de perspectivas, uma discussão mais rica”.

Segundo Gusdorf (1977, p. 29), a reunião de especialistas em torno de uma mesa, na maioria das vezes, “nada tem a ver nem com a pluri, nem com a multi, nem com a trans, nem com interdisciplinaridade”, mas “tudo a ver com a disciplinaridade”.

Para que a equipe torne-se intrinsecamente interdisciplinar, é necessário que seus componentes procurem ultrapassar os próprios princípios discursivos, as perspectivas teóricas e os modos de funcionamento em que foram formados.

Fazenda (1996, p. 32) reforça a idéia ao afirmar que o ensino interdisciplinar nasce da proposição de “novos objetivos, de novos métodos, de uma nova pedagogia, cuja tônica primeira é a supressão do monólogo e a instauração de uma prática dialógica”. Ainda na visão da autora (1996), esse processo enfrenta sérios obstáculos, de ordem:

- a) psicossociológica e cultural: montar uma equipe com uma linguagem comum é difícil, pois há o desconhecimento do real significado do projeto interdisciplinar, a falta de formação específica, a situação estabelecida e o medo de perder prestígio pessoal;
- b) metodológica: pela exigência do questionamento das formas de desenvolvimento do conteúdo das disciplinas, em função do tipo de indivíduo que se pretender formar;

- c) material: a efetivação da Interdisciplinaridade exige planejamento de espaço, tempo e previsão orçamentária adequada.

Na mesma obra, a autora (1996) já alertava para não considerar a interdisciplinaridade como “panacéia que garantirá um ensino adequado ou um saber unificado, mas um ponto de vista que permitirá uma reflexão aprofundada, crítica e salutar sobre o funcionamento do ensino.” (FAZENDA, 1996, p. 32).

Nissani (2006) indica alguns contextos em que a Interdisciplinaridade pode ser encontrada:

- a) no conhecimento interdisciplinar, que envolve familiaridade com aspectos de duas ou mais disciplinas;
- b) na pesquisa interdisciplinar, que combina componentes de duas ou mais disciplinas na procura de conhecimento novo ou expressão artística;
- c) na educação interdisciplinar, que combina componentes de duas ou mais disciplinas em um único programa de aprendizagem. (Tradução nossa).

Desde que colocada sob essa visão crítica, a Interdisciplinaridade pode ser considerada, dentre outras, segundo Fazenda (2002a, p. 32):

- a) um meio de conseguir melhor formação geral, pois somente um enfoque interdisciplinar pode possibilitar certa identificação entre o vivido e o estudado, desde que o vivido resulte da inter-relação de múltiplas e variadas experiências;
- b) um meio de atingir uma formação profissional, já que permite a abertura a novos campos do conhecimento e a novas descobertas;
- c) uma condição para uma educação permanente, posto que por meio da intersubjetividade, característica essencial da interdisciplinaridade, será possível a troca contínua de experiências;
- d) uma forma de compreender e modificar o mundo; posto que o homem é agente e paciente da realidade do mundo, torna-se necessário um conhecimento efetivo dessa realidade em seus múltiplos aspectos.

Schwartzman (1992) alerta para o fato de que:

O problema da integração da vida cultural é hoje o de tornar possível que pessoas que vivem em mundos diferentes tenham um impacto genuíno e recíproco umas sobre as outras. Se é verdade que existe algum tipo de consciência geral, ela consiste na interação entre uma multidão de visões não completamente comensuráveis, e a vitalidade desta consciência depende da criação das condições sob as quais esta interação irá ocorrer. E para isto, o primeiro passo consiste, certamente, em aceitar estas diferenças; o segundo em entender em que estas diferenças consistem; e o terceiro em construir um tipo de vocabulário através do qual estas diferenças possam ser formuladas publicamente.

A interdisciplinaridade exige uma nova visão de escola, criativa, ousada e com uma nova concepção de divisão do saber, que garanta a especificidade de cada conteúdo paralelamente à sua integração em um todo harmonioso e significativo.

2.3.4 Interdisciplinaridade e as competências exigidas pelo mercado de trabalho

A relação entre interdisciplinaridade e mercado de trabalho ficou explícita na Conferência Mundial sobre o Ensino Superior, realizada em 1988, em Paris. O evento resultou em um importante documento que, dentre outros tópicos, enfatiza o aspecto de “responder às exigências do mundo do trabalho”.

Embora haja muitas divergências entre os *experts* na área de ensino superior quanto à importância do mercado de trabalho, alguns pontos convergentes apontados pela Conferência são significativos.

De acordo com os Anais da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior de 1998 (UNESCO, 1999, p. 319), no futuro, presume-se que o ensino superior, dentre outros aspectos:

- a) dê mais atenção às competências genéricas, às qualificações sociais e ao desenvolvimento da personalidade;
- b) redefina sua função na evolução para uma sociedade da aprendizagem ao longo de toda a vida;
- c) prepare estudantes para a globalização e a internacionalização das dimensões econômicas e societárias da vida;
- d) **implemente formas de comunicação regulares entre o ensino superior e o mundo do trabalho.** (grifo nosso)

Ademais, o mesmo documento informa que:

A maioria dos experts está de acordo em dizer que o ensino superior deve ficar bem informado sobre aquilo que o mundo externo espera dele, a fim de se antecipar às demandas previsíveis e responder assim à necessidade de preparar os estudantes para funções ainda indeterminadas ou para novas modalidades de emprego que lhes reserva o futuro e para contribuírem para as inovações que lhes serão demandadas pela sociedade.(UNESCO, 1999, p. 337).

Se a sociedade “demanda” aos estudantes contribuições para inovações, é certo que o mesmo é feito às instituições do ensino superior, das quais se espera, de acordo com o documento referido (1999), uma contribuição para que os estudantes obtenham as seguintes competências para o mercado de trabalho:

- a) mostrar flexibilidade;
- b) ser capaz e querer contribuir para a inovação e demonstrar criatividade;
- c) ser capaz de enfrentar a incerteza;
- d) estar animado pelo desejo e dotado de meios para aprender ao longo de toda a vida;
- e) ter adquirido sensibilidade social e aptidões para a comunicação;
- f) ser capaz de trabalhar em equipe;
- g) estar pronto a assumir responsabilidades;
- h) ter espírito empreendedor;
- i) preparar-se para a internacionalização do mercado de trabalho, familiarizando-se com culturas diferentes;
- j) **possuir um largo espectro de competências genéricas em disciplinas variadas e ser versado nos campos de conhecimento que formam a base de diversas competências profissionais**, especialmente as novas tecnologias. (Grifo nosso).

As razões do destaque dado às competências genéricas são, ainda de acordo com os Anais da Conferência Mundial sobre o Ensino Superior (UNESCO, 1999, p. 319), “várias e evidentes”:

- 1) Os conhecimentos especializados profissionais tornam-se rapidamente obsoletos, o que exige aprendizagem ao longo de toda a vida e formação profissional permanente;
- 2) Os campos de competência de um grande número de profissões ou funções nas empresas não são nitidamente delimitados, e definem-se principalmente em relação aos conhecimentos que emanam de diferentes disciplinas;

- 3) A generalização de acesso ao ensino superior, os problemas de emprego e as mudanças dinâmicas na economia suscitam deficiências de correspondência entre as competências dos diplomados e as exigências do sistema de emprego.

Acredita-se que pessoas que aprenderam a ser flexíveis e adquiriram uma formação geral estão mais aptas a enfrentar problemas diante de disfunções e a se adaptar mais facilmente a tarefas inesperadas.

Nesse sentido, a Conferência Mundial sobre o Ensino Superior (UNESCO, 1999, p. 340) destaca algumas orientações quanto aos programas universitários, entre delas algumas a seguir.

1. “Orientação para a prática”

Cabe à universidade organizar o ensino de maneira a focar programas, ensino e aprendizagem mais centrados na prática, tendo em vista um saber imediatamente aplicável no trabalho e a relação mais complexa entre a aprendizagem e o trabalho no campo dos conhecimentos de alto nível e das tarefas complexas do ponto de vista cognitivo.

2. “Aprendizagem interdisciplinar”

O documento aponta para um ensino superior que ofereça mais possibilidades de aprendizagem interdisciplinar:

O apelo à interdisciplinaridade no ensino e na aprendizagem repousa na idéia de que as disciplinas tendem a compartimentar o saber e a admitir fronteiras artificiais, isto é, que não correspondem aos fenômenos reais a analisar, aos problemas a compreender e eventualmente a resolver com a ajuda do saber sistemático. (UNESCO, 1998, p. 348)

Essa postura é condizente com uma relação mais nítida de cooperação entre o ensino superior e o mundo do trabalho. Sabe-se que as conexões com o mundo do trabalho evidenciam a responsabilidade acadêmica, como justifica o texto da UNESCO (1998, p. 348):

Quanto mais o saber se torna uma força produtiva, mais o ensino superior deverá dar uma contribuição visível à economia e à sociedade. Os *experts* estão amplamente de acordo em dizer que os estabelecimentos de ensino superior devem tomar mais nitidamente consciência de seu papel em relação ao mundo do trabalho.

Caberia, então, ao ensino superior, a tarefa de formar estudantes “capazes de questionar as regras existentes e os instrumentos de trabalho, de se dedicarem a tarefas

indeterminadas e de serem agentes de inovação”. Assim, no documento (1998, p.348), conclui-se que:

Atualmente, é consensual que o ensino superior não pode se permitir enterrar a cabeça na areia quando se defronta com o mundo do trabalho; quanto mais os responsáveis pela sorte do ensino superior estiverem a par das realidades do mundo do trabalho, mais aptos serão para agir com discernimento, precisão e previdência.

Siqueira (2003) afirma que, “no contexto pós-moderno, marcado por profundas mudanças de todas as ordens, a questão referente à formação interdisciplinar dos indivíduos vem se fazendo presente com muita força nos espaços educativos formais e informais”.

Para o autor (2003), existe um grande grupo, voltado à nova configuração global do mundo do trabalho, defensor da tese de que a preocupação central da educação deve ser formar uma mão-de-obra competente. Para atingir esse objetivo, é necessária uma formação interdisciplinar, “que, sob essa ótica, fica associada às novas formas de organização do mundo do trabalho e da produção resultantes da acumulação flexível de capitais”.

Assim, o mesmo autor (2003) esclarece que:

Acho relevante destacar que uma formação interdisciplinar também diz respeito à formação de indivíduos aptos ao novo mundo do trabalho, o qual é marcado por mudanças que se assentam nos saberes e competências dos indivíduos e, cujas possibilidades, passam por uma formação interdisciplinar que possibilite ao indivíduo combinar saberes, competências e percepção ética em um contexto de trabalho marcado pela presença das novas tecnologias.

O autor (2003) ainda considera que a formação interdisciplinar facilita os indivíduos no desenvolvimento de novos saberes e novas competências que hoje são requisitados, dentre os quais:

- a) a capacidade de abstração, de seleção, interpretação e processamento de informações;
- b) a capacidade de comunicação;
- c) a capacidade de identificar e resolver problemas com agilidade;
- d) a capacidade de adquirir visão de conjunto do processo produtivo;
- e) a capacidade de assumir múltiplos papéis;
- f) a flexibilidade para adaptar-se às novas situações;
- g) a capacidade de gerar resultados;
- h) a busca de aperfeiçoamento contínuo;
- i) a capacidade de liderança e de gerenciamento.

2.4 Formação do contador no Brasil: cronologia e legislação

A evolução da Contabilidade foi identificada e estudada por vários autores, sob diferentes perspectivas, conforme apresentado a seguir:

Sobre o assunto, Melis (1950, p. 3) ressalta que:

A Contabilidade, e sua principal e mais característica manifestação – a conta – é tão antiga quanto é a civilização construída pelos homens. A história da Contabilidade é, em certo ponto, uma consequência da história da civilização, tanto em suas vicissitudes como nas mais altas manifestações da referida civilização, sobretudo no campo econômico.

Vlaemminck (1961, xiii) estabelece uma correlação da evolução da Contabilidade com a Economia. Nesse sentido, postula (1961) que:

A contabilidade é indubitavelmente uma técnica auxiliar da Economia. Como consequência aparece, se expande e se degenera ou se retrai ao compasso da evolução econômica das civilizações, nas diversas regiões e distintas épocas de sua história. Trataremos de nos manifestar sobre o paralelismo entre a evolução econômica geral e a evolução de um dos métodos a serviço da economia das empresas: a técnica das contas.

Já Iudícibus (2006, p. 31) indica que:

Em termos de entendimento da evolução histórica da disciplina é importante reconhecer que raramente o “estado da arte” se adianta muito em relação ao grau de desenvolvimento econômico, institucional, e social das sociedades analisadas, em cada época. O grau de desenvolvimento das teorias contábeis e de suas práticas está diretamente associado, na maioria das vezes, ao grau de desenvolvimento comercial, social e institucional das sociedades, cidades ou nações.

Em sua obra, Sá (1997, p. 16) informa que “a contabilidade nasceu com a civilização e jamais deixará de existir em decorrência dela: talvez, por isso, seus progressos quase sempre tenham coincidido com aqueles que caracterizam os da própria evolução do ser humano”.

Schmidt (2000, p. 12), em um trabalho de cunho histórico, assevera que:

Dentro de um aspecto arqueológico, a Contabilidade manifestou-se há quase dez séculos, portanto, muito antes do próprio homem ter desenvolvido o espírito de civilidade. Assim como o homem progrediu, a Contabilidade, como uma ferramenta indispensável para o progresso da humanidade, perseguiu esse progresso. A epitome do enredo evolutivo da Contabilidade leva ao desfecho de que, assim como qualquer ramo do conhecimento intimamente relacionado com o contexto social, a História do Pensamento Contábil (HPC) produto do meio social em que o usuário está inserido, tanto em termos de espaço como em termos de tempo.

A referida evolução foi também estudada por Peleias e Bacci (2004), especificamente em relação ao Brasil. Os dois autores (2004) afirmam que:

A partir da mudança econômica, política e social desencadeada com a vinda da Família Real para o Brasil, e a conseqüente evolução da então Colônia, que depois se tornou Reino Unido, Império e finalmente República, à Contabilidade foram apresentados vários desafios, superados de acordo com os fatos relatados. É possível identificar que as primeiras regulamentações criaram as necessidades iniciais para o ensino comercial, e a demanda por profissionais melhor qualificados foi o ponto de partida para as primeiras ações rumo à organização da profissão e criação dos órgãos de classe.

O ensino superior de Contabilidade surgiu da necessidade de continuar o processo de evolução do ensino comercial, e a primeira escola a oferecer cursos regulares foi a Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado – FECAP, iniciada em 1902. A criação desse curso foi possível pelo Decreto-Lei 7.988, de 22/09/45 (BRASIL, 1945), considerado o marco da criação do curso de Ciências Contábeis e Atuariais, conferindo aos formandos o grau de Bacharel.

Em 27/05/1946, por meio do Decreto-Lei 9295/1946, foi criado o CFC - Conselho Federal de Contabilidade, e definidas as atribuições do Contador, indicadas no artigo abaixo:

Art. 25. São considerados trabalhos técnicos de Contabilidade:

- a) organização e execução de serviços de contabilidade em geral;
- b) escrituração dos livros de contabilidade obrigatórios, bem como de todos os necessários no conjunto da organização contábil e levantamento dos respectivos balanços e demonstrações;
- c) perícias judiciais ou extra-judiciais, revisão de balanços e de contas em geral, verificação de haveres revisão permanente ou periódica de escritas, regulações judiciais ou extra-judiciais de avarias grossas ou comuns, assistência aos Conselhos Fiscais das sociedades anônimas e quaisquer outras atribuições de natureza técnica conferidas por lei aos profissionais de contabilidade.

O CFC, em 28/10/1983, emitiu a Resolução 560/1983, cujo objetivo era esclarecer as prerrogativas anteriormente determinadas. Tal resolução está dividida da seguinte forma:

- a) Capítulo I – DAS ATRIBUIÇÕES PRIVATIVAS DOS CONTABILISTAS: contém quatro artigos. Os dois primeiros indicam as funções (e suas titulações) que podem ser exercidas pelo Contabilista e o terceiro artigo apresenta um rol de quarenta e oito atribuições privativas dos profissionais de Contabilidade;

- b) Capítulo II – DAS ATIVIDADES COMPARTILHADAS: contém dois artigos. No primeiro são indicadas algumas atividades compartilhadas, ou seja, aquelas cujo exercício é prerrogativa também de outras profissões. (CFC, 1983).

Ao analisar tal resolução, nas atribuições privativas dos contabilistas, verifica-se a necessidade de conhecimentos de outras Ciências, como: Administração, Direito, Economia, Marketing, Matemática, dentre outras. Nas atividades compartilhadas percebe-se, com mais ênfase, além das Ciências já citadas, outras, como: Psicologia e Sistemas de Informação.

A criação dos cursos de Ciências Contábeis ocorreu efetivamente com o advento da Lei 1.401 de 31/07/51 (BRASIL, 1951), que desdobrou o curso de Ciências Contábeis e Atuariais em dois, possibilitando aos concluintes receberem o título de Bacharel em Ciências Contábeis.

Em relação à década de 1960, Rosella et. al. (2006, p. 30) indicam que grandes mudanças ocorreram no ensino superior em função da Lei no. 4.024 de 20 de dezembro de 1961 (BRASIL, 1961). Essa Lei fixou as Diretrizes e Bases da Educação Nacional, os currículos mínimos e a duração dos cursos superiores destinados à formação de profissões regulamentadas em Lei. Assim, Rosella et. al. (2006, p. 30) constataam que:

Uma mudança significativa no ensino superior de Contabilidade ocorreu por meio do Parecer CFE no. 397/1962, que dividiu os cursos de Ciências Contábeis nos ciclos de formação básica e de formação profissional. O ciclo de formação básica englobava as disciplinas de matemática, estatística, direito e economia, e o ciclo de formação profissional, as disciplinas de contabilidade geral, contabilidade comercial, contabilidade de custos, auditoria, análise de balanços, técnica comercial, administração e direito tributário. A Resolução CFE s/n, de 8 de fevereiro de 1963, fixou os mínimos de duração do curso de Ciências Contábeis, e ratificou o conteúdo do Parecer CFE no. 397/1962.

Para os mesmos autores (2006, p. 30), durante o restante da década de 1960 e durante as décadas de 1970 e de 1980, não houve outras alterações no ensino superior de Contabilidade por determinação legal.

A reforma do currículo de Ciências Contábeis voltou a ocorrer por meio da Resolução 03/92 (BRASIL, 1992), que criou um currículo mínimo para o curso, objetivando contribuir para uma melhor qualificação de seus futuros profissionais. Dentre as determinações que emanavam daquela resolução, estava a inclusão no currículo de disciplinas como Ética Profissional, Perícia Contábil, Monografia e Trabalhos de Conclusão de Cursos, dentre outras.

Em 2002, o Parecer CES/CNE 0146/2002 deu prosseguimento à legislação pertinente à educação superior profissionalizante, com o seguinte texto:

Desta forma, foram estabelecidas, a partir das orientações gerais contidas nos Pareceres CES/CNE 776/97 e 583/2001, bem como nos desdobramentos decorrentes do Edital 004/97-SESU/MEC, as Diretrizes Curriculares Nacionais e as Diretrizes Curriculares Gerais dos Cursos de Graduação, por curso, considerado segundo a respectiva área de conhecimento, observando-se os paradigmas, níveis de abordagem, perfil do formando, competências e habilidades, habilitações, conteúdos ou tópicos de estudos, duração dos cursos, atividades práticas e complementares, aproveitamento de habilidades e competências extracurriculares, interação com a avaliação institucional como eixo balizador para o credenciamento e avaliação da instituição, para a autorização e reconhecimento de cursos, bem como suas renovações, adotados indicadores de qualidade, sem prejuízo de outros aportes considerados necessários. (BRASIL, 2002)

O quadro seguinte, extraído de Rosella et. al. (2006, p. 33), resume a legislação brasileira pertinente ao ensino superior de Ciências Contábeis:

ANO	DIPLOMA LEGAL	OCORRÊNCIA
1945	Lei no. 7.988	Institui o curso superior de Ciências Contábeis e Atuariais.
1946	Decreto Estadual no. 15.601	Autoriza o curso de Ciências Contábeis e Atuariais a funcionar na FCEA.
1951	Lei no. 1.401	Desmembra os cursos de Ciências Contábeis e Atuariais, criando de forma independente o curso de Ciências Contábeis, com duração de quatro anos, para formar os bacharéis em Contabilidade.
1961	Lei no. 4.024	Fixa as Diretrizes e Bases da Educação Nacional e cria o Conselho Federal de Educação.
1962	Parecer no. 397	Divide os cursos de Ciências Contábeis nos ciclos de formação básica e formação profissional.
1963	Resolução CFE sn. De 8/2/63	Fixa os mínimos de conteúdo e duração do curso de Ciências Contábeis e ratifica o Parecer CFE no. 397/1962.
1992	Resolução no. 3	Institui o currículo pleno, fixa a duração mínima de quatro anos para o ensino superior brasileiro.
1996	Lei no. 9.394	Lei de Diretrizes e Bases, introduz novas mudanças para o ensino superior brasileiro.
1997	Edital no. 04	Da Secretaria de educação Superior, tem por finalidade discutir as novas diretrizes curriculares dos superiores, adaptando-os a Lei.
2002	Parecer CES/CNE no. 146	Define as Diretrizes nacionais para os Cursos de Ciências Contábeis.
2003	Parecer CNE/CES no. 67	Referencial para as diretrizes curriculares nacionais (DCN) dos cursos de graduação.
2003	Parecer CNE/CES no. 108	Promove audiências com a sociedade, ensejando discussão e avaliação da duração e integralização dos cursos de bacharelado.
2003	Parecer CNE/CES no. 289	Aprova as diretrizes curriculares dos cursos de graduação em Ciências Contábeis – bacharelado, a serem observadas pelas instituições de ensino superior em sua organização curricular.
2004	Resolução CNE/CES no. 6	Oficializa o Parecer CNE/CES no. 289/2003.
2004	Parecer CNE/CES no. 269	Remove do texto da Resolução no. 269/2004, a pedido do Instituto Brasileiro de Atuária (IBA), o trecho que menciona a necessidade de inserção da profissão contábil nos domínios da atividade atuarial.
2004	Resolução CNE/CES no. 10	Cancela o pedido do IBA, cancela e substitui a Resolução CNE/CES no. 6/2004.

Quadro 2. Cronologia da legislação do sobre o ensino superior de Contabilidade no Brasil.

Fonte: Rosella et al. (2006, p. 33)

Após estudar e entender os normativos acima citados, verifica-se a necessidade de se conhecer e adotar ações interdisciplinares no ensino de Contabilidade, como uma das formas de possibilitar ao discente a interação entre as áreas de conhecimento necessárias para a formação do Contador, dado que a formação de nível superior precisou adaptar-se às demandas impostas pela sociedade.

2.4.1 Formação do contador: evolução da profissão contábil

Merlo (2006), assim como outros autores já citados, informa que “o desenvolvimento da contabilidade sempre esteve associado à evolução da humanidade, ao progresso das organizações, às novas formas de negócios e ao aprimoramento das relações comerciais”.

A evolução profissional, resultante do aperfeiçoamento dos negócios empresariais, está atrelada necessariamente às demandas da sociedade. Se, no passado, vinculava-se mais fortemente à escrituração mercantil, atualmente a profissão contábil reveste-se de importância primordial no fornecimento de informações que subsidiam as tomadas de decisão gerencial.

Para o mesmo autor (2006), as condições para o contador do século XXI incluem:

- a) acompanhar a evolução das relações de negócios, provocada pela abertura de mercados e o avanço da globalização;
- b) aliar-se ao contínuo desenvolvimento da Tecnologia da Informação e dos processos de comunicação;
- c) oferecer suporte necessário à gestão;
- d) prestar informações estruturadas para cada usuário, permitindo visualizar as operações de qualquer organização de maneira simples, objetiva e de fácil entendimento.

A evolução do profissional contábil impõe uma análise comparativa entre o que se esperava ontem, aquilo que lhe é exigido hoje e as demandas do futuro sobre sua atividade, representada no quadro a seguir:

Ontem	Hoje	Amanhã
Baixa competitividade	Competitivo	Alta competitividade
Comércio tradicional	Relações comerciais complexas	Globalização/ Desregulamentação
Ênfase na escrituração	Ênfase no registro	Ênfase nos negócios
Ensino comercial	Ensino técnico	Ensino de gestão
Busca pela padronização	Padronização legal	Adaptada aos negócios
Pouco envolvimento nos negócios	Acompanhamento da gestão	Proposição de soluções
Baixa complexidade das operações	Operações complexas	Operações virtuais
Não utilização da TI	Uso intensivo da TI	Business Intelligence
Luta pelo reconhecimento	Profissão reconhecida	Profissão fundamental

Quadro 3. Evolução da profissão contábil

Fonte: Merlo (2006) (Grifo nosso)

O quadro anterior evidencia o aspecto de integração da Contabilidade com outras Ciências e revela a necessidade e a importância da Interdisciplinaridade.

2.4.2 Formação do contador para o mercado de trabalho: influência dos órgãos internacionais

A evolução da atividade contábil revela uma visão profissional influenciada pelo mercado de trabalho internacionalizado e pela importância do contador na gestão empresarial.

Assim, Rosella, et al. (2006, p. 43) destacam que:

A globalização da economia e a necessidade de inserção das empresas brasileiras no cenário internacional cada vez mais têm levado à necessidade de conhecer as práticas usadas em outros países nos mais diversos campos, inclusive no educacional.

A busca por uma maior qualificação da atividade está vinculada a órgãos internacionais, como a Unctad – *United Nations Conference on Trade and Development*, à regulamentação de entidades de classe internacionais, dentre elas a IFAC – *International Federation of Accountants*, a entidades dedicadas à pesquisa contábil, como a AAA – *American Accounting Association* e a entidades que objetivam melhorar a formação acadêmica, como a AECC – *Accounting Education Change Commission*.

2.4.2.1 Unctad e o currículo global

A Unctad, *United Nations Conference on Trade and Developments*, órgão responsável na ONU por pesquisa e debate de temas contábeis, atribuiu ao ISAR –

Intergovernmental Group of Experts on International Standards of Accounting and Reporting, a tarefa de se dedicar à harmonização internacional das práticas e dos relatórios contábeis.

Em 1999, o ISAR publicou um documento que apresenta uma linha geral da formação dos contadores e constitui o guia da qualificação dos contadores. De acordo com Rosella et al. (2006, p. 45), o documento tem o objetivo de:

[...] beneficiar toda a comunidade internacional, no sentido de promover a harmonização global dos requerimentos de qualificação, profissional. Esta harmonização poderia minimizar as divergências nos sistemas nacionais de educação, reduzir os custos de alinhamento mútuos de práticas contábeis de padrões globais para a oferta de serviços contábeis.

Os mesmos autores (2006, p. 46) informam ainda que, em 2003, tal documento foi revisado, e isso ocorreu, dentre outros fatores, pelos escândalos financeiros ocorridos entre 2000 e 2001.

O currículo elaborado pelo ISAR, analisado por Sá (2006), tem o seguinte conteúdo básico:

- a) considera a nova realidade do mundo e a exigência de uma preparação especial para essa importante profissão diante da dilatação do mercado;
- b) reclama a necessidade de informações de melhor qualidade e, pelo currículo apresentado, evidencia a relevante importância de consultoria e assessoria às empresas por parte dos contadores;
- c) afirma categoricamente que tais profissionais devem ter visão além das fronteiras de seu país e maior especialização nos serviços prestados;
- d) retifica a importância do profissional da contabilidade para o desenvolvimento econômico, social e mesmo político de qualquer nação;
- e) defende formação cultural vigorosa e assistência especial, quer por parte dos governos, quer das instituições de classe;
- f) enfatiza a necessidade de formação mais generalista e humana, paralelamente às matérias técnicas específicas; (grifo nosso)**
- g) enfatiza a necessidade de cursos universitários com vasta especialização;

h) considera imprescindível uma graduação qualificada (extensão universitária, mestrado e doutorado) e a permanente atualização do conhecimento, em razão do caráter evolutivo acelerado das matérias.

A publicação da Organização das Nações Unidas, já revisada em 2003, conforme mencionado, divide-se em duas grandes partes:

- 1) apresenta as linhas gerais para sistemas nacionais de qualificação dos contadores;
- 2) apresenta o currículo global para a educação profissional dos contadores.

O quadro seguinte sintetiza os componentes do currículo global do ISAR:

CONHECIMENTOS DE ORGANIZAÇÃO E NEGÓCIOS	CONTABILIDADE E CONHECIMENTOS CORRELATOS
Economia; Métodos quantitativos e estatísticos; Política de negócios e estruturas organizacionais; Funções e práticas administrativas; Mercadologia nacional e internacional; Estratégia administrativa.	Contabilidade básica e preparação de demonstrações em face de normas internacionais; Contabilidade superior, relatórios contábeis de nível superior; Conceitos básicos de administração; Contabilidade gerencial; Planejamento, controle e decisão, tributos; Leis comerciais; Fundamentos teóricos; Teoria superior da contabilidade; Finanças de negócio e administração financeira.

Quadro 4. Currículo global dos contadores de acordo com a /Unctad/ISAR

Fonte: Adaptado de Sá (2006)

O currículo apresentado leva os alunos a ter uma formação global com maiores conhecimentos das normas de Contabilidade internacional, além de áreas vizinhas, como Administração, Economia, Tecnologia da informação e Métodos Quantitativos. Esse intercâmbio de disciplinas reflete as mudanças advindas das práticas empresariais.

Nesse sentido, Sá (2006) conclui que “há uma forte vocação teórica para sustentar as aplicações do conhecimento contábil e uma grande preocupação em uniformizar a educação contábil em todo o mundo, dando aos contadores abrangente preparação”.

2.4.2.2 IFAC – competências e habilidades do contador exigidas pelo mercado de trabalho

A IFAC – *International Federation of Accountants*, é uma organização mundial da profissão de auditoria engajada em atender ao interesse público, fortificando a profissão e contribuindo para o desenvolvimento de sólidas economias internacionais. Seus atuais credenciados englobam mais de 160 entidades de auditoria profissional em 119 países, o que representa mais de 2,5 milhões de auditores na prática pública, educação, serviço ao governo, indústria e comércio.

Sobre o assunto, Rosella et al. (2006, p. 47) informam que “a IFAC possui um comitê educacional (*Education Committee*), cuja atividade principal é o desenvolvimento de guias de orientação para a melhoria dos padrões aplicáveis à educação contábil em todo o mundo”. Os autores (2006) apontam os focos do Comitê:

- a) a educação, a experiência prática e os testes de competência profissional;
- b) a natureza e a extensão da educação continuada necessária aos contadores.

A finalidade do ensino superior deve ser formar profissionais aptos a agregar valor ao mercado de trabalho. A graduação em Ciências Contábeis precisa expandir sua intervenção para além do conteúdo técnico teórico-prático, e preparar o profissional para enfrentar a realidade por meio do desenvolvimento de aptidões humanas, dentre elas criatividade, flexibilidade, capacidade de relacionar-se e trabalhar em equipe.

A IFAC entende habilidades como o conjunto das capacidades requeridas para os contadores demonstrarem competência, incluindo: conhecimento, valores profissionais e atitudes éticas. É importante observar que esse conjunto de valores nem sempre é adquirido na educação formal, por meio da graduação em Ciências Contábeis; geralmente, faz parte da bagagem pessoal do indivíduo, com sua experiência e conhecimento tácito.

O quadro seguinte apresenta a classificação das habilidades atribuídas pela IFAC:

INTELECTUAIS	TÉCNICAS E FUNCIONAIS	PESSOAIS E INTERPESSOAIS
<ul style="list-style-type: none"> • Conhecimento • Compreensão • Aplicação • Análise • Síntese • Avaliação 	<ul style="list-style-type: none"> • Aplicações matemáticas e estatísticas • Mensuração • Informação • Adequação às leis • Apoio às decisões empresariais 	<ul style="list-style-type: none"> • Iniciativa • Auto-aprendizagem • Capacidade de antecipar problemas e de adaptação às mudanças • Habilidade para selecionar prioridades dentro de recursos restritos • Capacidade de organização do trabalho dentro dos prazos exigidos • Decisões suportadas pela ética e valores profissionais

Quadro 5. Classificação das habilidades

Fonte: Adaptado da IFAC (2003)

A IFAC ressalta as habilidades de (1) comunicação e (2) gerenciamento de negócios. As primeiras abrangem:

- a) trabalho em equipe;
- b) interação com pessoas de culturas diferentes;
- c) capacidade de solucionar conflitos;
- d) domínio de comunicação escrita e oral de relatórios formais e informais;
- e) negociação de soluções aceitáveis em situações profissionais;
- f) capacidade de ouvir e compreender, inclusive diferentes idiomas.

O segundo grupo relaciona-se às habilidades de gerenciamento de negócios, cada vez mais importantes na atuação profissional do contador, que incluem:

- a) planejamento estratégico;
- b) administração de projeto;
- c) administração de pessoas e recursos;
- d) capacidade de tomada de decisão;
- e) habilidade para organizar e delegar tarefas;
- f) habilidade para desenvolver e motivar pessoas;
- g) capacidade de exercer liderança;
- h) julgamento profissional com discernimento.

As competências indicadas pela IFAC denotam a articulação entre as disciplinas, como gestão e administração de recursos.

2.4.2.3 AAA – *American Accounting Association*

Segundo Rosela et al. (2006, p. 47), a AAA é uma sociedade norte-americana dedicada à pesquisa contábil. Foi fundada em 28 de dezembro de 1916, e sua denominação inicial era *American Association of University Instructors in Accounting*. Em 1936, teve seu nome modificado para *American Accounting Association*, ao mesmo tempo em que suas atividades de pesquisa foram reorientadas para a teoria contábil. Os propósitos compartilhados pelos seus membros são:

- a) excelência em pesquisa contábil, para influenciar formas de pensar sobre a prática profissional, educação, **práticas de negócios** e definição de padrões; (grifo nosso)
- b) excelência na educação contábil, como meio de criar oportunidades para as escolas especializadas em Contabilidade, e outras nas quais se ensina Contabilidade, melhorando de forma contínua a educação contábil;
- c) contribuir para a excelência na prática contábil, como forma de melhorar a qualidade da prática profissional, por meio da seleção, educação e pesquisa;
- d) promover ações eficazes para seus associados, ao oferecer serviços de alta qualidade a custos acessíveis para os membros individuais, sessões e regiões em que a AAA está organizada.

A AAA indica um perfil profissional composto das seguintes potencialidades:

- a) conhecimentos gerais;
- b) habilidades intelectuais;
- c) habilidades interpessoais;
- d) habilidades de comunicação;
- e) conhecimento organizacional e do negócio;
- f) conhecimentos de Contabilidade;
- g) habilidades de Contabilidade;
- h) capacidades e atitudes pessoais.

Dentre os esforços da AAA para a melhoria da qualidade no ensino da Contabilidade, destaca-se a criação da **AECC – Accounting Education Change Commission**, em 1989, como uma representação originalmente patrocinada pelas *big eight* que, durante muito tempo, foram as oito maiores firmas de auditoria independente do mundo.

De acordo com Rosella et al. (2006, p. 49), após fusões e associações, e com o desaparecimento da Arthur Andersen em 2002, causado pelos escândalos contábeis ocorridos no início do século XXI, hoje existem quatro grandes firmas de âmbito mundial.

O objetivo principal da AAA era melhorar a preparação acadêmica dos contabilistas, de modo que quem optasse pela profissão adquirisse as habilidades, o conhecimento, os valores e as atitudes requeridos para o sucesso na carreira de Contador.

Diller-Haas (2004), em trabalho divulgado pela AAA, propõe uma revisão de currículos, fazendo uma comparação entre o currículo tradicional e o novo currículo, sintetizada no quadro seguinte:

CURRÍCULO TRADICIONAL	NOVA PROPOSTA DE CURRÍCULO
Contabilidade focada na preparação de relatórios externos, lançamentos contábeis e transações mecânicas.	Contabilidade focada em seu papel nas sociedades e organizações, usando as informações na tomada de decisão.
Grande ênfase nas regras pedagógicas.	Aumento da ênfase no processo de aprendizagem – aprender a aprender.
Grande ênfase em cursos de contabilidade técnicos.	Maior ênfase na educação geral e de negócios bem como conhecimentos organizacionais.
Estudantes vistos como recebedores passivos do conhecimento.	Estudantes vistos como participantes ativos do aprendizado.
Pequena integração dos assuntos; cursos de contabilidade com ensino isolado.	Grande integração com Direito, Contabilidade administrativa, Contabilidade financeira, Sistemas e Auditoria.
Falta de uso da tecnologia e computadores em cursos de Contabilidade.	Uso de tecnologia integrada no currículo de Contabilidade.

Quadro 6. Comparativo entre o ensino tradicional e uma nova proposta de ensino de Contabilidade

Fonte: Adaptado de Diller-Haas (2004) (Tradução nossa)

2.4.2.4 GAE – Global Accountancy Education

O GAE, segundo Rosella et al. (2006, p. 50), é uma iniciativa internacional que congrega diversos professores de Contabilidade da Europa, América do Norte, América Central, América do Sul, Oceania, Ásia, África e Oriente Médio. Seu objetivo é promover o desenvolvimento profissional e acadêmico da educação contábil por todo o mundo, em seus elementos relativos à qualificação, educação voltada à prática profissional, treinamento de

cunho prático e educação profissional continuada. Suas atividades são desenvolvidas por meio de encontros de natureza internacional e de projetos de pesquisa.

Segundo o GAE (2005, p. 1), a globalização está forçando cada vez mais os países a abrirem suas portas ao investimento estrangeiro. Com isso, tanto o setor público quanto o privado estão reconhecendo os benefícios de terem informações financeiras apoiadas por padrões internacionais. Tais benefícios incluem:

- a) comparabilidade das informações financeiras para investidores e outros usuários;
- b) aumento, por parte dos investidores, nos investimentos;
- c) custo baixo nos pedidos de financiamentos;
- d) maior crescimento econômico e diminuição da pobreza. (Tradução nossa)

Conforme indicado, por meio do quadro seguinte, o GAE (2005) demonstra os elementos que a profissão contábil influencia na educação:

INFLUÊNCIA DA PROFISSÃO CONTÁBIL NA EDUCAÇÃO		
Características regionais	Educação Contábil	Desenvolvimentos Internacionais
Cultura Sistema legal Posição econômica Ensino superior	Qualificação profissional objetiva Padrões de qualificação, exame de competência profissional Educação profissional Experiência prática Educação geral	Padrões Diretrizes Diretivas

Quadro 7. Influência da profissão contábil na educação

Fonte: GAE (2005) (Tradução nossa)

Por meio dos itens abordados anteriormente, evidencia-se que os órgãos internacionais estão preocupados com a formação global do Contador e indicam claramente que, a Ciência Contábil, para ser exercida na sua plenitude, precisa articular-se com outras áreas de conhecimento.

Portanto, conclui-se que cabe às IES – Instituições de Ensino Superior, observar, além das normativas nacionais relacionadas ao ensino de Contabilidade, as orientações dos organismos internacionais que se mostram preocupados com o ensino para a formação do Contador.

2.4.3 Competências exigidas na formação do contador para o mercado de trabalho: cenário nacional

No cenário nacional, verifica-se a preocupação legal de formar um contador com as competências necessárias à sua atividade profissional, levando em conta uma visão sistêmica dessa atividade.

A resolução CNE/CES Nº 10/04 (BRASIL, 2004) instituiu as diretrizes curriculares nacionais do curso de graduação em ciências contábeis, bacharelado, e estabelece, em seu Art. 4º, que esse curso deve possibilitar uma formação profissional que revele, pelo menos, as seguintes competências e habilidades:

ITEM	COMPETÊNCIAS E HABILIDADES
I	Utilizar adequadamente a terminologia e a linguagem das Ciências Contábeis e Atuariais
II	Demonstrar visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil;
III	Elaborar pareceres e relatórios que contribuam para o desempenho eficiente e eficaz de seus usuários, quaisquer que sejam os modelos organizacionais
IV	Aplicar adequadamente a legislação inerente às funções contábeis
V	Desenvolver, com motivação e através de permanente articulação, a liderança entre equipes multidisciplinares para a captação de insumos necessários aos controles técnicos, à geração e disseminação de informações contábeis, com reconhecido nível de precisão
VI	Exercer suas responsabilidades com o expressivo domínio das funções contábeis, incluindo noções de atividades atuariais e de quantificações de informações financeiras, patrimoniais e governamentais, que viabilizem aos agentes econômicos e aos administradores de qualquer segmento produtivo ou institucional o pleno cumprimento de seus encargos quanto ao gerenciamento, aos controles e à prestação de contas de sua gestão perante à sociedade, gerando também informações para a tomada de decisão, organização de atitudes e construção de valores orientados para a cidadania
VII	Desenvolver, analisar e implantar sistemas de informação contábil e de controle gerencial, revelando capacidade crítico analítica para avaliar as implicações organizacionais com a tecnologia da informação
VIII	Exercer com ética e proficiência as atribuições e prerrogativas que lhe são prescritas através da legislação específica, revelando domínios adequados aos diferentes modelos organizacionais

Quadro 8. Competências e Habilidades determinadas pela Resolução 10/2004.

Fonte: A autora.

A formação do Contador para o mundo do trabalho pressupõe alguns aspectos que merecem discussão. Entre eles, destacam-se:

- a) uma visão sistêmica e interdisciplinar da atividade contábil;
- b) competências e habilidades exigidas;
- c) um novo enfoque do trabalho.

A respeito do item II, a RESOLUÇÃO CNE/CES Nº 10/04 (BRASIL, 2004) prevê conteúdo curricular adequado a essa visão necessariamente sistêmica da atividade contábil, ao estabelecer, em seu artigo 5º, que “os cursos de graduação em Ciências Contábeis deverão contemplar, em seus projetos pedagógicos e em sua organização curricular, conteúdos que atendam aos seguintes eixos interligados de formação”, inseridos no quadro seguinte:

I – Conteúdos de Formação Básica	II – Conteúdos de Formação Profissional	III – Conteúdos de Formação Teórico-Prática
Administração Economia Direito Métodos Quantitativos e Matemática Estatística	Teorias da Contabilidade Atuaria Auditoria Controladoria	Estágio Curricular Supervisionado Atividades Complementares Estudos Independentes Conteúdos Optativos Prática em Laboratório de Informática.

Quadro 9. Conteúdos curriculares do curso de Ciências Contábeis

Fonte: Adaptado da Resolução 10/2004/CNE/CSE (BRASIL, 2004)

A internacionalização da economia evidencia a Contabilidade como denominador comum para mensurar as atividades econômicas, exigindo-se homogeneidade universal de tratamento para registros e divulgação de fatos contábeis de uma mesma natureza. Esse aspecto encontra-se devidamente explicitado no art. 3º. da Resolução referida, o qual prevê que:

O curso de graduação em Ciências Contábeis deve ensejar condições para que o futuro contador seja capacitado, dentre outros, a: I - compreender as questões **científicas, técnicas, sociais, econômicas e financeiras**, em âmbito nacional e internacional e nos diferentes modelos de organização. (BRASIL, 2004, grifo nosso)

Ao prever a compreensão de questões científicas, econômicas e financeiras, o artigo citado denota a articulação entre Contabilidade, Economia e Finanças, dentre outras, confirmando a natureza interdisciplinar do ensino de Contabilidade.

Nos itens subseqüentes, encontram-se os conceitos e funções da Controladoria, bem como as funções e importância do *Controller*.

2.5 Conceitos e funções de Controladoria

Giongo e Bianchi (2005) esclarecem que, no processo de gestão das organizações, são tomadas decisões relevantes para a busca da eficácia organizacional. A literatura destaca a participação da área de Controladoria nesse processo, enfatizando sua atuação sistêmica na

organização por meio da interação com todas as áreas da empresa, para fornecer aos seus gestores as informações necessárias para alcançar um resultado otimizado.

Ao acompanhar as transformações gerenciais ocorridas ao longo do tempo, a Controladoria assumiu diferentes enfoques nas organizações, como se verá a seguir. A diversificação e expansão das organizações com o conseqüente aumento na complexidade das atividades empresariais criaram novas demandas relacionadas à Controladoria.

Sobre isso, Lay (1928, p. 47) informa que:

Como justificativa para a prática de concentrar as atividades de contabilidade, estatística, análises contábeis e orçamento num único responsável (ou área responsável dependendo do tamanho da empresa), podem ser citados os seguintes benefícios e economias:

1. outros gerentes departamentais são liberados de lidar com atividades nas quais não são experientes o suficiente, nem são de interesse primário das suas áreas de atuação;
2. o sistema de registros contábeis é definido para a empresa como um todo e como consequência é entendível, evita duplicidade e fornece informação de maneira uniforme, permitindo fazer comparações entre diferentes departamentos da empresa;
3. os relatórios a serem elaborados são gerados por um especialista imparcial, com interesses alinhados com os do Diretor Geral e com outros diretores;
4. os relatórios financeiros são preparados de forma rápida;
5. os métodos e procedimentos utilizados para o registro contábil e relatórios informativos, são estabelecidos por um especialista capaz de selecionar e desenhar sistemas e modelos econômicos;
6. a implementação e operação com sucesso de um sistema orçamentário é feita de uma forma muito mais simples, liberando aos executivos de cada área de inúmeras tarefas complexas. (Tradução nossa).

Já Anderson (1944, p. 57) aponta as seguintes funções da Controladoria:

- a) proteção dos recursos do negócio;
- b) conformidade dos relatórios com as exigências legais;
- c) auxílio à Gestão na formulação de políticas e controle das operações. (Tradução nossa)

Na visão de Vatter (1950, p. 236), o assunto Controladoria era de importância secundária nos currículos escolares, e várias são as tentativas para se definir Controladoria, resultando em declarações inexatas. Preparar uma lista de “funções do Controller” talvez seja mais útil. É fácil alinhar o conceito de Controladoria às ações de manter registros e preparar relatórios quantitativos. (Tradução nossa)

O mesmo autor (1950, p. 238) esclarece que a Controladoria é o reflexo do próprio conceito de Gestão. O que se deve esperar é que os executivos das diferentes áreas da organização amadureçam e construam suas próprias relações inter-áreas, alocando suas próprias responsabilidades. (Tradução nossa)

Nesse sentido, Kanitz (1976, p. 6) afirma que:

Controladoria é um órgão Administrativo diretamente subordinado à presidência, que necessita para seu bom desempenho dos conhecimentos de várias áreas diferentes tais como Contabilidade, Administração, Economia, Psicologia, Estatística, Matemática, Informática e outras relacionadas com o ramo de atividade da empresa. Conhecimentos estes que não só consideram dados quantitativos, mas também qualitativos.

Para Oliveira (1998, p. 19), pode-se entender a Controladoria como:

O departamento responsável pelo projeto, elaboração, implementação e manutenção do sistema integrado de informações operacionais, financeiras e contábeis de uma determinada entidade. Para o autor os modernos conceitos de administração e gerência entendem que uma controladoria eficiente e eficaz deve estar capacitada a organizar e reportar dados e informações relevantes e exercer uma força capaz de influir nas decisões dos gestores da entidade.

Almeida, Parisi e Pereira (1999, p. 370) asseveram que:

A controladoria não pode ser vista como um método, voltado ao como fazer. Para uma correta compreensão do todo, devemos cindi-la em dois vértices: o primeiro como ramo do conhecimento responsável pelo estabelecimento de toda base conceitual, e o segundo como órgão administrativo respondendo pela disseminação de conhecimento, modelagem e implantação de sistemas de informações.

Willson et al. (1999) teorizam que:

O aumento da complexidade das atribuições da Controladoria exige um conhecimento técnico bastante apurado não apenas numa área específica, pois deixou de ter apenas funções contábeis, mas incorporando novas funções relacionadas a outras áreas de conhecimento e que são essenciais para o desempenho de sua atividade. A alteração do foco da Controladoria, deixando de ser uma área que processa papéis para trabalhar em conjunto com outras áreas da empresa, tendo como princípio fundamental a geração de informações que supram as necessidades dos gestores, é uma situação necessária diante do atual contexto organizacional em que as empresas estão inseridas.

Catelli (2001, p. 344) postula que:

A Controladoria não pode ser vista como um método, voltado ao como fazer. Para uma correta compreensão do todo, devemos cindi-la em dois vértices: o primeiro como ramo do conhecimento responsável pelo estabelecimento de toda base conceitual, e o segundo como órgão administrativo respondendo pela disseminação de conhecimento, modelagem e implantação de sistemas de informação.

Peleias (2002, p. 13) esclarece que:

A controladoria se baseia em princípios, procedimentos e métodos oriundos de outras áreas do conhecimento, tais como contabilidade, administração, planejamento estratégico, economia, estatística, psicologia e sistemas. Ao colher subsídios de outras áreas de conhecimento para desempenhar as funções que lhe são atribuídas, a controladoria pode estabelecer as bases teóricas necessárias à sua atuação na organização.

Bertaglia et al. (2006), fazem algumas observações acerca do assunto. Assim, dizem (2006) que:

No ambiente econômico moderno, tornou-se óbvio que uma contabilidade gerencial baseada em um modelo exclusivamente financeiro, não mais atenderia as necessidades informativas dos gestores, nem conseguiria apoiar a gestão das empresas no processo de decisão e controle.

Assim, para apresentar relevância no processo de decisão, o modelo contábil precisou ser estendido e flexibilizado, incorporando novos instrumentos de gestão e avaliação. Essa transformação da contabilidade gerencial levou à moderna Controladoria, que incorporou ao modelo contábil básico a identificação e avaliação de variáveis que têm elevado impacto nos resultados das empresas, como o valor dos produtos, os fatores ambientais setoriais e sistêmicos, os processos de trabalho e os recursos tangíveis e intangíveis mobilizados.

Em relação às funções da Controladoria, Horngren, Sundem e Stratton (2004, p. 16) indica as seguintes:

- 1) planejamento para controle;
- 2) relatórios e interpretação;
- 3) avaliação e consultoria;
- 4) gestão tributária;
- 5) declarações para o governo
- 6) salvaguarda de ativos;
- 7) avaliação econômica.

Catelli (2001, p. 349) identifica as seguintes funções da Controladoria:

- 1) subsidiar o processo de gestão;
- 2) apoiar a avaliação de desempenho;
- 3) apoiar a avaliação de resultado
- 4) gerir os sistemas de informação

5) atender aos agentes de mercado.

Já Peleias (2002, p. 14) identifica as seguintes funções da controladoria:

- a) subsídio ao processo de gestão: planejamento, execução, controle;
- b) gestão dos sistemas de informação para apoio ao processo;
- c) atendimento aos agentes do mercado.

Segundo Silva (2000), só há trabalho interdisciplinar quando as partes que o compõem têm clareza dos objetivos comuns, bem como em que medida e de que forma podem contribuir para a consecução desses objetivos.

Conclui-se que, considerando-se a Controladoria como área de conhecimento com uma identidade própria, é a partir da clareza do seu objetivo que se pode requerer a contribuição de outra área para a solução de problemas que se evidenciem.

2.6 O Controller

De acordo com Lay (1928, p. 48), o *Controller*, no negócio, era essencialmente um profissional operacional, não um executivo. Possuía autoridade linear somente sobre os funcionários que trabalhavam sob sua supervisão, desempenhando atividades relacionadas à Contabilidade, Estatística e afins. O autor (1928, p.52) sintetiza a importância do *Controller* da seguinte forma:

- a) se existe um lugar para aplicar o gerenciamento, é na função administrativa do controle do negócio que isso ocorre;
- b) o interesse crescente de todos os níveis de operação interna do negócio inevitavelmente pressiona a organização a instituir uma Gestão profissional do negócio, com capacidade, independência e trabalho equilibrado;
- c) o *Controller* é o predecessor desse gerenciamento profissional esperado para os próximos tempos. (Tradução nossa)

Para Elliott (1940, p. 187-188), dada a natureza do seu trabalho, o *Controller* conhece mais detalhes do negócio da companhia do que qualquer outro profissional. Em muitas companhias, possui uma grande responsabilidade na elaboração do relatório anual aos

acionistas. O *Controller* bem sucedido deve conhecer outros profissionais, principalmente no mesmo ramo de negócio.

O mesmo autor (1940, p. 186) indica uma lista de atribuições desse profissional:

- a) instalar e supervisionar todos os registros de Contabilidade da corporação;
- b) preparar e interpretar os registros estatísticos e relatórios financeiros da corporação;
- c) examinar de forma contínua os registros da corporação;
- d) preparar, supervisionar e arquivar todas as matérias relativas a impostos;
- e) preparar orçamentos anuais juntamente com outros diretores de departamentos;
- f) preparar práticas padrões relacionadas às matérias e procedimentos contábeis, bem como a coordenação dos sistemas, registros, relatórios e procedimentos;
- g) preparar práticas padrões requeridas em conformidade com regulamentos emitidos por agências governamentais devidamente constituídas;
- h) compilar os custos de produção e de distribuição; (Tradução nossa).

Brink (1950, p. 252) identifica as principais exigências da natureza do trabalho desenvolvido na Controladoria pelo *Controller* bem sucedido:

- a) competência técnica;
- b) necessidade de competências de Gestão;
- c) habilidade no trabalho com gerenciamento. (Tradução nossa)

Segundo Vatter (1950, p. 236), no mundo dos negócios, a concepção do *Controller* como um membro da Administração cresceu, contribuindo e preocupando-se com os problemas de administração global e controle efetivo. Nota-se que a Controladoria não só é pertinente, mas também importante para as escolas de negócio. (Tradução nossa);

Assim, o mesmo autor (1950, p. 238) enfatiza que:

Considerando que o *Controller* faz parte da equipe de Gestão, espera-se sua cooperação com os outros membros, que desenvolva o relacionamento com eles. As tarefas e responsabilidades são, em parte, assinadas pelas atitudes dos outros membros da equipe de gerenciamento e como resultado, a natureza do seu trabalho é um reflexo da atitude da alta direção da empresa. (Tradução nossa)

O autor conclui (1950, p. 242) que:

O Controller não é como o Contador tradicional, nem é um Estatístico ou Perito. Ele é um profissional com um pouco de cada um destes. O único modo de descrevê-lo se dá na contribuição dele para a Administração. Ele deve possuir a maioria das habilidades para a manutenção do empreendimento. Ele deve administrar, interpretar e analisar resultados operacionais efetivos para proporcionar à Administração um fluxo constante de informações pertinentes à tomada de decisão. (Tradução nossa)

Para Willson et al. (1999, p. 24), o *Controller*, em função das diversas tarefas que lhe são atribuídas, deve possuir as seguintes qualificações:

- a) entendimento geral do setor de atividade econômica do qual sua empresa faz parte, e das forças políticas, econômicas e sociais diretamente relacionadas;
- b) conhecimento amplo de sua própria empresa, sua história, suas políticas, seu programa, sua organização e, até certo ponto, de suas operações;
- c) entendimento dos problemas básicos de organização, planejamento e controle;
- d) entendimento dos problemas básicos de administração a produção, da distribuição, de finanças e de pessoal;
- e) habilidade para analisar e interpretar dados contábeis e estatísticos, de modo que se tornem a base para ação;
- f) habilidade de expressar idéias claras por escrito, isto é, na linguagem adequada;
- g) conhecimento amplo de princípios e procedimentos contábeis e habilidade para dirigir pesquisas estatísticas. (Tradução nossa).

Na opinião de Kanitz (1976, p. 7), dependendo da estrutura da organização, o Controller pode exercer diversas funções; porém, sua função básica é dirigir e implantar os sistemas de informação, motivação, coordenação, avaliação, planejamento e acompanhamento.

Willson et al. (1999, p. 7) apontam as seguintes características do *Controller*:

- a) deve ser experiente em negócios interdepartamentais, envolvendo interações constantes com colegas chefes de departamentos;
- b) deve ter habilidades interpessoais e de administração;
- c) deve possuir conhecimentos em sistemas de informação, auditoria interna e funções de administração;
- d) deve conhecer as crescentes complexidades da legislação tributária. (Tradução nossa)

Os autores (1999) resumem que o papel do *Controller* estendeu-se para além de uma pura Contabilidade, no que se refere a alguém que tenha amplas capacidades interpessoais e de administração, interagindo com outros departamentos e administrando as atividades de um grupo de subordinados.

Para Maher (2001, p. 38), o *Controller* envolve-se em planeamento, tomada de decisão, desenho de sistemas de informação e de sistemas de incentivos, e em várias outras tarefas, além de ajudar gerentes em decisões operacionais.

As constantes mudanças tecnológicas, a globalização dos mercados e o crescente relacionamento com o mercado exterior implicam, para as empresas, a demanda por mão-de-obra cada vez mais qualificada para a inovação contínua e para o crescimento da produtividade e da qualidade. (OLIVEIRA, 1998, p. 160).

O mesmo autor (1998, p. 161) indica ainda que o moderno profissional de Controladoria deverá dominar conhecimentos de Administração Geral, Sociologia, Finanças, Marketing, dentre outros, além, evidentemente, de Contabilidade, Custos e Tributos.

Levando em consideração os itens acima relacionados à Controladoria e ao Controller, percebe-se a necessidade de ações interdisciplinares pelas IES e pelos professores, para que o profissional Contador possa exercer as atividades relativas às acima identificadas com maior competência e habilidade.

3 A PESQUISA E SEUS RESULTADOS

3.1 Motivação

Esta pesquisa teve origem, primeiramente, na atuação docente da autora, desde o ano de 2000, em cursos de profissionalização de nível técnico, denominados Técnico em Contabilidade.

No desenvolvimento desses cursos surgiu, Projeto Empresa, visando à abertura, ao desenvolvimento e ao controle de uma empresa idealizada e estruturada pelos alunos. Com isso, eles teriam a possibilidade de integração e interação dos diversos conhecimentos relacionados a Economia, Administração, Direito, Logística, Matemática, Recursos Humanos, Marketing, dentre outros, àqueles relacionados com a Contabilidade.

Os desafios desse trabalho foram proporcionais ao nível de importância, e algumas dificuldades foram identificadas na sua implantação e desenvolvimento. As principais observações identificadas são:

- a) preocupação excessiva do professor com a disciplinarização;
- b) inexistência de momentos coletivos de discussão sobre a proposta de integração e interação;
- c) falta de compreensão, pelos alunos, da proposta de desenvolvimento do trabalho;
- d) dificuldade, por parte dos alunos, de desenvolver trabalhos em equipe.

Ao final de cada turma, os alunos percebiam a importância dos trabalhos desenvolvidos, pois proporcionavam a visão sistêmica da atividade contábil e sua relação com as demais áreas de conhecimento.

Posteriormente, convidada a participar do desenvolvimento de projeto de cunho interdisciplinar em uma IES - Instituição de Ensino Superior - inicialmente designado, Projeto Empresa, a pesquisadora sentiu mais diretamente a necessidade de congregar os docentes em uma linha interdisciplinar. O projeto possuía cunho obrigatório no curso de Ciências Contábeis dessa IES, muito embora não constasse na sua grade curricular formal.

Com a implantação do projeto, o maior problema enfrentado foi a falta de interesse e participação dos professores. Assim, os alunos não se sentiam estimulados no

desenvolvimento do trabalho, pois não encontravam apoio dos docentes, cuja única preocupação era ministrar suas aulas sem vinculá-las a qualquer atividade integradora.

Na verdade, o desenvolvimento desse projeto revelou a inexistência de interdisciplinaridade e a existência do que Gusdorf (1977) denomina pluridisciplinaridade e conceitua como:

Justaposição de especialistas estranhos uns aos outros. Ponto de vista estritamente qualitativo e algo ingênuo. Consiste em reunir pessoas que nada têm em comum, cada qual falando sem escutar os outros aos quais nada tem a dizer e dos quais nada quer ouvir.

Posteriormente, em 2006, essa IES reformulou todas as grades curriculares de seus cursos e incluiu uma “disciplina obrigatória” denominada PPI – Projeto Profissional Interdisciplinar. Para o curso de Ciências Contábeis, o projeto foi denominado de Gestão Contábil e Financeira de Empreendimentos. Em cada um dos semestres, seriam indicados os professores responsáveis pela orientação aos alunos no fechamento de período letivo.

O projeto foi estruturado e foram estabelecidos objetivos a serem alcançados, pelos alunos, em cada um dos semestres, conforme quadro seguinte:

Sem	TEMAS E OBJETIVOS
1º	Tema: “Formação e atuação profissional do Contador”. Objetivo: identificar a importância do Contador na gestão de um empreendimento e escolher uma atividade empresarial a ser desenvolvida pelo grupo por meio de um Plano de Negócio.
2º	Tema: “Implementação de um empreendimento”. Objetivo: abertura formal da atividade empresarial escolhida e identificada pelo grupo de alunos, no primeiro semestre.
3º	Tema: “Custos X Preços: contábil e econômico”. Objetivo: identificar os aspectos econômicos na formação do preço ao identificar o mercado concorrente. Considerando a realidade de sua atividade, os alunos deverão analisar contabilmente a formação de seu custos e preços comparando-os aos do concorrente
4º	Tema: “Planejamento tributário”. Objetivo: identificar as formas de tributação existentes para a atividade empresarial, comparando as diferentes formas de tributação existentes e sugerindo aquela que melhor convier ao empreendimento aberto
5º	Tema: “Administração financeira e recursos humanos”. Objetivo: identificar a importância dos recursos humanos e orçamentos envolvidos no empreendimento, e avaliar os custos/ benefícios e o impacto em seus preços.
6º	Tema: “Análise da viabilidade financeira”. Objetivos: analisar, interpretar e avaliar as informações econômicas e financeiras, elaborando relatórios para os usuários internos e externos, mostrando a importância da Contabilidade para os diferentes usuários.
7º	Tema: “Gestão estratégica de cenários”. Objetivo: avaliar a viabilidade de atuação e participação do empreendimento em diferentes cenários, indicando a possibilidade de fusões e aquisições de outros empreendimentos, considerando uma maior competitividade.
8º	Tema: “Gestão contábil e financeira de um empreendimento”. Nesse semestre ocorreria a conclusão do projeto, com apoio da Auditoria, Controladoria e Contabilidade Social, por meio de algumas ações, como: troca de projetos entre os grupos para a identificação de possíveis adequações, elaboração de relatórios de Auditoria, avaliação de possíveis contingências nos empreendimentos, elaboração de Balanço Social.

Quadro 10 Objetivos semestrais do PPI - Projeto Profissional Interdisciplinar

Fonte: A autora.

Verificou-se que, mesmo o Projeto Empresa fazendo parte de uma disciplina obrigatória, na grade curricular em cada um dos semestres, as dificuldades encontradas foram iguais àquelas ocorridas quando o Projeto Empresa não fazia parte de nenhuma disciplina. Desse modo, cabe destacar que a maior “reclamação” partia dos professores responsáveis pelo PPI em cada um dos semestres, no sentido de que a IES proporcionasse encontros mais freqüentes e de forma continuada.

O envolvimento em trabalhos de desenvolvimento de cursos teve seqüência em meados do ano de 2006, quando a autora foi convidada a compor a equipe responsável pela reformulação do Curso Técnico em Contabilidade, no Senac – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial -, e da equipe responsável pela estruturação de novos cursos de especialização em nível técnico na área contábil.

Na ocasião, tornou-se possível vislumbrar de forma mais clara a importância da Interdisciplinaridade na formação contábil, dado que a proposta de reformulação e estruturação era baseada nos itens a serem observados na estrutura do Plano de Curso, sintetizados no quadro seguinte:

ITENS	OBSERVAÇÕES ESTRUTURAIIS
I	Itinerário formativo como um conjunto articulado de experiências educacionais, que permite aos alunos a constituição de competências e qualificações profissionais que, no seu conjunto, irão compor a sua trajetória de profissionalização.
II	Aprendizagem voltada ao desenvolvimento de competências, autonomia e cidadania.
III	Organização da seqüência didática que apresente os conteúdos que atendam à multidimensionalidade da competência: saber fazer, saber ser, saber conviver e conhecer, incorporados em situações de aprendizagem com foco no aluno.
IV	Definição da estratégia avaliativa mais adequada à proposta formativa concebida para o curso, na perspectiva da aprendizagem com autonomia.
V	Organização curricular construída como um percurso formativo, integrada em itinerários mais amplos e articulada por projetos, próximos de problemas e de situações reais de vida e de trabalho.
VI	A organização curricular deve estabelecer inter-relações entre as diferentes áreas de conhecimento e atividades profissionais.
VII	A avaliação deve ser orientada por indicadores de desempenho observáveis durante o curso e compreendida como parte do processo educacional e um meio de regulação da aprendizagem, não como uma medida ou um recurso seletivo.

Quadro 11 - Itens a serem observados na estrutura de um Plano de Curso com característica Interdisciplinar

Fonte: A autora.

A partir da experiência adquirida na reestruturação e construção de cursos técnicos, objetiva-se, com esta pesquisa, identificar as ações relacionadas ao ensino-aprendizagem com foco na Interdisciplinaridade, adotadas na graduação em Ciências Contábeis em instituições de ensino superior no município de São Paulo.

Para tanto, iniciou-se a busca por trabalhos já desenvolvidos e divulgados por meio de artigos científicos e dissertações de mestrado, identificados a seguir.

3.2 Trabalhos anteriores sobre Interdisciplinaridade no ensino de Ciências Contábeis

Com base na constatação de Theóphilo (2004, p. 179) de que “uma das carências observadas na análise de trabalhos é quanto à não realização, por parte de um expressivo número de trabalhos, de um levantamento dos estudos anteriores sobre o mesmo assunto abordado”, procurou-se, por meio desta pesquisa, identificar o maior número possível de trabalhos relacionados à aplicação da Interdisciplinaridade no ensino de Contabilidade.

A revisão da literatura constatou a existência de amplo material a respeito de interdisciplinaridade. Foram revelados dois fatos significativos: falta de consenso entre os especialistas sobre a definição precisa do próprio termo e a aplicação rara e assistemática da Interdisciplinaridade.

Por outro lado, a aplicação da Interdisciplinaridade especificamente na área de Ciências Contábeis não é contemplada na literatura na dimensão da importância do tema. Alguns congressos educacionais e periódicos da área apresentaram trabalhos científicos e relatos de experiências, confirmando a dificuldade de se localizar literatura específica.

Assim, Paiva (1999, p. 93) informa que:

A interdisciplinaridade dentro do próprio curso de Ciências Contábeis é praticamente inexistente. As disciplinas/conteúdos programáticos são lecionados quase totalmente de forma desarticulada. O aluno não consegue formar uma compreensão global e indivisível da Contabilidade como Ciência; ao contrário, é lhe passada uma visão fragmentada, de várias Contabilidades: gerencial, comercial, industrial, pública, bancária, etc., sem nenhuma integração.

O mesmo autor (1999, p. 93) conclui que a integração e a conexão com o maior número possível de outras áreas devem nortear as ações acadêmicas dos educadores dos futuros Contadores, pois só assim se conseguirão condições favoráveis à construção de uma visão orgânica do conhecimento.

Vasconcelos (2000, p. 33) propõe o seguinte modelo de desenvolvimento para o curso de Ciências Contábeis:

PERÍODO	AÇÕES PROPOSTAS
Primeiro	Fundação de uma empresa na disciplina Contabilidade Geral ou Introdutória, considerando os aspectos legais, contábeis e administrativos.
Segundo	Todas as demais disciplinas que necessitem de informações contábeis devem ser trabalhadas com base na instituição criada no início do curso.

Quadro 12 Proposta de um currículo com característica interdisciplinar

Fonte: A autora, com base em informações de Vasconcelos (2000)

Vasconcelos (2000, p. 35) conclui que a criatividade, a atuação e o domínio pelo professor da teoria que visualiza a Contabilidade como um sistema de informações que supre os demais profissionais na tomada de decisão tornam-se fundamentais para o desempenho e adequação do sistema ora proposto.

A respeito da implementação de processo de Interdisciplinaridade no curso de Ciências Contábeis, Silva (2003) enfatiza a atitude do professor como instrumento imprescindível para essa implementação, e conclui pela possibilidade concreta da Interdisciplinaridade nos cursos referidos por meio de um projeto “por eixos temáticos desenvolvidos em cada semestre tendo uma disciplina como âncora para fazer as articulações com as demais”. O autor (2003) testemunha que:

Cabe salientar que os desafios foram enormes para implantar o projeto desde a resistência dos alunos e de alguns professores, porém a vontade de ousar da coordenação fez com que os obstáculos fossem diminuindo com o tempo, pois a dialética do novo e do velho na ação interdisciplinar transforma-se em inovação.

Os objetivos do projeto, explicitados pelo autor (2003), foram:

- a) fortalecer a capacidade crítico-reflexiva;
- b) revitalizar constantes atividades grupais;
- c) possibilitar aprofundamento conceitual dos assuntos abordados.

O projeto descrito por Silva (2003) teve a seguinte estrutura:

- a) no primeiro semestre, tendo ética como tema central, foi organizado um programa abrangendo as seguintes disciplinas: Contabilidade Geral, Teoria Geral da Administração, Matemática, Sociologia e Filosofia (disciplina – âncora);
- b) no segundo semestre, as disciplinas selecionadas foram: Contabilidade Geral II, Informática Aplicada, Introdução às Teorias Econômicas, Métodos e Técnicas de Pesquisa, Introdução ao Direito Público e Privado. Tema: A Contabilidade e os avanços tecnológicos. Disciplina âncora: Informática.

A dupla constatação do autor do trabalho (2003) é bastante significativa: 1. “proporcionar aos discentes um gosto pela profissão é uma tarefa árdua”; 2. “ações interdisciplinares não representam uma tarefa fácil e requerem condições para sua operacionalização”.

Em outra proposta de modelo interdisciplinar, Pinheiro (2003) indica que, dentre outros aspectos, a aplicação do modelo considerou várias etapas:

- a) preparação da grade curricular para a Interdisciplinaridade;
- b) estudo das disciplinas do primeiro e segundo períodos simultaneamente com sua integração horizontal;
- c) reuniões com os professores para intercâmbio de idéias e estudo em conjunto de cada programa de disciplina;
- d) oferecimento de condições de aperfeiçoamento na didática e na Interdisciplinaridade por meio de cursos;
- e) estudo dos projetos, temas, tópicos, práticas ou pesquisas desenvolvidos nas aulas pelos alunos, com vistas à Interdisciplinaridade;
- f) controle de todo o processo pelo orientador pedagógico e pelos professores envolvidos, por meio de avaliações formativas para a verificação da aprendizagem;
- g) avaliação final da aprendizagem e retro alimentação do sistema na busca de melhores condições de trabalho e desenvolvimento profissional do aluno.

Em relação à participação da instituição e dos professores, Pinheiro (2003) destaca que:

Uma condição de suma importância foi a participação da instituição oferecendo condições para que o desenvolvimento do projeto ocorresse adequadamente e com a devida sustentação. Importante destacar que os diretores estavam de acordo e apoiavam a idéia.

Outra condição foi a participação real dos docentes. É necessário que os professores se integrem e se envolvam em todo o processo de trocas.

Dessa forma, o mesmo autor (2003) conclui que:

Os professores demonstram uma melhor qualidade nas aulas e maior conhecimento e interação de outras áreas da ciência. A transformação está bem clara, começa na atitude do aluno que tem postura e conduta diferentes, estão mais seguros e mostram um conhecimento mais amplo. Sobressai a facilidade que têm para decidir, respostas rápidas e objetivas apresentam-se com uma nova característica do alunado. Estão mais preparados para atuar em outros ramos envolvidos no processo empresarial, além da Contabilidade.

Molinari (2003), em um trabalho sobre a importância da Interdisciplinaridade, em que buscou analisar a integração entre Contabilidade, Psicologia e Sociologia, informa que:

Os profissionais da Contabilidade podem se interessar e sentir afinidade pela combinação desta ciência e uma outra ciência Social. Sem abandonar as técnicas contábeis, tais profissionais podem encontrar respostas em outra ciência social para problemas que apenas a Contabilidade não encontra explicação.

É importante que profissionais especialistas em qualquer área da contabilidade estejam conscientes de que a Contabilidade não pode responder a todas as perguntas e que mesmo que não tenham afinidade com alguma outra ciência social, não podem esquecer do fator humano do ambiente no qual a Contabilidade atua, pois mais do que informações financeiras, os profissionais da Contabilidade lidam com seres humanos e estes são os geradores dos resultados contabilizados.

Passos (2004) elaborou uma dissertação sobre Interdisciplinaridade nos cursos de Ciências Contábeis, abordando três aspectos: formas de relacionamento entre as disciplinas, pesquisa e atitude. A terceira parte do trabalho do autor (2004) tratou da percepção de coordenadores dos cursos de Ciências Contábeis sobre pesquisa, planejamento pedagógico e grade curricular. A pesquisa revelou os seguintes dados:

- a) ênfase no mercado de trabalho;
- b) nível baixo de relacionamento entre disciplinas;
- c) presença de Interdisciplinaridade cruzada, com relevância para as matérias técnicas contábeis.

Sinatora et al (2005), em um trabalho cujo objetivo foi analisar as condições de oferta dos conteúdos de Sistemas de Informação nos cursos de graduação em Ciências Contábeis, identificaram como pontos merecedores de atenção e ação corretiva:

- a) a baixa integração entre os docentes do curso, causada principalmente por seu comparecimento pontual nos dias e horários das aulas;
- b) a baixa interdisciplinaridade, como uma consequência da baixa interação entre os professores.

Walker (2005), ao estabelecer as interfaces entre Contabilidade e História, define Interdisciplinaridade como “qualquer forma de diálogo ou interação entre duas ou mais disciplinas com vistas a produzir novas formas de conhecimento”. O autor (2005) comenta que:

Bem como o convite para uma maior colaboração dos historiadores da contabilidade através do espaço geográfico e cultural, as descobertas relatadas em estudos de modelos de publicação indicam o desejo de maior engajamento através das disciplinas. É o desafio para olhar externamente de modo mais amplo para a disciplina de História.

Os historiadores da Contabilidade têm grande consciência da importância potencial de acessar outras disciplinas, não só porque o trabalho dos historiadores, sociólogos e filósofos em particular, tem sido um instrumento de geração de questões de pesquisa e acendendo debates no assunto. (Tradução nossa)

Bloom e Solotoko (2005), ao relacionar Contabilidade e História como uma forma de incentivo aos estudantes, informam que:

Os livros contábeis oferecem uma combinação de Contabilidade, História e Economia. Como ajuda instrucional, estes livros promovem ensino interdisciplinar. Uma vez que os livros contábeis não podem ser emprestados de sociedades históricas devido à sua condição frágil, talvez a classe possa visitar uma sociedade em uma viagem de campo. Muitas bibliotecas agora disponibilizam livros raros e manuscritos em discos. Além disso, os livros contábeis históricos poderiam ser adquiridos pelas bibliotecas universitárias como fonte de conhecimento sobre períodos particulares para uso em ensino e pesquisa na Contabilidade e História.

Os autores (2005) concluem que “usando livros contábeis históricos nas salas de aula pode-se promover o ensino interdisciplinar em Contabilidade, História e Economia, visto que deve ser feita uma análise destes livros em um contexto histórico”.

Em outro trabalho, Padoan e Clemente (2006) chamam a atenção para a interligação intrínseca dos conhecimentos contábeis e postulam que:

Como se sabe, a Contabilidade é sustentada por três teorias: mensuração, informação e decisão. Não basta, portanto, que o contador tenha bons conhecimentos técnicos específicos de Contabilidade, pois, para que consiga desempenhar, com competência, seu papel, carecerá do conhecimento de outras áreas, como as relatadas anteriormente, para realizar bem o que pode cada uma das teorias”.

Os autores (2006) buscaram identificar a importância da Interdisciplinaridade na formação do Contador. A pesquisa apontou os seguintes resultados:

- a) prevalência do tecnicismo no ensino de contabilidade;
- b) predomínio das matérias contábeis e, como consequência,
- c) visão pouco integradora das disciplinas.

Por meio de um estudo sobre a aplicação da Interdisciplinaridade no ensino de Ciências Contábeis, Miranda e Miranda (2006), asseveram que:

No que tange a interdisciplinaridade, é possível aplicar os métodos de ensino para caracterizá-las com estes aspectos, mesmo que estas disciplinas tenham caráter mais técnico. Por exemplo, a contabilidade pública e tributária que além de possuírem estas características interligadas às disciplinas gerais de contabilidade também necessitam de conhecimentos específicos do direito para serem melhor compreendidas.

Os autores (2006) mostram os relacionamentos entre as disciplinas na instituição de ensino pesquisada, situada no nordeste paulista, sintetizados no quadro seguinte:

Disciplinas/semestre	Disciplinas relacionadas/semestre
Contabilidade Geral I (1º)	- Informática aplicada I
Matemática financeira (3º)	- Informática aplicada II (3º) - Matemática aplicada (2o)
Mecanismos de instituições financeiras (4º)	- Matemática financeira (3º.) - Informática aplicada II (3º.) - Contabilidade financeira (4º.)
Contabilidade avançada (5º)	- Contabilidade geral I, II, III - Economia (2º.) - Matemática financeira (3º.) - Contabilidade intermediária (4º.) - Análise das demonstrações contábeis (5º)
Controladoria (7º)	- Administração geral (1º.) - Empreendedorismo (2º.) - Informática aplicada às práticas contábeis (1º. e 3º.) - Sistemas de informações gerenciais (3º.) - Contabilidade de custos I e II (3º. e 4º.) - Análise das demonstrações contábeis (5º.) - Contabilidade gerencial (6º.) - Orçamento empresarial (7º.)

Quadro 13 Relacionamento entre disciplinas

Fonte: Adaptado de Miranda e Miranda (2006)

O estudo dos autores (2006) possibilitou as seguintes conclusões:

- a) maior facilidade de aplicação da interdisciplinaridade no final do curso;
- b) a importância do papel do professor na implementação do processo.

Ademais, para os mesmos autores (2006), “o curso de Ciências Contábeis como um todo já propicia a Interdisciplinaridade de forma espontânea, **porém sem o auxílio da instituição, coordenadores e professores, esta prática poderá ficar defasada, ou apenas ser um ponto ilustrativo nas grades curriculares**”. (Grifo nosso)

Nota-se, no trabalho mencionado, que a disciplina de Controladoria, desenvolvida no sétimo semestre, é que se relaciona com o maior número de disciplinas, tanto relativas às Ciências Contábeis quanto a outras áreas de conhecimento. Tal fato apenas corrobora a Controladoria como interdisciplinar, conforme já explicitado anteriormente.

3.3 Métodos e procedimentos de coleta de dados

A elaboração da pesquisa foi dividida em dois momentos. No primeiro, consistiu de uma pesquisa exploratória definida por Gil (2002, p. 41) como aquela que tem o objetivo de “proporcionar maior familiaridade com o problema com vistas a torná-lo mais explícito”.

Com essa finalidade, foram utilizadas fontes primárias, tomando como base Pareceres e Resoluções oriundas do Ministério da Educação e do Conselho Federal de Contabilidade, por meio de pesquisa documental, e fontes secundárias, via pesquisa bibliográfica.

Segundo Cooper e Schindler (2003, p. 143), a pesquisa bibliográfica “é desenvolvida com base em dados secundários constituídos de livros e artigos científicos e é muito utilizada em estudos exploratórios, históricos ou em análises de diferentes posições a respeito de um problema. Os autores (2003) acrescentam que ”através desse tipo de pesquisa, obtém-se uma cobertura ampla de um fenômeno”.

A segunda etapa do trabalho baseou-se no ambiente da pesquisa, classificada, nesse contexto, como pesquisa de campo, por meio de entrevista realizada com professores de Controladoria de quatro IES. A construção do roteiro de entrevista encontra-se explicitada nos próximos itens.

3.4 Caracterização da população e amostra

Para Corrar e Theóphilo (2004, p. 20), população é a totalidade dos elementos que possuem em comum determinadas características de interesse para uma pesquisa, e amostra é um subconjunto de uma população que possa representá-la. Quanto ao tamanho, a população classifica-se em finita ou infinita. São finitas as que possuem um tamanho limitado, e infinitas aquelas cujo número de elementos é ilimitado.

A população desta pesquisa constituiu-se de professores do curso de Ciências Contábeis em IES no município de São Paulo e, como amostra, foram selecionados os professores da disciplina de Controladoria.

Uma das justificativas da escolha pode ser dada por Nascimento e Reginato (2006) que destacaram a aplicação dos conceitos de Controladoria conjugados aos de Tecnologia da Informação como apoio ao processo decisório, a saber:

- a) tendo em vista a importância do recurso informação, torna-se importante que as empresas destinem atenção especial ao seu formato e à maneira pela qual é obtido;
- b) as áreas de Controladoria e de Tecnologia de Informação atuam em sinergia, para prover informações adequadas e comunicá-las de forma eficaz aos tomadores de decisão.

Baseado nessas considerações e dado que a revisão da literatura constatou o caráter interdisciplinar da Controladoria, tornou-se importante levantar a percepção dos professores dessa disciplina nos cursos de Ciências Contábeis das IES selecionadas na fase de qualificação dessa pesquisa com ajuda da banca examinadora..

Outro aspecto a ser ressaltado é o que se refere ao tamanho da amostra, considerando Rosa e Arnoldi (2006, p. 53) indicam que, na pesquisa qualitativa, não é a quantidade de pessoas que irão prestar informações que tem importância, mas sim o significado que os sujeitos têm, em razão do que se procura para a pesquisa.

A seguir, são apresentadas as IES selecionadas como objeto desta pesquisa de campo bem como a justificativa para sua escolha.

3.4.1 IES contempladas nesta pesquisa

As informações e dados a seguir, relativos aos cursos de Ciências Contábeis oferecidos pelas IES selecionadas, foram obtidos nos *sites* respectivos.

3.4.1.1 FECAP – Fundação Escola de Comércio Álvares Penteado

O tradicional Curso de Ciências Contábeis do UniFECAP, autorizado desde 1946, está totalmente compatível com as exigências atuais do mercado de trabalho, inclusive com o uso de tecnologias de informação, fornecendo assim um ensino de alta qualidade, sendo uma das comprovações o conceito “A” obtido nas duas avaliações realizadas pelo MEC (Provão) e

nos percentuais de aprovação dos exames do Conselho Federal de Contabilidade, sempre superiores a 80%.

O objetivo do Curso é a formação de um profissional socialmente responsável e competente na aplicação e gerenciamento dos sistemas de informações contábeis, que dão suporte às decisões administrativas nas organizações públicas e privadas. Outro objetivo é a formação de um profissional com conhecimentos amplos, inclusive quanto aos reflexos da internacionalização dos negócios empresariais.

Para isso, o conteúdo curricular do curso enfatiza a aplicação de tecnologia de informação nos sistemas contábeis, desde programas específicos de contabilidade e utilização de planilhas eletrônicas para elaboração dos orçamentos empresariais até complexos sistemas integrados de gestão empresarial. Assuntos voltados para a internacionalização dos negócios também são trabalhados em disciplinas específicas para essa finalidade.

Em uma das ênfases, Controladoria, são estudados assuntos que envolvem desde o uso de sistemas integrados de gestão empresarial até medidas de avaliação de desempenho das gerências e do resultado da empresa. O Contador precisa estar em sintonia com os objetivos estratégicos da organização e, para isso, deverá, dentre outras, desenhar e conduzir o sistema de informações da entidade em consonância com as reais necessidades do usuário, servindo como imprescindível ferramenta de apoio administrativo e gerencial do mais alto nível.

3.4.1.2 PUC – Pontifícia Universidade Católica

A Pontifícia Universidade Católica de São Paulo – PUC-SP, nasceu a partir da junção da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de São Bento com a Faculdade Paulista de Direito. A data oficial de sua criação é 22 de agosto de 1946, quando foi reconhecida como Universidade.

O curso de graduação em Ciências Contábeis da PUC-SP tem por objetivo formar profissionais com postura gerencial, para atuação no vasto campo de aplicação da Contabilidade nas empresas privadas e entidades públicas.

O estudo da Contabilidade é abordado como um sistema de informações à disposição dos usuários da informação contábil, que permite a avaliação patrimonial e a mensuração dos resultados econômicos e financeiros alcançados e, para isso, o corpo discente é incentivado à prática da pesquisa científica no campo da ciência contábil.

O Curso de Ciências Contábeis baseia-se em seis grandes áreas de concentração: Básica; Controladoria; Gerencial; Métodos Quantitativos; Legislação e Sócio-econômica.

3.4.1.3 Universidade Presbiteriana Mackenzie

A Universidade Presbiteriana Mackenzie foi criada em 1952. Os anos 70 e 80 foram marcados pela criação de diversos cursos e pela expansão territorial da Instituição. Hoje, o Mackenzie caracteriza-se pela busca contínua da excelência de ensino, da pesquisa e da formação integral do ser humano. A universidade mantém o Núcleo de Estudos em Controladoria - NECO -, sob a coordenação da Profa. Dra. Maria Thereza Pompa Antunes –com os seguintes objetivos:

- a) desenvolver pesquisas científicas no campo da controladoria sob um enfoque interdisciplinar, abordando a sua relação com o ambiente competitivo, liderança, *valuation* e inovações empresariais, por exemplo, disponibilizando os seus resultados aos interessados.
- b) promover cursos e seminários na graduação e pós-graduação da UPM - Universidade Presbiteriana Mackenzie - e outras IES.

3.4.1.4 USP – Universidade de São Paulo

A USP - Universidade de São Paulo -, é a maior instituição de ensino superior e de pesquisa do país. É a terceira da América Latina, classificada entre as primeiras cem organizações similares dentre as cerca de seis mil existentes no mundo. Foi criada com a finalidade de:

- a) promover a pesquisa e o progresso da ciência;
- b) transmitir pelo ensino conhecimentos que enriqueçam ou desenvolvam o espírito e que sejam úteis à vida;
- c) formar especialistas em todos os ramos da cultura e em todas as profissões de base científica ou artística.

A Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade da Universidade de São Paulo (FEA-USP) é uma instituição pública de ensino e pesquisa conhecida no país e no

exterior pela excelência de seus cursos, pela qualidade de sua produção acadêmica e pelos inúmeros serviços prestados à comunidade.

O Departamento de Contabilidade e Atuária da FEA/ USP é responsável pelo curso de Ciências Contábeis em seus campi de São Paulo e Ribeirão Preto. Para a conclusão do curso, atualmente, os alunos devem cursar 39 disciplinas obrigatórias e 8 optativas, sendo essas últimas direcionadas às áreas de seu interesse. Além das atividades de disciplinas, os alunos podem participar de diversas outras complementações à sua formação acadêmica e profissional.

3.5 Instrumento de coleta de dados

Para esta pesquisa, o instrumento de coleta de dados utilizado foi a entrevista que, para Gil (1999, p. 117), é a técnica em que o investigador apresenta-se frente ao investigado e lhe formula perguntas, para obter dados que interessam à investigação.

O mesmo autor (1999, p. 117) acredita que, como técnica de coleta de dados:

A entrevista é bastante adequada para a obtenção de informações acerca do que as pessoas sabem, crêem, esperam, sentem ou desejam, pretendem fazer, fazem ou fizeram, bem como acerca das suas explicações ou razões a respeito das coisas precedentes.

Rosa e Arnoldi (2006, p. 16) corroboram a escolha do instrumento, ao afirmarem que é possível certificar que a opção de coleta de dados por meio da entrevista deve ser feita quando o pesquisador precisa valer-se de respostas mais profundas, para que os resultados sejam realmente atingidos de forma fidedigna. E só os sujeitos selecionados e conhecedores do tema em questão serão capazes de emitir opiniões concretas a respeito do assunto.

Os autores (2006, p. 30), acrescentam que:

[...] as questões, nesse caso, deverão ser formuladas de forma a permitir que o sujeito discorra e verbalize seus pensamentos, tendências e reflexões sobre os temas apresentados. O questionamento é mais profundo e, também, mais subjetivo, levando ambos a um relacionamento recíproco, muitas vezes, de confiabilidade. Frequentemente, elas dizem respeito a uma avaliação de crenças, sentimentos, valores, atitudes, razões e motivos acompanhados de fatos e comportamentos.

Para Cooper e Schindler (2003, p. 249), a entrevista é uma conversação bidirecional iniciada por um entrevistador, para obter informações de um respondente. Os mesmos autores (2003) consideram a técnica da entrevista como parte da “abordagem de comunicação” para coleta de dados, que “envolve o questionamento ou estudo de pessoas e o registro de suas respostas para análise”.

A construção do roteiro de entrevistas considerou os objetivos específicos traçados para esta pesquisa, sintetizados no quadro seguinte:

OBJETIVOS ESPECÍFICOS DA PESQUISA	QUESTÕES DO INSTRUMENTO DE PESQUISA
Demonstrar a importância da Interdisciplinaridade como integradora de conhecimento.	6 a 11
Localizar e analisar a existência da interdisciplinaridade no ensino superior brasileiro de Ciências Contábeis.	1 a 5
Levantar a percepção da Interdisciplinaridade pelos professores de Controladoria no curso de Ciências Contábeis em IES do município de São Paulo.	12 a 18

Quadro 14 Questões do instrumento de pesquisa que traduzem os objetivos específicos

Fonte: A autora.

No planejamento do conteúdo, estrutura e aparência do roteiro de entrevista, um dos fatores essenciais refere-se à identificação e à definição clara dos conceitos a serem medidos, procurando-se, então, um método adequado de mensuração. Um desses métodos é produzido por meio de roteiro de entrevista, constituído de itens que se associam diretamente ao constructo (ou constructos) de interesse.

Assim, para Martins e Pelissário (2005, p. 83):

Constructos podem ser entendidos como operacionalizações de abstrações que os cientistas sociais consideram suas teorias, tais como: produtividade; valor de uma empresa; status social; custo social; inteligência; risco etc. Frequentemente, devemos não só estar aptos a observar os constructos, mas também a medi-los.

O autor (2005) assim caracteriza os constructos:

- a) não são diretamente observáveis ou diretamente inferidos a partir de fatos observáveis;
- b) devem cobrir todas as funções das entidades inferidas: resumir os fatos observados, constituir um objeto ideal para a pesquisa, isto é, promover o progresso da observação e constituir a base para a previsão e a explicação dos fatos.

Estabelecidos os constructos, deve-se decidir quais perguntas incluir. Como regra geral, somente as perguntas relevantes para os objetivos da pesquisa devem ser incluídas.

Para a formulação de cada pergunta, deve-se ter sempre em mente os posicionamentos: qual o interesse da questão para a pesquisa? Com que finalidade foi introduzida essa questão? Que tipos de dados se pretende obter na aplicação dessa pergunta? (ROSA; ARNOLDI, 2006, p. 64).

Com base no acima exposto, o roteiro de entrevista desta pesquisa foi elaborado considerando-se seis grupos de questões, reproduzidas no quadro seguinte. Por meio dessas questões, buscou-se identificar a percepção dos professores de Controladoria sobre Interdisciplinaridade, como a vêem na prática e o motivo pelo qual a consideram importante, ou não.

GRUPOS	OBJETIVO	QUESTÕES
Primeiro	Neste grupo, procurou-se: a) identificar o perfil do professor; b) identificar a possível existência da Interdisciplinaridade na formação do professor entrevistado; e c) constatar a percepção do professor quanto à própria preparação profissional para o mercado de trabalho, quando da sua Graduação.	1 e 2
Segundo	Neste grupo, procurou-se identificar: a) o grau de conhecimento do projeto pedagógico; b) o grau de participação na construção e/ ou reestruturação do projeto pedagógico; c) a forma de disponibilização do projeto pedagógico; e d) as formas de melhoria no curso de graduação em Ciências Contábeis..	3 a 5
Terceiro	Neste grupo, procurou-se: a) identificar o entendimento do professor sobre Interdisciplinaridade; b) identificar a percepção do professor sobre a importância da Interdisciplinaridade;. c) identificar obstáculos à prática interdisciplinar por parte dos professores; d) identificar a percepção do professor sobre a existência de ações ou atividades consideradas interdisciplinares; e) levantar os possíveis resultados obtidos por essas ações ou atividades em relação aos alunos; e f) verificar a viabilização, por parte da IES, de encontros de caráter interdisciplinar.	6 a 11
Quarto	Levando-se em consideração a Resolução no. 560/1983 do Conselho Federal de Contabilidade, que estabelece as prerrogativas profissionais para o Contador, esta questão buscou identificar a relação entre o ensino de Ciências Contábeis e o preparo para a atuação profissional.	12
Quinto	Neste grupo, procurou-se: a) identificar a percepção do professor em relação às Ciências ou áreas de conhecimentos que se relacionam com a Contabilidade; e b) verificar se a Controladoria facilita a integração da Contabilidade com outras Ciências ou áreas de conhecimento.	13 e 14
Sexto	Neste grupo, procurou-se identificar: a) a percepção em relação as atitudes importantes para o professor do curso de Ciências Contábeis, visando uma melhor prática interdisciplinar. b) as atitudes a serem melhoradas ou aprimoradas pelo professor do curso de Ciências Contábeis para uma melhor prática interdisciplinar; c) a percepção do professor sobre a melhor forma de relacionamento com os alunos; e d) a percepção do professor sobre a melhor forma de relacionamento do corpo docente.	15 a 18

Quadro 15 Grupos de questões do roteiro de entrevista

Fonte: A autora.

Na elaboração da entrevista, Cooper e Schindler (2003, p. 253) indicam as seguintes preocupações:

- a) é importante que o entrevistador faça as perguntas corretamente;
- b) o registro das respostas deve ser acurado.

Os autores (2003) indicam ainda alguns procedimentos que geram uma boa relação de entrevista:

- a) o respondente deve acreditar que a experiência será agradável e satisfatória;
- b) o respondente deve acreditar que responder a essas perguntas é uma coisa importante e que não estará desperdiçando o seu tempo;
- c) o respondente deve abandonar qualquer desconfiança que possa ter sobre sua participação.

Ao iniciar as entrevistas com os respondentes indicados para esta pesquisa, houve a preocupação de informar os objetivos estabelecidos e justificar a importância da sua participação como professores que desenvolviam a disciplina de Controladoria dos cursos de Ciências Contábeis. Esses esclarecimentos foram necessários e importantes, já que alguns entrevistados esperavam questionamentos específicos sobre a Controladoria.

O agendamento das entrevistas foi realizado após contato com os coordenadores dos cursos, por meio de e-mail, em que foram explicados os objetivos da pesquisa e a importância da participação dos professores. Posteriormente, esses coordenadores indicaram os professores das disciplinas de Controladoria que poderiam contribuir com esta pesquisa.

Em um segundo momento, foi encaminhado um e-mail para esses professores, indicando a intenção de encontrá-los em horários e datas que estivessem em conformidade com o tempo disponível de cada um. Todos os professores indicados colocaram-se à disposição para colaborar com a pesquisa.

As entrevistas foram realizadas nas instalações das IES pesquisadas, em salas de reunião ou nas salas dos entrevistados, que se mostraram à vontade durante a sua realização.

A reprodução das respostas, foi considerada imprescindível, já que a entrevista foi realizada como técnica de coleta de dados. Houve uma preocupação com os seguintes pontos:

- a) a memória do entrevistador;
- b) a timidez do entrevistado durante a entrevista poderia impedir o registro mecânico das respostas.

Um dos procedimentos citados por Rosa e Arnoldi (2006, p. 60) é a gravação, procedimento comum, muitas vezes utilizado com naturalidade, desde que o entrevistador se certifique de que o entrevistado estará à vontade e que suas respostas não serão comprometidas diante do microfone. Em vista disso, para essa pesquisa, utilizou-se a gravação como critério de registro das respostas, sem resistência por parte dos entrevistados.

Cooper e Schindler (2003, p. 255) apresentam algumas diretrizes para tornar essa tarefa mais eficiente, e orientam que:

Primeiro, registre as respostas à medida que elas são dadas. Se você deixa para depois, perderá muito do que é dito. Se houver restrição de tempo, o entrevistador deve usar algum sistema de abreviação que preserve a essência das respostas. [...] O entrevistador deve começar a escrever no momento em que o respondente começa a falar.

Para Rosa e Arnoldi (2006, p. 61), após o registro dos dados, segue-se a transcrição literal das gravações. Nesse momento, todos os fatos são muito importantes, e nada deve ser excluído. As respostas fornecidas pelos entrevistados, que atendem aos objetivos deste trabalho, encontram-se nos apêndices desta pesquisa.

3.6 Análise dos resultados

Rosa e Arnoldi (2006, p. 55) afirmam que:

[...] a parte mais valiosa da Entrevista é a descrição precisa e minuciosa do planejamento e da análise dos dados. Os procedimentos utilizados e através dos quais os dados serão analisados, o motivo da seleção deste ou daquele critério de análise, entre outras preocupações que passarão a ser evidentes, dependendo do tema, serão parte integrante dos resultados alcançados.

Ao analisar os resultados obtidos por meio das entrevistas, foram constatadas as seguintes ocorrências citadas por Rosa e Arnoldi (2006, p. 25):

- a) descrição de acontecimentos vividos pelo entrevistado e interpretações dessas experiências por meio de relatos mais profundos;
- b) representação dessas vivências e experiências.

A análise dos dados obtidos por meio das entrevistas foi efetuada em formas de agrupamentos: o das questões e o das respostas. No primeiro, é importante investigar o que cada pergunta permite obter e **classificar**, tendo por base interpretações advindas tanto da literatura quanto do conhecimento empírico do pesquisador.

3.6.1 Análise de conteúdo

Segundo Bardin (2004, p. 13), desde o princípio do século XX, durante cerca de quarenta anos, a análise de conteúdo foi desenvolvida nos Estados Unidos. Naquela época, o rigor científico invocado era o da medida, e o material analisado era essencialmente jornalístico. A autora (2004, p. 13) traça um histórico da análise de conteúdo conforme indicado a seguir:

- a) **1940-1950: sistematização das regras e o interesse pela política:** nos Estados Unidos, os departamentos de ciências políticas ocuparam um lugar de destaque no desenvolvimento da análise de conteúdo, e 25 dos estudos empíricos de investigação política resultaram da técnica de análise de conteúdo. Metodologicamente, o final dos anos 40-50 foi marcado pelas regras de análise elaboradas por E. Berelson, auxiliado por P. Lazarsfeld. A autora (2004) cita a célebre definição de análise de conteúdo dada por Berelson (1948), que resume as preocupações epistemológicas como “a análise de conteúdo é uma técnica de investigação que tem por finalidade a descrição objetiva, sistemática e quantitativa do conteúdo manifesto da comunicação”.
- b) **1950-1960: a expansão e a problemática:** a partir do congresso denominado *Allerton House Conference*, descobriu-se que os investigadores e praticantes, provenientes de horizontes diversos, interessavam-se mais pela análise de conteúdo que entra em uma segunda fase. A autora (2004, p. 19) conclui que:

Se fizermos o ponto da situação nos finais dos nos cinqüenta, apercebemo-nos de que, quantitativamente, a análise de conteúdo progrediu segundo uma razão geométrica. A partir do critério numérico de estudos por ano, constata-se que a evolução se processa da seguinte maneira: 2,5 estudos por ano em média entre 1900 e 1920. 13,3 entre 1920 e 1930, 22,8 entre 1930 e 1940, 43,3 entre 1940 e 1950, mais de cem estudos por ano entre 1950 e 1960.

- c) **1960 e os anos seguintes:** de 1960 até hoje, três fenômenos primordiais afetam a investigação e a prática da análise de conteúdo: recurso ao computador, interesse pelos estudos relacionados à comunicação não verbal e a inviabilidade de precisão dos trabalhos lingüísticos.

Na visão de Franco (2005, p. 7), a preocupação com a análise do conteúdo das mensagens, dos enunciados do discurso e das informações é muito mais antiga do que a

reflexão científica, que se ocupa da formalização de seus pressupostos epistemológicos, teóricos e de seus procedimentos operacionais.

Para a autora (2005), “a expressão verbal, seus enunciados e suas mensagens passam a ser vistos como indicadores indispensáveis para compreensão dos problemas ligados às práticas educativas e seus componentes psicossociais”.

Por volta de 1930, uma nova pressão foi exercida sobre os estudiosos em metodologia de análise de conteúdo; por um lado, deveu-se ao progresso das formas de documentação e, por outro lado, ao desenvolvimento da lingüística aplicada.

Segundo a mesma autora (2005, p. 9), a análise de conteúdo passou a ser utilizada para produzir inferências acerca de dados verbais e/ ou simbólicos, mas obtidos a partir de perguntas de observações de interesse de um determinado pesquisador. Assim, a autora (2005) aponta:

- a) o uso crescente da utilização de análise de conteúdo;
- b) o crescente interesse por questões teóricas e metodológicas;
- c) a aplicação da análise de conteúdo a um espectro mais amplo de problemas, especialmente àqueles relativos aos antecedentes e efeitos da comunicação, das mensagens e dos discursos;
- d) o uso crescente para testar hipóteses em oposição a pesquisas meramente descritivas;
- e) o uso em conexão com outras técnicas de pesquisa;
- f) a utilização de computadores para análise de conteúdo, principalmente mediante o recurso a programas computacionais.

Para Bardin (2004, p. 7), a análise de conteúdo em um contexto atual é:

Um conjunto de instrumentos metodológicos cada vez mais sutis em constante aperfeiçoamento, que se aplicam a «discursos» (conteúdos e continentes) extremamente diversificados. O fator comum destas técnicas múltiplas e multiplicadas — desde o cálculo de freqüências que fornece dados cifrados, até à extração de estruturas traduzíveis em modelos - é uma hermenêutica controlada, baseada na dedução: a inferência.

A autora (2004) afirma que a análise de conteúdo oscila entre o rigor da objetividade e a fecundidade da subjetividade e acrescenta que:

Absolve e cauciona o investigador por esta atração pelo escondido, o latente, o não-aparente, o potencial de inédito (do não dito), retido por qualquer mensagem. Tarefa paciente de «desocultação», responde a esta atitude de voyeur de que o analista não ousa confessar-se e justifica a sua preocupação, honesta, de rigor científico. Analisar mensagens por esta dupla leitura, onde uma segunda leitura se substitui à leitura «normal» do leigo, é ser agente duplo, detetive, espião. (BARDIN, 2004, p. 7)

Ao mesmo tempo, a autora (2004) faz um alerta:

Daí a investir-se o instrumento técnico enquanto tal e a adorá-lo como um ídolo capaz de todas as magias, fazer-se dele o pretexto ou o álibi que caucione vãos procedimentos, a transformá-lo em *gadget* inexpugnável do seu pedestal, vai um passo... que é preferível não transpor. (BARDIN, 2004, p. 7)

Cooper e Schindler (2003, p. 346), por sua vez, informam que:

A análise de conteúdo mede o conteúdo semântico ou o aspecto *o quê* da mensagem. Sua amplitude faz dela uma ferramenta flexível e vasta, que pode ser usada como uma metodologia ou como uma técnica para um problema específico. (Grifo do autor)

Além disso, segundo os autores (2003), a análise de conteúdo:

- a) protege contra a percepção seletiva do conteúdo;
- b) garante a aplicação rigorosa de critérios de confiabilidade e validade;
- c) é receptiva à computadorização.

Nesse sentido, Franco (2005, p.13) informa que:

O ponto de partida da análise de conteúdo é a mensagem, seja ela verbal (oral ou escrita), gestual, silenciosa, figurativa, documental ou diretamente provocada. Necessariamente ela expressa um significado e um sentido. Sentido que não pode ser considerado um ato isolado, pois, os diferentes modos pelos quais o sujeito se inscreve no texto correspondem a diferentes representações que tem de si mesmo como sujeito e do controle que tem dos processos discursivos textuais com que está lidando quando fala ou escreve.

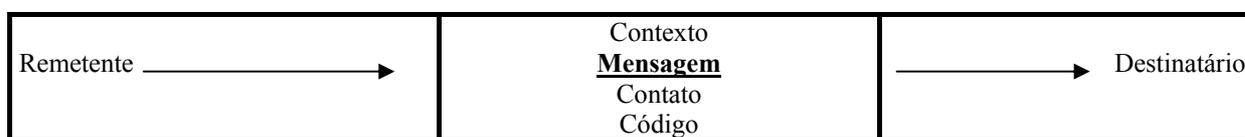
É nesse ponto que a análise de conteúdo aproxima-se da lingüística, embora ambas tenham um enfoque diferente da linguagem:

Enquanto a lingüística trabalha com uma língua teórica, encarada como um conjunto de sistemas que autorizam combinações e substituições regulamentadas por elementos definidos, a análise de conteúdo trabalha a palavra, quer dizer, a prática da língua realizada por emissores identificáveis. A lingüística estuda a língua para descrever seu funcionamento. A análise de conteúdo procura conhecer aquilo que está por trás das palavras sobre as quais se debruça (PÉCHEUX, 1989, p. 43)

Nesse contexto, convém apresentar a posição de Jakobson (1989, p. 122) a respeito dos componentes lingüísticos:

É mister uma perspectiva sumária dos fatores constitutivos de todo processo lingüístico, de todo ato de comunicação verbal. O remetente envia uma mensagem ao destinatário. Para ser eficaz, a mensagem requer um contexto a que se refere (ou referente, em outra nomenclatura, algo ambígua), apreensível pelo destinatário, e que seja verbal ou susceptível de verbalização. Um código total ou parcialmente comum ao remetente e ao destinatário (em outras palavras, ao codificador e ao decodificador da mensagem); e, finalmente, um contato, um canal físico e uma conexão psicológica entre o remetente e o destinatário, que os capacite a ambos a entrarem e permanecerem em comunicação.

Para o autor, “todos estes fatores inalienavelmente envolvidos na comunicação verbal” são esquematizados no quadro seguinte:



Quadro 16 Componentes do processo lingüístico

Fonte: Jakobson (1989, p. 122)

A respeito do componente *contexto* do processo lingüístico, Franco (2005, p. 13) comenta que é indispensável considerar que a emissão das mensagens – seja uma palavra, um texto, um enunciado ou um discurso está vinculada “necessariamente, às condições contextuais de seus produtores”.

Para a autora (2005), tais condições contextuais envolvem:

- a) a evolução histórica da humanidade;
- b) as situações econômicas e socioculturais em que os emissores estão inseridos;
- c) o acesso aos códigos lingüísticos;
- d) o grau de competência para saber decodificá-los em mensagens carregadas de componentes cognitivos, afetivos, valorativos e historicamente mutáveis.

Desse modo, a análise de conteúdo requer que as informações/ mensagens tenham **relevância teórica**. Uma informação puramente descritiva sem relação com outros atributos e/ ou características do emissor é de pequeno valor. Um dado sobre o conteúdo de uma mensagem deve, necessariamente, estar relacionado, no mínimo, a outro dado. (FRANCO, 2005, p. 21). (Grifo nosso)

A análise do conteúdo a partir da mensagem realça o ponto de vista do produtor/ autor, uma vez que:

- a) toda mensagem falada, escrita ou sensorial contém, potencialmente, uma grande quantidade de informações sobre seu autor: suas filiações teóricas, concepções de mundo, interesses de classe, traços psicológicos, representações sociais, motivações, expectativas, dentre outros.
- b) a teoria da qual o autor é o expositor orienta sua concepção da realidade. Tal concepção (consciente ou ideologizada) é filtrada mediante seu discurso, e resulta em implicações extremamente importantes para quem se propõe a fazer análise de conteúdo.
- c) o produtor/ autor é, antes de tudo, um selecionador, e essa seleção não é arbitrária.

Franco (2005, p. 22) defende que essa seleção é preconcebida. Assim, destaca que:

Sendo o produtor, ele próprio, um produto social, está condicionado pelos interesses de sua época, ou da classe a que pertence. E principalmente, ele é formado no espírito de uma teoria da qual passa ser o expositor. Teoria que não significa saber erudito e nem se contrapõe ao saber popular, mas que transforma seus divulgadores muito mais em executores de determinadas concepções do que de seus próprios senhores.

Um aspecto importante do conteúdo de uma comunicação refere-se à riqueza da fala humana, que possibilita uma infinidade de extrapolações e interpretação múltiplas.

Segundo Franco (2005, p.23), apesar dessa multiplicidade de interpretações, é a partir da comunicação, **tal como manifestada pelo emissor, que a análise de conteúdo deve se efetivar**, “para evitar a possível condição de efetuar uma análise baseada, apenas, em um exercício equivocado e que pode redundar na situação de uma mera projeção subjetiva”. (Grifo nosso)

Para a autora (2005, p. 23), os resultados de uma análise de conteúdo “**devem refletir os objetivos da pesquisa e ter como apoio indícios manifestos capturáveis no âmbito das comunicações emitidas**”. (Grifo nosso)

Cooper e Schindler (2003, p. 346) corroboram essa assertiva ao afirmar que “o primeiro passo da análise exige **que as unidades desenvolvidas reflitam os objetivos para os quais os dados foram coletados**”. (Grifo nosso)

No que se refere ao tratamento das informações, Laville e Dionne (1999, p. 216) informam que a análise de conteúdo pode ter um encaminhamento tanto quantitativo quanto qualitativo. No primeiro caso, após ter agrupado os elementos dos conteúdos em categorias, o

pesquisador constrói distribuições de frequências e outros índices numéricos aplicando, em seguida, o aparelho estatístico habitual.

De acordo com os autores (1999), a abordagem qualitativa, por outro lado, embora também se sustente em uma categorização dos elementos, não os reduz a uma simples frequência, como se fossem equivalentes, mas detém-se em suas peculiaridades e nuances, assim como na relação entre as unidades de sentido assim construídas.

Para os mesmos autores (1999), por meio da análise de conteúdo, busca-se “desmontar” a estrutura e os elementos do conteúdo para esclarecer suas diferentes características e significação. Mesmo considerando esse aspecto, a análise de conteúdo **não é um método rígido, obediente a uma seqüência fixa de etapas para o alcance dos objetivos propostos inicialmente pela pesquisa.** (Grifo nosso)

Para os autores (1999), a análise de conteúdo “constitui, antes, um conjunto de vias possíveis nem sempre claramente balizadas, para a revelação - alguns diriam reconstrução - do sentido de seu conteúdo”..

O ponto de partida para o pesquisador consiste na efetuação de um recorte dos conteúdos em elementos agrupáveis em categorias, o que constitui as “unidades de análise”, uma vez que “cada um desses fragmentos de conteúdo deve ser completo em si mesmo no plano do sentido” (LAVILLE; DIONNE, 1999, p. 216).

Outra possibilidade de trabalho com o conteúdo é analisá-lo a partir de temas, definidos pelos autores (1999) como fragmentos que traduzem uma idéia particular, que pode ser um conceito ou a relação entre conceitos. Esse tipo de recorte possibilita que o investigador aproxime-se do sentido textual. A compreensão do conteúdo parte de palavras, expressões, frases ou enunciados referentes a temas, apreciados posteriormente em relação a outros elementos aos quais estão ligados no texto.

Autores como Cooper e Schindler (2003, p.347) consideram suficiente a abordagem objetiva do conteúdo, ao afirmarem que “a **análise de conteúdo toma como ponto de partida o conteúdo manifesto**”. (Grifo nosso)

Já Laville e Dionne (1999, p. 218) opinam que

[...] **tudo depende, ainda e sempre, do problema examinado e das intenções da pesquisa.** Mas é certo que se deve levar em conta o explícito, pois as intenções e vontades declaradas são a porta de entrada do não dito. Quando se transpõe esta porta cumpre fazê-lo com muita prudência crítica. (Grifo nosso)

Após a definição das categorias analíticas, segue-se ao recorte do conteúdo. Para Cooper e Schindler (2003, p. 347), “categoria é a divisão de um conjunto”, enquanto “categorização é o processo de usar regras para dividir um conjunto de dados”. Tais categorias, na visão dos autores (2003), podem ser:

- a) apropriadas para o problema e o objetivo da pesquisa;
- b) exaustivas;
- c) mutuamente exclusivas;
- d) derivadas de um princípio de classificação.

Laville e Dionne (1999) apontam três modos de definição dessas categorias:

- a) o modelo aberto, freqüente em estudos de caráter exploratório, em que as categorias tomam forma no decorrer do processo de análise;
- b) o modelo fechado, em que o pesquisador estabelece previamente, com base em um modelo teórico, as categorias, submetendo-o, em seguida, à verificação;
- c) o modelo misto, que faz uso dos dois modelos, estabelecendo categorias que poderão ser modificadas sob a contingência da própria análise.

Nos itens posteriores, serão analisadas as perguntas levando em consideração os grupos estabelecidos no roteiro de entrevista. Ao sintetizar os autores citados anteriormente, as análises foram elaboradas observando-se o seguinte:

- a) preocupação com a análise das mensagens, fazendo com que elas reflitam os objetivos da pesquisa, tendo como apoio indícios manifestos nas entrevistas;
- b) a relevância teórica das informações/ mensagens relacionadas aos objetivos dessa pesquisa, dado que tudo depende do problema examinado e das intenções da pesquisa;
- c) levando em consideração a comunicação, tal como manifestada pelo emissor, a análise de conteúdo foi efetivada;
- d) o encaminhamento dado à análise de conteúdo foi no aspecto qualitativo, e os elementos dos conteúdos foram agrupados em categorias;

3.6.1.1 Análise do primeiro grupo de questões do roteiro de entrevista

O primeiro grupo, constituído das questões 1 e 2, teve por objetivos:

- a) identificar o perfil do professor;
- b) identificar a possível existência ou não de Interdisciplinaridade na formação do professor entrevistado;
- c) constatar a percepção do professor quanto à própria preparação profissional para o mercado de trabalho quando da sua graduação.

A **questão 1** desse grupo procurou obter informações sobre sua formação acadêmica, bem como sua atuação profissional, e foi formulada da seguinte maneira: **“Qual a sua formação acadêmica? Além da docência, exerce outra atividade profissional?”**. As respostas obtidas foram sintetizadas no APÊNDICE B.

Todos os entrevistados são professores da disciplina de Controladoria no curso de Ciências Contábeis, sendo que 57,14% possuem a graduação em Ciências Contábeis; 28,57% em Administração e 14,29% em Economia. Dando continuidade ao item formação acadêmica, 71,43% optaram pelo Mestrado na área de Contabilidade e 28,57% na área de Administração.

Quanto ao Doutorado, quatro entrevistados o concluíram, dois estão cursando e 1 não possui nem está cursando. Do total de entrevistados, 57,14% optaram pelo Doutorado em Contabilidade e 14,29% em Comunicação. Apenas um, 14,29% da amostra não possui formação superior específica na área de Contabilidade.

O quadro seguinte apresenta a formação profissional dos entrevistados.

Entrevistado	Graduação	Mestrado	Doutorado
1	Economia	Contabilidade	
2	Administração Pública e Jornalismo	Administração	Comunicação
3	Ciências Contábeis	Controladoria	Contabilidade
4	Administração	Administração	Contabilidade
5	Ciências Contábeis	Contabilidade	Contabilidade
6	Ciências Contábeis	Contabilidade	Contabilidade
7	Ciências Contábeis	Controladoria e Contabilidade	

Quadro 17 Perfil profissional dos entrevistados

Fonte: Da autora.

Em relação às atividades profissionais fora da docência, é possível concluir que os entrevistados estão muito mais dedicados à profissão voltada à academia, sendo essa sua primeira opção, como mostram as respostas constantes do quando seguinte:

Entrevistado	Respostas
1	“Estou reduzindo gradativamente as atividades profissionais”.
2	“De vez em quando presta serviço de consultoria de planejamento financeiro e orçamentário”. “Hoje está mais raro porque eu estou muito mais voltado à academia”.
3	“Após o doutorado saí da empresa e me dediquei totalmente à vida acadêmica”.
4	“No momento sou chefe do departamento de Contabilidade. Coordeno um laboratório. Tenho envolvimento com projetos de pesquisa”.
5	“Fui consultor e ainda sou um pouco, mas hoje estou mais dedicado à vida acadêmica, por opção. Também trabalhei em empresa de auditoria e também tenho muita experiência em programas de ensino para executivo e agora estou me dedicando mais à vida acadêmica como pesquisador e professor”.
6	“Profissionalmente, fora da academia, já fui Auditor de empresas, atualmente tem um escritório de consultoria na área de Controladoria, especificamente”.
7	Como ocupação principal sou professor de Contabilidade e atualmente, Coordenador do curso de Ciências Contábeis. Trabalhei por muito tempo em empresas. Hoje em dia, mais como consultoria.

Quadro 18 Atividades profissionais dos entrevistados

Fonte: Da autora.

A **questão 2** deste grupo procurou obter informações, do professor de Controladoria, sobre sua opinião relativa à sua formação acadêmica foi formulada da seguinte maneira: **“Na sua opinião, a Graduação o preparou suficientemente para o exercício profissional?”**. As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas no APÊNDICE C.

As respostas, da maioria dos entrevistados, possibilitaram reconhecer a seguinte categoria: visão da formação em nível de graduação, reproduzidas no quadro seguinte.

Visão da formação pelos entrevistados
“Como fiz Administração, a preparação que trouxe da graduação está muito mais voltada a questão do relacionamento pessoal, a questão do bom senso, da visão do que é Administração. Do ponto de vista técnico, muito pouco. Muito pouco mesmo”.
“Tive que fazer alguns cursos de extensão. Talvez eu tenha sentido essas dificuldades por não ter feito Ciências Contábeis”.
“Precisei investir bastante do ponto de vista técnico da contabilidade, contabilidade gerencial, custos para poder estar trabalhando dentro da Controladoria”.
“Eu vejo a graduação como um processo, um início de processo de formação que visa suprir essa necessidade, teórica e técnica. A prática, infelizmente, acho que a gente está ainda muito distante de resolver daqui estar resolvendo todos os problemas da realidade, até porque a nossa área de Contabilidade é muito ampla”.
“Para o mercado profissional fora da docência, eu acho que a academia, a graduação, visa dar, um componente que é a formação teórica e técnica. No fundo, aliada à prática, é que vai complementar a formação profissional”.
“Se eu pegar minha atividade profissional hoje, que envolve ensino, pesquisa, extensão e a prestação de serviços, acho que a graduação ela deixa a desejar”.
“A graduação em si para o que faço hoje, deixou a desejar sem dúvida, apesar de ser um curso excelente, em termos de conteúdo”.
“Quando fiz graduação, em relação ao que ela é hoje, mudou da água para o vinho. Então, por exemplo, tinha disciplinas de direito, onde era obrigado a ler livros de direito, interpretar o fato gerador da obrigação tributária, por exemplo, e não conseguia fazer a ligação disso com a contabilidade”.
“Disciplinas de cálculos, envolvendo cálculos complexos, ao extremo, e a gente não conseguia ver a aplicação disso. Para mim, ou faltou alguém “iluminado” para dizer que isto seria importante para fazer tal coisa, para a

gente até atribuir o valor que ela tem ou aquele conteúdo ser adaptado para atender as necessidades do contador”.
“Acho importante, rapidamente, você já ter um contato com o mercado sem se descuidar da vida escolar, pelo menos na graduação. Então você consegue aplicar muita coisa que você aprende na vida acadêmica”.
“Como professor, vejo que o que a gente aprende na graduação, o que a gente ensina para os alunos, evoluiu muito em relação ao que a gente aprendeu na graduação há, pelo menos, 20 anos atrás”.
“A minha graduação me ensinou uma coisa importante. Ela me ensinou a pensar. As questões técnicas ou de mudanças, habilidades, conhecimentos muito específicos, graças a essa coisa maior que é pensar, entender, interpretar a contabilidade, correlacionar a realidade, eu acabei suprindo isso com essa base maior. Mas ela atendeu, sim, sobre essa expectativa”.
“Não totalmente, mas eu posso dizer que aproveitei bastante a graduação. E eu acho que a graduação me ajudou, principalmente, a aprender a pensar, aprender a pesquisar e a aprender a me virar por conta própria”.
“A graduação foi onde eu tive a oportunidade de refletir sobre a minha prática profissional e foi a partir daí que eu tive a vontade de ser professor que é a atuação que eu tenho tido até hoje”.

Quadro 19 Visão da formação em nível de graduação dos entrevistados

Fonte: A autora.

Um dos entrevistados relacionou o ensino de graduação que teve com o ensino atual ao tecer o seguinte comentário: “No tempo em que estudei a graduação era muito mais exigente. O grau de envolvimento e de estudo era muito maior. Com o tempo e com a massificação o curso de graduação começa a perder parte do aprofundamento que tinha”.

Um outro entrevistado teceu comentários que refletiam sobre a importância das relações que deveriam ter sido efetuadas no tempo em que se graduou:

“Quando fiz graduação, em relação ao que ela é hoje, mudou da água para o vinho. Então, por exemplo, tinha disciplinas de direito, onde era obrigado a ler livros de direito, interpretar o fato gerador da obrigação tributária, por exemplo, e não conseguia fazer a ligação disso com a contabilidade”.

“Disciplinas de cálculos, envolvendo cálculos complexos, ao extremo, e a gente não conseguia ver a aplicação disso. Para mim, ou faltou alguém ”iluminado” para dizer que isto seria importante para fazer tal coisa, para a gente até atribuir o valor que ela tem ou aquele conteúdo ser adaptado para atender as necessidades do Contador”.

3.6.1.2 Análise do segundo grupo de questões do roteiro de entrevista

O segundo grupo, constituído das questões de 3, 4 e 5, teve por objetivos identificar:

- a) o grau de conhecimento do Projeto Pedagógico;
- b) o grau de participação na construção e/ ou reestruturação do Projeto Pedagógico;
- c) a forma de disponibilização do Projeto Pedagógico;
- d) as formas de melhoria no curso de Graduação em Ciências Contábeis.

As **questões 3 e 4** desse grupo procuraram obter informações sobre o conhecimento e a participação do professor no Projeto Pedagógico, além da forma de disponibilização do

projeto. A questão 3 foi formulada da seguinte maneira: **“Você conhece o Projeto Pedagógico do curso de Ciências Contábeis da IES em que trabalha? Teve participação, de alguma forma, em sua construção ou estruturação?”**, e a 4: **“O Projeto Pedagógico é disponibilizado para todos os professores do curso de Ciências Contábeis? De que forma?”**. As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas no APÊNDICE D.

No quadro seguinte, estão identificadas as respostas obtidas da maioria dos entrevistados para as seguintes categorias relacionadas ao Projeto Pedagógico, identificadas nas questões 3 e 4: conhecimento, participação e disponibilização. Para melhor atender aos objetivos traçados para essa pesquisa, as questões 3 e 4 foram unidas, pois as respostas dos entrevistados, possibilitaram identificar uma percepção comum.

Conhecimento	Participação	Disponibilização
“Conheço o projeto que está em vigor e o que está sendo implantado”.	“Pela própria função que exerço, tenho que coordenar os professores e porque realmente eu acredito que possa contribuir com coisas positivas. Então tem um grande desejo e vontade e participo sim”.	“O projeto pedagógico está disponível para os professores. Existe departamento que disponibiliza sempre que querem. O que acontece é que as passagens são tantas nos órgãos colegiados, que acaba se tornando um projeto muito extenso, e onde a consulta acaba sendo prejudicada. O que a gente costuma fazer, é a essência do trabalho a gente disponibiliza”.
“Conheço um pouco. Trabalhando no curso a 9 anos e por participar de algumas reuniões. Trabalho uma disciplina que na estrutura do curso de Ciências Contábeis ela é a ênfase”. “Então eu tenho uma idéia do projeto pedagógico, mas não sou um profundo conhecedor”.	“O coordenador do curso de Ciências Contábeis, sempre quando tinha que fazer alguma alteração, ele costumava nos consultar ou pedir opinião. Então a participação era muito mais no sentido de opinar em alguns momentos”.	“O projeto é disponibilizado para os professores. A gente tem um espaço na intranet onde um professor pode estar disponibilizando um arquivo para os outros. Então o coordenador sempre deixava ou deixa disponível lá no espaço dele o projeto pedagógico para quem quiser consultar. O problema é que muito pouca gente consulta. Mas ele está disponível”.
“Eu fui muito feliz em relação a ter entrado no momento de mudanças. De 2002 para cá já aconteceu uma reformulação mais profunda do programa, do projeto. E aí depois teve um ajuste de sintonia fina. Esse processo foi totalmente participativo, envolvimento de todos os professores”.	“No fundo aqueles que se interessam, se engajam, compram a idéia e estão comprometidos, acabam de certa forma colaborando e se beneficiando desses resultados. Enquanto a gente está aqui a gente procura melhorar o nosso próprio trabalho. Então foi um processo de discussão, rediscussão de conteúdos, de metodologia”.	“O projeto está disponível. O acesso é fácil para quem quiser. Basta querer. Mas é uma visão minha. Pode ser que tenha professor que ache que está guardado a sete chaves e ninguém pode ver. E não é. Pelo contrário”.
“Sim”.	“Tive participação na mudança do projeto. Algumas disciplinas saíram, algumas entraram”.	“Quanto à disponibilização do projeto pedagógico, é como não deveria ser feito. Ele não funciona como uma grande plenária. É assim, qual é a idéia geral,

		acertamos de gabinete. Ele é consolidado com um grupo menor, aprovado num conselho, tem discussão e depois as linhas de pesquisas detalham isso”. “Então o projeto pedagógico como um todo, ele é fracionado, algumas pessoas conhecem inteiro, algumas pessoas só um pedaço, algumas pessoas acabam se interagindo”.
“Eu conheço o projeto e o propósito do curso é o de avaliador de desempenho”.	“Recentemente, trabalhamos uma revisão do currículo. E os professores trabalham muito em grupo, então você vai ajudando ali na construção das disciplinas, no encadeamento das disciplinas”.	“Quando à divulgação e disponibilização o projeto em si está no site, pelo menos até onde eu vi estava no site. Nós temos aqui reuniões semestrais de coordenação com os professores onde são passadas as diferentes alterações”.
“Sim”.	“A nossa última alteração na grade ocorreu há 8 meses. Então é um projeto novo, uma grade nova que está sendo implementada agora”. “Principalmente os seus objetivos, as suas correlações, partindo das demandas, para dentro da academia e do próprio perfil que a IES quer formar de profissional e de ser humano”.	“Quanto à disponibilização do projeto pedagógico, mais do que disponibilizado o projeto pedagógico tem que ser uma coisa viva, uma coisa atuante, ele não é feito de um papel, um livro maravilhoso, bonito. Ele é uma coisa viva que se faz dentro de sala de aula”. “E, claro que são níveis de absorção. Os professores de período integral, estão aqui dentro 40 horas, então esses professores estão sendo bombardeados a todo momento e esse tem por obrigação interpretar melhor. Aí ele faz esse projeto pedagógico funcionar e aí nas reuniões com os professores, no corredor, no café”.
“Sim”.	“Como professor tive participação, sobretudo numa coisa aí que é a ênfase do curso que é a ênfase de Controladoria”.	“O projeto pedagógico é disponibilizado. O coordenador do curso deixa sempre disponível e todo começo de ano a gente distribui um extrato do que é o projeto pedagógico, com as informações mais importantes e fica também disponível na página dele para que a gente possa ter acesso”.

Quadro 20 Conhecimento, participação e disponibilização do Projeto Pedagógico

Fonte: A autora.

As respostas obtidas permitem perceber que:

- 1) os entrevistados conhecem o projeto pedagógico das IES em que trabalham, e participaram, de alguma forma, de sua estruturação/ reestruturação;
- 2) na maioria das IES pesquisadas, o Projeto Pedagógico é disponibilizado parcialmente aos professores;
- 3) não existem momentos específicos de encontros entre os professores para discussão de ações vinculadas ao projeto pedagógico;

- 4) espera-se que o professor tenha a iniciativa de conhecer o projeto pedagógico, não existindo um trabalho específico de discussão de tal documento.

A **questão 5** desse grupo procurou obter informações, do professor de Controladoria, sobre as melhorias que poderiam ser implementadas no curso de Graduação em Ciências Contábeis, e foi formulada da seguinte maneira: **“Você acha que o curso de Ciências Contábeis, de maneira geral, poderia ser melhorado? De que forma?”**. As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas no APÊNDICE E.

No quadro seguinte, estão identificadas as respostas obtidas da maioria dos entrevistados para as categorias relacionadas ao Projeto Pedagógico: a) concordância ou não sobre a possibilidade de melhorias; b) indicação das melhorias que poderiam ser implementadas no Projeto Pedagógico focadas na formação do aluno e c) indicação de melhorias relacionadas ao trabalho docente:

Concordância ou não	Melhorias no Projeto	Melhorias relacionadas ao docente
“Sim”.	“[...] eliminação dessas disciplinas que não deram certo (EAD) e substituir por disciplinas que sejam encaradas pelos professores e pelos alunos com mais seriedade”. “[...] possibilidade de avaliação do nosso curso, do nosso professor e dos nossos alunos”. “A possibilidade de ter uma integração melhor com a Pós Graduação”.	“[...] começar a colocar os nossos professores na carreira. Portanto, ter as disciplinas muito mais concatenadas com as linhas definidas pelo MEC. Então tem que ter uma visão extremamente dentro das determinações acadêmicas”.
“Sim”.	“Poderia ser melhorado não na sua parte técnica. O que a gente discute muito e eu acho que a gente ainda tem uma certa dificuldade é que o profissional de Ciências Contábeis, necessita ter uma formação gerencial maior, ou seja, de que forma todas aquelas informações que o Contador conhece melhor do que ninguém, podem ser utilizadas no processo de tomada de decisão numa organização e modificar o resultado da?”	
“Sempre. Eu acho que sempre. No dia que acharmos que nada mais pode ser melhorado, acabou nossa missão na face da terra”.	“A gente está trabalhando para formar os profissionais que mercado está demandando hoje. Agora, para onde está caminhando o mercado. Será que a gente já não poderia se antecipar e prover essa formação?” Eu acho que essa é uma necessidade que hoje está presente mas que, talvez	

	<p>há algum tempo atrás já pudesse estar presente, já que a academia deveria estar na vanguarda do conhecimento para poder se antecipar”.</p> <p>“E o outro é própria interdisciplinaridade, promover essa necessidade. Pode ser uma visão enviesada, porque eu estou na área de controladoria, eu vejo que há necessidade de integração, de conhecimento. Talvez alguém que atue numa outra área não veja dessa forma”.</p>	
<p>“Sim. Você sempre tem que repensar o projeto pedagógico. Não tem como”.</p>	<p>“Nós estamos fazendo várias ações na parte de Metodologia, então ter mais estudos de casos, caso mesmo”.</p> <p>“Agora, o planejamento do curso, planejamento do tempo, essa parte de gestão ela está ficando mais forte. Porque algumas questões nós estamos redirecionando”.</p>	<p>“Agora, tem algumas coisas na área de treinamento de professores que não está aparecendo e isso é um projeto que nós estamos postergando, por “n” motivos, que é reciclar professor, trazer ele para discutir algumas questões. São preocupações que vão desde saber o que o professor está pensando em relação à aula, até contribuições para o projeto de vida dele”.</p>
<p>“De forma geral o curso sempre tem possibilidade de melhoria”.</p>	<p>“Eu acho que tem que introduzir a integração de disciplinas”.</p> <p>“Interdisciplinaridade, relacionar trabalhos ao longo de disciplinas com outras disciplinas. Isso eu acho que é um negócio que poderia ser feito em todas as instituições de modo geral. Quer dizer, isso parece ser a tônica. Eu acho assim, a maioria dos professores tem que fazer os ganchos com as outras disciplinas de outros professores, mas individualmente”.</p>	
<p>“O projeto sempre pode ser melhorado. Principalmente, a implantação dele pode ser melhorada”.</p>	<p>“A implantação dele que é uma variável. Então hoje você tem necessidades às vezes contempladas ou não. Por exemplo, nós implantamos o curso matutino agora. Então talvez para esse público, o que esse projeto pode ter de ajuste, eventualmente?”.</p> <p>“[...] O projeto é lindo, como o da maioria das instituições. É difícil você pegar um projeto mal feito. Acredito na implementação. Espaço, sala de aula, de fazer valer”.</p> <p>“O grande desafio hoje, pelo menos em contabilidade, é em fazer valer o projeto pedagógico, isso do ponto de vista prático. A implantação passa a ser uma preocupação muito grande”.</p>	<p>“Eu quero desenvolver uma pessoa que tenha raciocínio crítico e visão sistêmica. Mas o que você vai fazer para gerar esse raciocínio crítico e essa visão sistêmica se as disciplinas estão em “caixinhas”, se os professores raciocinam por “caixinhas” se os problemas são integrados? Isso é complicado. O problema do aluno não é como calcular isso, o problema dele é mais amplo. Então isso é um desafio. Integrar as disciplinas, correlacionar os conhecimentos”.</p>
<p>“Tudo dá para ser melhorado”.</p>	<p>“O curso tem uma estrutura boa. Com disciplinas que sejam disciplinas práticas, com disciplinas que sejam de conteúdo geral”.</p> <p>“Com relação à melhoria, poderíamos incentivar mais, criar talvez um</p>	<p>“Eu acho que o que poderia ser melhorado não é nem o curso. É a capacitação dos professores e aí se a gente conseguisse alunos mais qualificados no ensino médio, daríamos um salto qualitativo muito</p>

	prêmio. Estamos pensando em alguma coisa. Sempre há possibilidade de elas serem melhoradas, contextualizadas, melhor divulgadas, melhorar a estrutura para os alunos, abrir mais portas porque nós queremos que ele examine a realidade. Ele não pode fazer um trabalho apenas teórico ou uma empresa teórica, é ele ir lá e olhar a realidade”.	interessante. Eu não vejo problema na estrutura dos cursos de ciências contábeis. Eu vejo problema mais na formação do professor que vai estar em sala de aula e também na formação do aluno que vem do ensino médio bastante defasado”.
--	--	--

Quadro 21 Melhorias no curso de Ciências Contábeis, na visão dos entrevistados.

Fonte: A autora

Pelas respostas obtidas, observa-se que:

- a) todos os entrevistados concordam que é possível a melhoria no curso de graduação em Ciências Contábeis por meio do Projeto Pedagógico;
- b) todos os entrevistados indicam melhorias que podem ser efetuadas no projeto pedagógico;
- c) quatro entrevistados indicam que, além de melhorias no projeto pedagógico, devem ser efetuadas ações de melhorias em relação ao trabalho do professor que, diretamente, participa do desenvolvimento do projeto pedagógico em sala de aula.

As falas de dois dos entrevistados nesse grupo de questões, a seguir identificadas, mostram preocupação com a integração de disciplinas e correlação de conhecimentos como uma melhoria do professor com a preocupação de um melhor desenvolvimento do projeto pedagógico:

“Eu quero desenvolver uma pessoa que tenha raciocínio crítico e visão sistêmica. Mas o que você vai fazer para gerar esse raciocínio crítico e essa visão sistêmica se as disciplinas estão em “caixinhas”, se os professores raciocinam por “caixinhas” se os problemas são integrados? Isso é complicado. O problema do aluno não é como calcular isso, o problema dele é mais amplo. Então isso é um desafio. Integrar as disciplinas, correlacionar os conhecimentos”.

“E o outro é própria interdisciplinaridade, promover essa necessidade. Pode ser uma visão enviesada, porque eu estou na área de controladoria, eu vejo que há necessidade de integração, de conhecimento. Talvez alguém que atue numa outra área não veja dessa forma”.

3.6.1.3 Análise do terceiro grupo de questões do roteiro de entrevista

O terceiro grupo, constituído das questões 6 a 11, teve por objetivos:

- a) identificar o entendimento do professor sobre Interdisciplinaridade;
- b) identificar a percepção do professor sobre a importância da Interdisciplinaridade;
- c) identificar obstáculos à prática interdisciplinar por parte dos professores;
- d) identificar a percepção do professor sobre a existência de ações ou atividades consideradas interdisciplinares;
- e) levantar os possíveis resultados obtidos por essas ações ou atividades em relação aos alunos;
- f) verificar a viabilização, por parte das IES, de encontros de caráter interdisciplinar.

A **questão 6** deste grupo procurou obter a percepção do professor sobre Interdisciplinaridade e foi formulada da seguinte maneira: **“O que você pensa ou entende em relação ao termo Interdisciplinaridade?”** As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas no APÊNDICE F.

O quadro seguinte destaca duas categorias que foram identificadas nas respostas da maioria dos entrevistados: entendimento do que é Interdisciplinaridade e percepção da importância da Interdisciplinaridade.

Entendimentos de Interdisciplinaridade	Importância da Interdisciplinaridade
[..] Relação entre as diversas Ciências e das situações acima das Ciências.	“Na nossa visão míope de anteriormente, não notávamos que as outras ciências tinham que ser usadas na nossa Ciência.
“... trabalho conjunto entre diversas disciplinas que de alguma forma se conversam, tem algum tipo de relacionamento para possibilitar uma integração de conteúdos e a não repetição dos mesmos..”.	[..] Não dá para se fazer bom Contador sem o Direito, sem Matemática, sem a visão econômica.
“... Interdisciplinaridade, um termo de fácil conotação, de algo que é comum..”.	[..]Pela necessidade de trazermos outras ciências para dentro do nosso curso
[..] Interdisciplinaridade, para mim, significa conteúdos que são comuns. [..] E daí a interdisciplinaridade disso é a integração de conteúdos, uma proposta de, não só de integração, mas ter uma visão do todo e não fragmentada.	[..] Fundamental para ter um bom curso, ter um curso com uma certa consistência.
[..] No lado conceitual nós estamos, por exemplo, buscando coisas na Sociologia, na Psicologia, Filosofia, Teoria de Configurações, etc. Enfim, visões que nos ajuda a entender a gestão de negócios.	“... necessário trabalhar em conjunto com outros professores até para o desenvolvimento de atividades comuns e também para evitar que o aluno tenha repetição de conteúdo ou deixe ter algum conteúdo..”.
Então fazemos coisas juntos, um diz: olha tem uma oportunidade. Ah, então vou lá. Você me ajuda?. Então tem muita articulação e nessa articulação o que acontece? Tem muita troca de experiência.	De forma geral, todos os professores precisam ter essa visão de interdisciplinaridade. É uma coisa que deveria ser incentivada por todo mundo.
[..] É o relacionamento com outras áreas do conhecimento.	“... a importância maior é você entender de fato e fazer valer. Então, ser interdisciplinar no curso é cair as

	barreiras. Se agente conseguir entender só isso já é uma grande coisa. Fazer valer, quebrar barreiras, quebrar os muros, conversar com as outras áreas. Isso para o aluno é fundamental, pois fica para ele a principal responsabilidade, de fazer a inter e multidisciplinaridade. Ele aprende por caixinha e depois ele é obrigado a juntar tudo aquilo que é a vida prática..”.
“... interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade. São duas palavras da moda, mal usadas e pouco realizadas ao meu singelo conhecimento sobre isso..” “... mas a interdisciplinaridade eu entendo como a relação de conhecimentos entre áreas só que no âmbito ainda interno, sem grandes revoluções..”.	“... o curso ele é interdisciplinar, mas a dificuldade é o aluno fazer o <i>link</i> ..”..
[..] É mais fácil falar o quer não é. É você juntar duas disciplinas, fazer um trabalho de duas disciplinas e achar que é interdisciplinaridade e não é.	[..]Como os nossos cursos são seriados e divididos em disciplinas, então isso dificulta um pouco mais você enxergar a interdisciplinaridade
[..] Essa conjunção de assuntos e de conteúdos, que você usa para um determinado objetivo, eu acho que isso é interdisciplinaridade. Agora é difícil o aluno entender isso e o professor também entender isso	

Quadro 22 Entendimento de Interdisciplinaridade e percepção de sua importância

Fonte: A autora.

A fala dos entrevistados revelou a ambigüidade e a dificuldade de definição do termo Interdisciplinaridade, conforme autores da revisão de literatura. Os exemplos citados revelam que os entrevistados intuem mais do que conhecem interdisciplinaridade e confirmam a teoria pesquisada sobre a indefinição do termo no item 2.3.1 desta dissertação. No quadro seguinte, estão sintetizadas as conceituações dos autores da revisão da literatura, relativamente à indefinição do termo tratada no item 2.3.1 dessa dissertação, denominado “Em busca de uma definição”, comparadas com os resultados obtidos:

Autores citados na Revisão da Literatura	Entendimentos dos entrevistados sobre Interdisciplinaridade
“[...]é a arte do tecido que nunca deixa ocorrer o divórcio entre seus elementos, entretanto, de um tecido bem trançado e flexível”. (FAZENDA, 2002a, p. 13) O termo Interdisciplinaridade não possui ainda um sentido único e estável e, embora as distinções terminológicas sejam inúmeras, o princípio é sempre o mesmo: caracteriza-se pela intensidade das trocas entre os especialistas e pela integração das disciplinas num projeto de pesquisa. (FAZENDA, 2002a, p. 31) Mann (2002, p. 1) informa que “a definição é múltipla e complexa.[...] Nenhuma prática é perfeita, nenhuma forma abrange tudo. Mesmo a promessa da interdisciplinaridade causa vertigem: aponta horizontes selvagens, desconhecidos, desafia as disciplinas, unifica o conhecimento, resolve problemas, muda o mundo. Os entusiastas vêem a interdisciplinaridade	“Aquela relação entre as diversas Ciências e das situações acima das Ciências..”. “É o relacionamento com outras áreas do conhecimento”. “Eu acho que essa conjunção de assuntos e de conteúdos, que você usa para um determinado objetivo, eu acho que isso é interdisciplinaridade. Agora é difícil o aluno entender isso e o professor também entender isso. Às vezes eu acho até que não precisa entender”. “Interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade. São duas palavras da moda, mal usadas e pouco realizadas ao meu singelo conhecimento sobre isso..”. “E é difícil falar o que é interdisciplinaridade. É mais fácil falar o quer não é”. “É mais bonito colocar lá, meu curso é interdisciplinar

<p>como a onda do futuro; os céticos a consideram um modismo. (Tradução livre da autora)</p> <p>“O interdisciplinar está se estabelecendo, hoje, não porque os homens decidiram, mas sim pela pressão, pelas necessidades colocadas pela materialidade do momento histórico. A materialidade histórica exige a presença da ciência e da tecnologia em qualquer espaço de atuação e de possível colaboração da universidade, seja no sentido instrumental ou no sentido da criação”.(JANTSCH; BIANCHETTI, 2004, p. 198)</p> <p>Pombo (2005a) apresenta diversos conceitos de interdisciplinaridade, dentre eles:</p> <p>Interação existente entre duas ou mais disciplinas. Esta interação pode ir desde a simples comunicação das idéias até à integração mútua dos conceitos directivos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da investigação e do ensino correspondentes. (Berger).</p> <p>Integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber (Palmade).</p> <p>Princípio de organização que visa a coordenação dos temas, dos conceitos e das configurações disciplinares (Jantsch).</p> <p>Intercâmbio mútuo e integração recíproca entre várias ciências. Esta cooperação tem como resultado um enriquecimento recíproco. (Piaget).</p>	<p>mas e daí? Eu entendo interdisciplinaridade que é a multidisciplinaridade é você pegar um outro, fora da própria área do conhecimento. Quer dizer, você fazer um estudo multidisciplinar..”.</p> <p>“Entendo por interdisciplinaridade, um termo de fácil conotação, de algo que é comum..”.</p> <p>“Mas a interdisciplinaridade eu entendo como a relação de conhecimentos entre áreas só que no âmbito ainda interno, sem grandes revoluções, vamos dizer assim..”.</p> <p>“Talvez até eu mesmo não saiba bem o que é mas, a importância maior é você entender de fato e fazer valer. Então, ser interdisciplinar no curso é cair as barreiras. Se agente conseguir entender só isso já é uma grande coisa”.</p> <p>“Agora é difícil o aluno entender isso e o professor também entender isso”.</p>
--	--

Quadro 23 Análise comparativa da base conceitual com o entendimento dos entrevistados sobre Interdisciplinaridade.

Fonte: A autora.

Algumas respostas dadas a essa questão revelam outro aspecto da revisão da literatura, referente à integração das disciplinas. A análise comparativa encontra-se reproduzida no quadro seguinte:

Autores citados na Revisão da Literatura	Entendimento dos entrevistados sobre a integração de disciplinas
<p>Interação existente entre duas ou mais disciplinas. Esta interação pode ir desde a simples comunicação das idéias até à integração mútua dos conceitos directivos, da epistemologia, da terminologia, da metodologia, dos procedimentos, dos dados e da organização da investigação e do ensino correspondentes. (Berger).</p> <p>Integração interna e conceptual que rompe a estrutura de cada disciplina para construir uma axiomática nova e comum a todas elas com o fim de dar uma visão unitária de um sector do saber (Palmade). (POMBO, 2005a).</p> <p>[...] “interdisciplinaridade é normalmente definida [...] como princípios de interação, para demonstrar o processo como interagem as disciplinas”. (KLEIN, 1990, p. 55)</p>	<p>“[...]é o trabalho conjunto entre diversas disciplinas que de alguma forma se conversam, tem algum tipo de relacionamento para possibilitar uma integração de conteúdos e a não repetição dos mesmos..”.</p> <p>“[...]mas a interdisciplinaridade, significa conteúdos que são comuns. E daí a interdisciplinaridade disso é a integração de conteúdos, uma proposta de, não só de integração, mas ter uma visão do todo e não fragmentada..”.</p> <p>“Essa conjunção de assuntos e de conteúdos, que você usa para um determinado objetivo, eu acho que isso é interdisciplinaridade”.</p>

Quadro 24 Análise comparativa do entendimento dos entrevistados sobre a integração entre disciplinas e a abordagem constante na Revisão da Literatura.

Fonte: A autora.

No tópico 2.3.3 desta dissertação, denominado “Interdisciplinaridade: considerações críticas”, encontram-se algumas considerações sobre o equívoco de se considerar Interdisciplinaridade a simples reunião de professores, como se lê a seguir:

Para Gusdorf (1977, p. 29) a reunião de especialistas em torno de uma mesa, na maioria das vezes, “nada tem a ver nem com a pluri, nem com a multi, nem com a trans, nem com interdisciplinaridade”, mas “tudo a ver com a disciplinaridade”.

Para que a equipe se torne intrinsecamente interdisciplinar, é necessário que seus componentes procurem ultrapassar os próprios princípios discursivos, as perspectivas teóricas e os modos de funcionamento em que foram formados.

Pombo (2003) comenta o equívoco de se confundir qualquer trabalho em grupo com interdisciplinaridade: “[...] é sempre a idéia embrionária - e muito ingênua – de que a simples presença física (ou virtual) de várias pessoas em torno de uma mesma questão criaria automaticamente um real confronto de perspectivas, uma discussão mais rica”.

A fala seguinte revela que o entrevistado incorreu nesse erro: “Então fazemos coisas juntos, um diz: olha tem uma oportunidade. Ah, então vou lá. Você me ajuda?. Então tem muita articulação e nessa articulação o que acontece? Tem muita troca de experiência..”.

As **questões 7 e 8** desse grupo procuraram obter informações sobre a existência de ações ou atividades consideradas interdisciplinares. A questão 7 foi formulada da seguinte maneira: **“No desenvolvimento do curso de Ciências Contábeis na IES em que trabalha, poderia destacar algumas ações ou atividades pedagógicas?”**. A questão 8: **“Existem atividades ou ações que considera interdisciplinares na IES em que ministra suas aulas?”**

Poderia descrevê-las?. As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas nos APÊNDICES G e H, respectivamente.

A **questão 9** desse grupo procurou obter informações sobre os resultados obtidos dessas ações ou atividades consideradas interdisciplinares e foi formulada da seguinte forma: **“Você percebe os resultados obtidos destas atividades juntos aos alunos? Que resultados poderia destacar?”.** As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas no APÊNDICE I.

Muito embora as questões tenham sido colocadas de forma individualizada, as respostas a essas questões possibilitaram destacar duas categorias identificadas nas respostas da maioria dos entrevistados. O quadro seguinte, relacionado às perguntas referidas, apresenta as seguintes categorias: a) atividades práticas e ações consideradas interdisciplinares; e b) resultados dessas ações no processo de ensino-aprendizagem.

Atividades práticas e ações consideradas	Resultados dessas ações no processo de ensino-aprendizagem
<p>‘Existe algo que agora está sendo dado muita importância que são as palestras e os seminários obrigatórios’.</p> <p>“Nós temos a disciplina PORTUGUÊS INSTRUMENTAL. Então são atividades, são aulas, são cursos que são dados por professores de outros departamentos, de outras unidades como Centro de Educação. São de outras áreas que vem cada vez mais se integrando ao nosso curso”.</p> <p>“Essa busca da interdisciplinaridade está sendo suprida com a oferta de disciplinas dadas por outros professores fora do departamento”.</p>	<p>“O aluno de contábeis tem uma extrema dificuldade de redigir. Quando ele faz uma atividade dessa, aliado ao auxílio que ele recebe no estágio e na Monografia, possibilita uma estrutura para ele conseguir quebrar a barreira da escrita com o PORTUGUÊS INSTRUMENTAL”.</p> <p>“Então estas disciplinas acabam criando uma visão do nosso aluno no mercado de trabalho que ele é tido como uma pessoa que sabe defender as suas posições. Isto é uma característica positiva”.</p>
<p>“Tem uma ferramenta que eu considero bastante interessante e a gente chama aqui de TOP que é a sigla para TIMES DE ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA. São grupos de disciplinas que guardam essa interdisciplinaridade, pelo menos deveriam guardar”.</p> <p>“Tem um grupo de disciplinas, por exemplo, que é Contabilidade Gerencial e Societária. Ele agrupa várias disciplinas que estão relacionadas à Contabilidade Gerencial e Societária, então envolve Controladoria, Custos, Contabilidade Gerencial, Administração Financeira e por aí vai”.</p> <p>“Os alunos tem a obrigatoriedade de no último ano estar escrevendo um artigo mas não me lembro, eu acho que não existe nenhuma ação conjunta com os alunos. Essa ação se restringe mais ao grupo de professores”.</p>	<p>“Além desse aspecto que a gente já abordou da questão dos conteúdos, no time ao qual a Controladoria estratégica pertence, os professores que trabalham com essas disciplinas são os mesmo há alguns anos. Então isso acaba permitindo que muitas vezes a gente faça um rodízio de conteúdos”.</p> <p>“Eu acho que a coisa acontece muito bem no corpo docente. Mas na realidade o que a gente passa para o discente é essa segurança e esse conforto de que os professores se conversam”.</p>
<p>“Pode ser que eu esteja totalmente envolvido emocionalmente com o PESC – Programa de Extensão e Serviço à Comunidade, mas eu acho que ele se ajusta perfeitamente à proposta da interdisciplinaridade”.</p> <p>“O PESC é um projeto. Não é uma disciplina. Apesar</p>	<p>“É uma atividade que a gente acredita ser relevante que é o VOLUNTARIADO acadêmico, empreendedorismo, procurando desenvolver uma visão de empreendedorismo social que é uma demanda hoje, pois as próprias organizações que visam lucro se</p>

<p>que, para viabilizar o projeto nós criamos uma disciplina onde os alunos de graduação se matriculam e eles recebem um crédito no semestre por participar desta disciplina, como se ele estivesse fazendo uma disciplina optativa”.</p> <p>“É um programa que envolve três áreas (Administração, Contabilidade e Economia) onde cada departamento tem uma chefia”.</p> <p>“Os objetivos do PESC é proporcionar aos alunos uma oportunidade de colocar em prática aquilo que ele aprendeu na faculdade, por meio de um TRABALHO VOLUNTÁRIO”.</p>	<p>interessam por isso em termos de imagem, lá fora isso aí é muito incentivado, então aqui é uma forma de a gente propiciar uma experiência para o aluno, onde ele possa crescer tecnicamente e como pessoa, como cidadão”.</p> <p>“Um resultado é a valorização do que o outro faz. Então, é natural que em qualquer ambiente que tenha as três áreas, tenha uma certa competição entre elas. Mas num trabalho desse, um sente a necessidade do outro. Então eu acho que esse é um resultado de uma atividade interdisciplinar”.</p> <p>“Um outro resultado desse processo de interação é ter uma visão não fragmentada do problema, mas uma visão do todo. Porque as soluções não são só técnicas. No ambiente empresarial muitas vezes a parte técnica é a menor parte. A solução técnica de um problema é a parte mais fácil. O difícil é viabilizar aquilo politicamente, num ambiente onde existe poder, responsabilidade”.</p> <p>“É um aprendizado interessante, não é uma visão estritamente voltada para resultado, acho que como pessoa é uma contribuição muito bacana”.</p>
<p>“Existe o TGI que é um trabalho de pesquisa desenvolvido pelos alunos em grupo, de pesquisa empírica, obrigatoriamente é uma pesquisa empírica e que se desenvolve em dois semestres”.</p> <p>“Não necessariamente, o TGI procura integrar outras áreas de conhecimento, ou seja, a pesquisa pode ser efetivamente focada apenas na área contábil”.</p> <p>“É difícil fazer um trabalho empírico que não tenha que fazer relacionamento com outros ramos de conhecimento, principalmente organizacional, mercado de capitais, economia”.</p> <p>“O TGI é o ponto de encontro da interdisciplinaridade, de uma forma formal”.</p>	<p>“O aluno percebe ao longo do semestre. No final do semestre o aluno vem falar, por exemplo, isso aqui eu estudei lá em comportamento organizacional, olha aqui a teoria da agência e quer dizer que isso tem a ver com remuneração, com contabilidade gerencial, com sistemas de informação. Nessa oportunidade ele consegue amarrar, se o trabalho dele tiver também os devidos relacionamentos, necessitar os relacionamentos”.</p> <p>“Eu entendo que os TGI são de boa qualidade”.</p> <p>“Aqui eu acho que tem muita pesquisa interessante, tanto que existem produções que são derivados desses trabalhos. Os próprios alunos fazendo os trabalhos eles publicam, também. A interação aluno-professor nos trabalhos dá bons resultados, ou seja, a interação dos alunos, a orientação, a exigência do referencial teórico de outras áreas. Nosso corpo docente relaciona bastante essas questões de relacionamento”.</p>
<p>“O TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO, ele é interdisciplinar por excelência”.</p> <p>“Por isso dele ser muito bem cuidado, cada professor só pode ter dois grupos, quer dizer, não pode orientar aquele bando de aluno, tem que ser só dois grupos, ele tem encontros semanais, força para ele ser indutor desta interdisciplinaridade, desse projeto maior”.</p> <p>“Então isso força essa interdisciplinaridade, então é um grande ponto do curso. Quer dizer, é a interdisciplinaridade, ao meu modo de entender. Mais importante, mais ordenado e mais organizado, onde fecha lá no projeto pedagógico. Se isto sair em ordem é um sinal de que nós conseguimos fazer a coisa acontecer”.</p> <p>“Fora isso, nós estamos com um projeto agora, um PLANO DE NEGÓCIOS com os alunos, onde ele tem que montar planos de negócios para nossa incubadora de empresas. Então, em contabilidade onde há a dúvida de que será que é uma área empreendedora, nós conseguimos 3 projetos no curso, em torno de 20 ou 25</p>	<p>“Como ponto positivo é que você força o trabalho em equipe, você força a resolução de problemas, você gera a capacidade dele realizar alguma coisa. Ele vai lá, o conhecimento está todo na prateleira, todo divididinho, e ele tem que se virar para pegar a prateleira certa, juntar com a outra gaveta. Então isso é uma obrigação dele”.</p> <p>“Acho que um ponto mais forte dessas atividades interdisciplinares, são esses professores de dedicação que estão vinculados ao curso, que são obrigados a ficar aqui. Então isso é que dá “porto seguro” para os alunos”.</p>

<p>alunos. É um bom modelo onde ele tem que pegar um problema real, montar empresa, como fazer e vai concorrer a um prêmio que é a IES bancando a empresa dele nos primeiros 2 anos. Então, é um curso de PLANO DE NEGÓCIOS que chama. Não é só no curso de contábeis. São vários cursos. Tem Engenharia, Economia, Administração e Contabilidade e o pessoal da Informática. São 3 centros. E aí você pode trocar. Os alunos daqui podem ajudar os alunos de outras empresas, ou eles sozinhos. Aí é o que eles quiserem. O importante é que eles vão concorrer a 3 cotas de empresas. Quem ganhar ganhou”.</p>	
<p>“A gente tem uma disciplina específica que é TÓPICOS DE PESQUISA EM CONTABILIDADE onde os alunos desenvolvem artigos científicos. O desenvolvimento de artigo científico, ele está pressupondo aí uma atividade interdisciplinar porque ele vai ter que ter noções de português, ter noções de lógica para um desencadeamento lógico, ele vai ter que ter noção específica daquela disciplina que ele está, noções de pesquisa, e por aí vai. Então essa é uma atividade que eu acho que é explicitamente uma atividade interdisciplinar”.</p>	<p>“Em relação às minhas atividades como professor em sala de aula, quando a gente usa conhecimentos de outras disciplinas, quando a gente cita isso, os alunos ficam contentes por entender que o curso é interligado. A tristeza é que você tem que avisar. Se você não avisa ele não percebe. Então eu tenho que falar, olha isso aqui a gente viu em tal disciplina, isso aqui a gente não viu em nenhum lugar mas vocês já sabem sobre isso, então, quando eu falo isso, quando eu faço essa referência, eu sinto que os alunos caem a ficha, parece que todas as coisas fazem sentido para eles, nas disciplinas específicas”.</p> <p>“Mas o resultado dessas ações, não dá para falar assim pontual. Acho que é mais essa questão do aluno perceber coisas para ligar”.</p>

Quadro 25 Atividades práticas e ações interdisciplinares na opinião dos entrevistados e os resultados obtidos.

Fonte: A autora.

Cabe ressaltar que, muito embora se reconheça a dificuldade por parte dos entrevistados em indicar ações e atividades exercidas em conjunto que consideravam como sendo interdisciplinares, percebe-se que existe a preocupação de proporcionar ao aluno a possibilidade de concatenar os conhecimentos adquiridos no decorrer da graduação em Ciências Contábeis. As seguintes falas de alguns entrevistados representam essa preocupação:

“Um resultado é a valorização do que o outro faz. Então, é natural que em qualquer ambiente que tenha as três áreas, tenha uma certa competição entre elas. Mas num trabalho desse, um sente a necessidade do outro. Então eu acho que esse é um resultado de uma atividade interdisciplinar”.

“Um outro resultado desse processo de interação é ter uma visão não fragmentada do problema, mas uma visão do todo. Porque as soluções não são só técnicas. No ambiente empresarial muitas vezes a parte técnica é a menor parte. A solução técnica de um problema é a parte mais fácil. O difícil é viabilizar aquilo politicamente, num ambiente onde existe poder, responsabilidade”.

“O aluno percebe ao longo do semestre. No final do semestre o aluno vem falar, por exemplo, isso aqui eu estudei lá em comportamento organizacional, olha aqui a teoria da agência e quer dizer que isso tem a ver com remuneração, com contabilidade gerencial, com sistemas de informação. Nessa oportunidade ele consegue amarrar, se o trabalho dele tiver também os devidos relacionamentos, necessitar os relacionamentos”.

“Como ponto positivo é que você força o trabalho em equipe, você força a resolução de problemas, você gera a capacidade dele realizar alguma coisa. Ele vai lá, o conhecimento está todo na prateleira, todo divididinho, e ele tem que se virar para pegar a prateleira certa, juntar com a outra gaveta.

As **questões 10 e 11** desse grupo procuraram obter informações sobre a existência de encontros, proporcionados pelas IES, para a discussão de atividades ou ações interdisciplinares, ou, caso contrário, sobre a existência de obstáculos para se levar adiante uma prática interdisciplinar.

A questão 10 foi formulada da seguinte maneira: **“A IES proporciona encontros entre os professores para discussão de atividades ou ações interdisciplinares?”**. As respostas obtidas estão reproduzidas no APÊNDICE J.

A questão 11 foi formulada da seguinte maneira: **“Você identifica obstáculos para se levar adiante uma prática interdisciplinar no curso de Ciências Contábeis?”**. As respostas obtidas foram reproduzidas parcialmente no APÊNDICE K.

As respostas a essas questões, dadas pela maioria dos entrevistados, possibilitaram identificar as seguintes categorias: a) frequência dos encontros e b) principais dificuldades ou obstáculos à participação:

Frequência dos encontros	Principais dificuldades ou obstáculos
<p>“Sim. Ela quase que obriga”.</p> <p>“Existem as possibilidades de encontros, mas não há, ainda, a participação efetiva de todos os professores. O que está claro é que, cada vez mais os professores estão se envolvendo, porque cada vez mais o magistério é uma opção muito interessante”.</p>	<p>“O problema é que nem sempre os professores vão ter disponibilidades. Quando chegarmos ao ponto de que o professor exercerá apenas atividade de professor? Isso não há ainda. Ele é professor e profissional”.</p> <p>“Então, é preciso que nossos professores, não fiquem só em função dessa integração total à academia, porque aí ele vira aquilo que é absurdo. Professores que fazem graduação, MBA, mestrado e doutorado. É um forte professor da área teórica. Mas não tem nenhuma vivência para passar aos alunos. Então, é um titulado de revisão bibliográfica. Não se pode ter um professor totalmente teórico. Ele tem que ter a revisão bibliográfica, mas ele tem que trazer a experiência”.</p> <p>“Existem dificuldades definidas por políticas e por situações de defesa de grupos de interesse. Então para que a interdisciplinaridade seja aplicada na integralidade é preciso que a gente se destitua desses conceitos de proteção ao grupo, mas que os outros também o façam”.</p>
<p>“Faz, no mínimo uma vez por semestre. A gente tem alguns fóruns de discussões. A gente tem os encontros dos professores motivados pela coordenação do cursos às vezes a gente tem os encontros de professores motivados pela própria reitoria”.</p>	<p>“Vejo algumas dificuldades, que eu acho que aqui no nosso curso, felizmente a gente, talvez, não tivesse que é, por exemplo, eu trabalhava numa outra IES maior, com uma condição de trabalho não tão boa quanto a daqui e a gente tinha graves problemas. As pessoas até tinham intenção de fazer um trabalho interdisciplinar, mas ela</p>

<p>“Do ponto de vista formal, a gente tem uma reunião, no mínimo, uma vez por semestre, isso quando a reitoria não faz mais uma. A gente tem encontros mais informais”.</p>	<p>tinha uma rotatividade de professores muito grande. Essas atividades não resistiam a essas constantes trocas de professores. Já aqui a gente não se tem esse problema”.</p>
<p>“Acredito que seja mais informal, iniciativas mais pessoais ou instintivas. De acordo com a necessidade e interesse de cada um”.</p>	
<p>“Na graduação, hoje é semestral”.</p> <p>“O que nós temos que fazer? Eventos. É bem uma linha de, vamos sair daqui, dois dias e vamos discutir isso, isso e isso”.</p> <p>“Nós não estamos fazendo. Vai ser retomado”.</p>	<p>“Você sempre tem a noção de poder. Você tem uma área predominante, ela tem o poder. Você tem uma área emergente, ela quer um espaço. Você vai vivenciar isso em qualquer programa”.</p> <p>“Tem que ter uma força institucional. Tem que ter. Alguém tem que dar uma direção, aí depois você vai negociando. Tem linha de pesquisa que nasce, cresce e morre”.</p> <p>“Tem linha que pode durar milênios. Mas tem uma acomodação política. Poder, isso não se soma, não se divide. Então não é uma coisa muito simples”.</p>
<p>“Tem reunião de coordenação didática de todos os cursos, toda quinta-feira. Os professores que estão vinculados à núcleo de pesquisa, internamente, esses tem mais interação”.</p> <p>“Temos encontros semestrais com todos os professores”.</p>	<p>“Obstáculo acho que não tem não. Eu também não conheço outras ações de outros professores. É possível que tenha professor que dê trabalho desenvolvido em duas cadeiras. Eu, por exemplo, quando vou dar trabalhos de análise de balanços ou análises de gestão financeira, eu falo para eles, olha vocês podem usar aquele da mesma empresa que vocês estão estudando lá em estratégia, não tem problema nenhum, acho até bom, mas sem combinar muito com os professores, a gente combina com os alunos mesmo. Não tem uma coisa formal entre os professores, uma obrigatoriedade de fazer, de não fazer, só os desenvolvimentos das aulas. Isso a gente acaba fazendo meio que no informal, quer dizer, pelo menor nós aqui os professores do núcleo, sabemos o que cada um está dando”.</p>
<p>“Sim. Esses seminários de atualização didática e de pesquisa. Isso para todos”.</p> <p>“Obrigatoriamente para todos os professores”.</p>	<p>“Claro que não é fácil, porque as vezes o professor se coloca numa posição de que ele não precisa aprender mais nada. Então aí é difícil”.</p> <p>“O que existe é a própria resistência natural na academia que é a visão de ensino do próprio Brasil. Quer dizer, você ensina por disciplina, você não ensina por competência ou por conhecimento”.</p> <p>“Nós estamos muito longe disso ainda. Acho que nem no doutorado a gente consegue fazer isso ainda. Então barreiras precisam ser quebradas, mas paradigmas talvez educacionais por não ser previsto um outro modelo ou algo diferente”.</p>
<p>“Sim, a gente sempre tem pelo menos uma vez no semestre, tem essa conversa com o coordenador do curso específico”.</p>	<p>“Eu colocaria duas dificuldades: a falta de formação do professor para os aspectos interdisciplinares e a falta de disposição dos alunos para uma mudança de paradigmas. Esses alunos vêm numa situação em que ele é um sujeito passivo, por mais que a gente discuta que o aluno tem que ser ativo, tem que fazer parte do ensino e aprendizagem, a realidade é essa. O aluno vem com o paradigma de que ele é sujeito passivo e não é”.</p>

Quadro 26 Frequências dos encontros entre professores e principais dificuldades e obstáculos encontrados.

Fonte: A autora.

O quadro seguinte identifica as dificuldades e os obstáculos apontados pela maioria dos entrevistados e contrapostos a algumas dificuldades e obstáculos apontados na revisão da literatura:

Obstáculos identificados na revisão da literatura	Obstáculos ou dificuldades apontados pelos entrevistados
<p>[...] Psicossociológica e cultural: montar uma equipe com uma linguagem comum é difícil, pois há o desconhecimento do real significado do projeto interdisciplinar, a falta de formação específica, a situação estabelecida e o medo de perder prestígio pessoal. (FAZENDA, 1996, p. 32)</p> <p>O problema da integração da vida cultural é hoje o de tornar possível que pessoas que vivem em mundos diferentes tenham um impacto genuíno e recíproco umas sobre as outras. Se é verdade que existe algum tipo de consciência geral, ela consiste na interação entre uma multidão de visões não completamente comensuráveis, e a vitalidade desta consciência depende da criação das condições sob as quais esta interação irá ocorrer. E para isto, o primeiro passo consiste, certamente, em aceitar estas diferenças; o segundo em entender em que estas diferenças consistem; e o terceiro em construir um tipo de vocabulário através do qual estas diferenças possam ser formuladas publicamente. (SCHWARTZMAN, 1992).</p>	<p>“Existem dificuldades definidas por políticas e por situações de defesa de grupos de interesse. Então para que a interdisciplinaridade seja aplicada na integralidade é preciso que a gente se destitua desses conceitos de proteção ao grupo, mas que os outros também o façam”.</p> <p>“Você sempre tem a noção de poder. Você tem uma área predominante, ela tem o poder. Você tem uma área emergente, ela quer um espaço. Você vai vivenciar isso em qualquer programa”.</p> <p>“Tem que ter uma força institucional. Tem que ter. Alguém tem que dar uma direção, aí depois você vai negociando. Tem linha de pesquisa que nasce, cresce e morre”.</p> <p>“Tem linha que pode durar milênios. Mas tem uma acomodação política. Poder, isso não se soma, não se divide. Então não é uma coisa muito simples”.</p> <p>“[...] Não é fácil. São muitos professores, cada um pensa de um jeito, cada um vem de formações diferentes, às vezes vem de universidades diferentes. Então tem que passar por um processo de aculturação na IES”.</p> <p>“[...] Agora, por isso que a reunião é importante. Mas digamos, se eu tiver uma reunião todo mês, vai ser horrível. Nós teremos 3, 4 pessoas. Tudo bem. Nós somos em 37, tinha 25, 26. Eu não imagino conseguir que sempre tenha a presença de 100% dos docentes. A não ser nesses projetos que você faz para discutir os 3 próximos anos, ninguém consegue. As agendas são muito complicadas. Tem professor de todos os tipos”.</p> <p>“Não significa que nós pensamos iguais. Mas se o professor não perceber isso, se você não der uma direção em relação a coisas que você ache importante, depois que o professor fechou a porta, acabou o mundo, é ele que manda”.</p>
<p>O mesmo processo de crescimento da complexidade do saber humano sobre o mundo que gerou a necessidade da especialização vem, ultimamente, questionando a compartimentalização e apontando a necessidade premente de se buscar o rompimento das barreiras que se construíram entre os diferentes campos dos saberes. A visão mecânica do mundo precisa ser substituída por uma visão orgânica. . (GALLO, 2000)</p> <p>[...] a estrutura organizacional brasileira está longe de</p>	<p>“Claro que não é fácil, porque às vezes o professor se coloca numa posição de que ele não precisa aprender mais nada. Então aí é difícil”.</p> <p>“O que existe é a própria resistência natural na academia que é a visão de ensino do próprio Brasil. Quer dizer, você ensina por disciplina, você não ensina por competência ou por conhecimento”.</p> <p>“Nós estamos muito longe disso ainda. Acho que nem</p>

<p>elaborar tal substituição de visão de mundo. A organização do conhecimento em disciplinas está cristalizada nos currículos escolares como forma de acesso do aluno aos diferentes saberes”. (GALLO, 2000)</p> <p>[...] as disciplinas se fecham e não comungam umas com as outras. Os fenômenos são cada vez mais fragmentados, e não consegue conceber-se sua unidade. É por isso que se diz cada vez mais: ‘Façamos a interdisciplinaridade’.[...] (MORIN, 2000)</p>	<p>no doutorado a gente consegue fazer isso ainda. Então barreiras precisam ser quebradas, mas paradigmas talvez educacionais por não ser previsto um outro modelo ou algo diferente”.</p> <p>“Eu quero desenvolver uma pessoa que tenha raciocínio crítico e visão sistêmica. Mas o que você vai fazer para gerar esse raciocínio crítico e essa visão sistêmica se as disciplinas estão em “caixinhas”, se os professores raciocinam por “caixinhas”, se os problemas são integrados? Isso é complicado. O problema do aluno não é como calcular isso. O problema dele é mais amplo. Então isso é um desafio. Integrar as disciplinas, correlacionar os conhecimentos”.</p> <p>“Como os nossos cursos são seriados e divididos em disciplinas, então isso dificulta um pouco mais você enxergar a interdisciplinaridade”.</p>
<p>[...] material: a efetivação da Interdisciplinaridade exige planejamento de espaço, tempo e previsão orçamentária adequada. . (FAZENDA, 1996, p. 32)</p>	<p>“Vejo algumas dificuldades, que eu acho que aqui no nosso curso, felizmente a gente, talvez, não tivesse que é, por exemplo, eu trabalhava numa outra IES maior, com uma condição de trabalho não tão boa quanto a daqui e a gente tinha graves problemas. As pessoas até tinham intenção de fazer um trabalho interdisciplinar, mas ela tinha uma rotatividade de professores muito grande. Essas atividades não resistiam a essas constantes trocas de professores. Já aqui a gente não se tem esse problema”.</p> <p>“O problema é que nem sempre os professores vão ter disponibilidades. Quando chegaremos ao ponto de que o professor exercerá apenas atividade de professor? Isso não há ainda. Ele é professor e profissional”.</p>

Quadro 27 Dificuldades e obstáculos percebidos pelos entrevistados contrapostos a algumas dificuldades e obstáculos apontados na revisão da literatura

Fonte: A autora.

Por meio do quadro anterior, percebe-se que, na percepção do professor, o processo de melhoria da aplicação da Interdisciplinaridade não é relativamente rápido ou dinâmico, muito embora já se tenha identificado sua importância em itens anteriores, pois as dificuldades e obstáculos relatados pelos entrevistados para esta pesquisa não são diferentes daqueles indicados e relatados pelos autores da revisão da literatura.

3.6.1.4 Análise do quarto grupo de questões do roteiro de entrevista

O quarto grupo, resume-se à questão 12, que teve por objetivo identificar a relação entre o ensino de Ciências Contábeis e o preparo para a atuação profissional com base nas

prerrogativas profissionais estabelecidas pelo CFC – Conselho Federal de Contabilidade -, por meio da Resolução 560/1983.

A **questão 12** foi formulada da seguinte maneira: **“Na sua opinião, o curso de Ciências Contábeis proporciona ao aluno o exercício de todas as prerrogativas profissionais estabelecidas pelo CFC – Conselho Federal de Contabilidade por meio da Resolução 560/1983?”**. As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas no APÊNDICE L.

O quadro seguinte destaca duas categorias identificadas nas respostas da maioria dos entrevistados: a) percepção quanto ao exercício das prerrogativas profissionais estabelecidas e b) percepção da extensão do exercício profissional além das prerrogativas:

Percepção do exercício das prerrogativas profissionais	Percepção da extensão do exercício profissional além das prerrogativas
“De certa forma, sim. Mas é pouco”.	<p>“Os cursos têm que preparar não para exercer as prerrogativas da profissão, mas para exercer o potencial que o Contador tem que ter. Esse Contador não pode ser um Contador restrito a uma visão pequena da profissão ainda. Ele tem que crescer. Tem que crescer para ocupar o espaço de um verdadeiro Gestor. Porque ele é o melhor preparado do que todos os outros para ser um Gestor. É preciso evoluir. É preciso que nós dos cursos consigamos dar isso, que consigamos dar essa visão”.</p> <p>“Eles são muito mais do que aquilo que os Conselhos da profissão dá. Reserva de mercado que a profissão dá. Isso é muito pouco. Que assinar qualquer um assina hoje, desde que tenha um título. Haja visto profissionais que estão fora do mercado que assinam até balanços a preços inadequados”.</p>
<p>“Nesse aspecto eu não tenho a menor dúvida. A parte técnica, ética, técnica de domínio da Contabilidade, eu acho que o aluno domina,[...]”</p> <p>“Então eu acho que essas prerrogativas elas são atendidas”.</p>	<p>“A nossa maior deficiência, não reside no aspecto técnico, reside no fato de que com todo esse potencial técnico que o nosso aluno tem, ele tem obrigação de se enxergar gerencial. Ele não pode se sentir satisfeito sendo responsável pela contabilidade da empresa dele. Ele tem que ser o cara para ser o <i>Controller</i> da empresa, para trabalhar na controladoria. Porque eu acho que do ponto de vista técnico ele é melhor que a grande maioria”.</p>
<p>“A resolução, fazendo uma crítica rápida pois não parei para estudá-la, a impressão que dá é que ele está calcada em atividades que historicamente o Contador vem exercendo. Aí ela divide, olha isso aqui é do Contador e isso aqui é do Técnico em Contabilidade e ainda tem algumas atividades que além do Contador, outros fazem. Me parece uma visão mais histórica do</p>	<p>“Será que o que está regulamentado, hoje, aqui reflete as necessidades do futuro profissional? Eu tenho as minhas dúvidas. Se eu tivesse que dar um palpite agora, eu diria que não”.</p> <p>“Acho que tem globalização, internacionalização, os organismos internacionais e a própria relação entre os outros campos, entre as outras áreas do conhecimento.</p>

que prospectiva”.	A impressão que dá é que ela está mais preocupada em reservar um espaço, marcar território do que olhar o futuro e servir como indutor de comportamento, tanto dos profissionais atuais quanto daqueles que desejam entrar no mercado e estamos preparando esses profissionais. Somos todos nós, professores e alunos”.
“Olha, o curso é abrangente. Mas qual a intensidade que o aluno vai usar esses componentes, eu diria que na minha consciência, para algumas coisas sim e para outras não”.	
<p>“Todas? Eu não me lembro quais são, mas eu imagino que seja lá Auditoria, Perícia, trabalhar em órgãos públicos. Olha, eu acho que o mercado, ele faz uma pré seleção. Por mais que a gente possa ensinar uma coisa, para o exercício, o aluno ele tem que fazer uma escolha de carreira”.</p> <p>“Também acho que existe os cursos de especialização para isso, para fazer um aprofundamento na vocação que ele escolheu. Mas eu acho que dá para eles fechar balanço, essas coisas, só que o mercado mesmo não atribui essa responsabilidade imediatamente para ele porque tem o desenvolvimento natural do aprendizado lá na empresa”.</p>	“Assim como Administração e Economia, não formam presidentes assim de cara, nós também não formamos logo no primeiro ano que ele sai da escola, um Contador que fecha balanço. Ele até pode fazer isso, mas acho que o mercado seleciona, ele dá um tempo de maturação para esse profissional. Não é porque você já é graduado que você já está fechando balanço. E os nossos alunos, eu acho que fecham balanço, fazem imposto de renda, mas supervisionado, provavelmente”.
“Sim, dentro do grau de maturidade de um aluno”.	<p>“Você estabelecer quais são as prerrogativas, eu acho que aí também você pode até discutir. Será que você tem que trabalhar nas prerrogativas ou você tem que trabalhar nas competências que o Contador tem que ter? Acho que é uma coisa diferente. E isso você tem que pensar e isso tem que estar a serviço de alguma coisa. Então você tem que estar no serviço de realizar alguma coisa, capacidade de realizar. Não adianta ter as prerrogativas feitas se você não conseguir ter essa capacidade de realização. Eu posso ter alguém extremamente inteligente em métodos Quantitativos, mas ele não consegue juntar isso, integrar alguma coisa”.</p> <p>“Então, mais do que cumprir a Resolução nós temos que tentar dar condição para esses alunos, dentro da maturidade deles, a gente não pode exigir muito de um jovem de 21 anos ou 22 anos que é a idade média de formandos. Os meninos são novos, não entendem nada da vida ainda. Não tem como exigir a maturidade, a aplicação da ética, por exemplo”.</p> <p>“Acho que essa questão deve ser olhada com cuidado. Apesar do ponto de vista legalista ele tem que fazer o juramento, não temos mais o exame de suficiência, mas vamos ter, tomara eu. Isso depois tem que ser potencializado, tem que ser trabalhado, entendido e executado”.</p>
<p>“Olha, nenhum curso consegue. Eu acho que não”.</p> <p>“Agora, objetivamente, se o curso ele prepara, não. Mas acredito que nem esse e nem nenhum outro. Seja para ser médico, vai ter que ter não só a residência, para ser advogado vai ter seu estágio, então acho que qualquer profissão não prepara. O de Contábeis, eu acho que a grande vantagem é que o aluno,</p>	“Mas em contrapartida o curso de Contabilidade, ele é um curso que no primeiro e segundo ano você já está empregado, normalmente. Então quando chegar no quarto ano quando se forma, você já tem uma experiência acadêmica e tem uma experiência profissional. Então eu acho que essas duas coisas aliadas, elas permitem”.

<p>rapidamente, consegue colocação no mercado. A gente tem muita possibilidade de emprego”.</p> <p>“No mínimo ele tem o conhecimento técnico e tem a percepção de que ele precisa se atualizar sempre, para exercer a profissão”.</p>	
---	--

Quadro 28 Percepção quanto às prerrogativas profissionais estabelecidas pelo Conselho Federal de Contabilidade

Fonte: A autora.

Por meio das respostas obtidas nesse grupo de questões, é possível concluir que os entrevistados concordam que as prerrogativas profissionais estabelecidas pelo Conselho Federal de Contabilidade são atendidas pelos cursos de graduação em Ciências Contábeis. Apesar disso, alguns entrevistados teceram algumas considerações que merecem destaque:

“Os cursos têm que preparar não para exercer as prerrogativas da profissão, mas para exercer o potencial que o Contador tem que ter. Esse Contador não pode ser um Contador restrito a uma visão pequena da profissão ainda. Ele tem que crescer. Tem que crescer para ocupar o espaço de um verdadeiro Gestor.

“A nossa maior deficiência não reside no aspecto técnico, reside no fato de que com todo esse potencial técnico que o nosso aluno tem, ele tem obrigação de se enxergar gerencial. Ele não pode se sentir satisfeito sendo responsável pela contabilidade da empresa dele. Ele tem que ser o cara para ser o Controller da empresa, para trabalhar na controladoria.

“Será que o que está regulamentado, hoje, aqui reflete as necessidades do futuro profissional? Eu tenho as minhas dúvidas. Se eu tivesse que dar um palpite agora, eu diria que não”.

“Você estabelecer quais são as prerrogativas, eu acho que aí também você pode até discutir. Será que você tem que trabalhar nas prerrogativas ou você tem que trabalhar nas competências que o Contador tem que ter? Acho que é uma coisa diferente. E isso você tem que pensar e isso tem que estar a serviço de alguma coisa. Então você tem que estar no serviço de realizar alguma coisa, capacidade de realizar. Não adianta ter as prerrogativas feitas se você não conseguir ter essa capacidade de realização. Eu posso ter alguém extremamente inteligente em métodos Quantitativos, mas ele não consegue juntar isso, integrar alguma coisa”.

3.6.1.5 Análise do quinto grupo de questões do roteiro de entrevista

O quinto grupo, constituído das questões 13 e 14, teve por objetivos:

- a) identificar a percepção do professor em relação às Ciências ou áreas de conhecimentos que se relacionam com a Contabilidade;
- b) verificar se a Controladoria facilita a integração da Contabilidade com outras Ciências ou áreas de conhecimento.

A **questão 13** deste grupo procurou obter a percepção do professor sobre o fato de o curso de Ciências Contábeis proporcionar integração com outras Ciências ou áreas de conhecimento, e identificar se, por meio da Controladoria, essa integração é facilitada e foi formulada da seguinte maneira: **“Na sua opinião, o curso de Ciências Contábeis proporciona a integração da Contabilidade com outras Ciências? Você acha que por meio da Controladoria essa integração é facilitada?”**

A **questão 14** deste grupo procurou obter do professor informações sobre as Ciências ou áreas de conhecimento com as quais a Contabilidade se relaciona e foi formulada da seguinte maneira: **“Na sua opinião, quais as Ciências ou áreas de conhecimento que mais se relacionam com a Contabilidade?”**. As respostas obtidas para as duas questões foram parcialmente reproduzidas no APÊNDICE M.

O quadro seguinte, elaborado com base nas respostas obtidas para as duas questões anteriormente identificadas, permite destacar a seguinte categoria identificada nas respostas da maioria dos entrevistados: áreas de conhecimento que se relacionam com a Contabilidade em geral e especificamente com a Controladoria:

Áreas de conhecimento que se relacionam com a Contabilidade em geral e especificamente com a Controladoria
<p>“Acho que pela Controladoria, pelo orçamento, análise do orçamento, é mais fácil. São disciplinas que se utilizam das outras ciências para poder tomar as decisões. Então, por excelência, elas podem facilitar”.</p> <p>“Essas disciplinas de Gestão, de gerenciamento, que é um conjunto delas é o grande futuro do Contador”.</p> <p>“Falta também, uma visão de disciplinas de maior envolvimento, disciplinas que trabalhem com elemento humano, com talento humano. Isto também precisa para nossos contadores. Precisamos saber dominar um pouco mais estas disciplinas, estas Ciências Sociais”.</p>
<p>“Acho que poderia ser melhor. Acho que ainda falta. Acho que ainda existe um certo estigma da categoria que precisa ser superado. Acho que às vezes, o próprio Contador não se dá conta do valor que tem, do tipo de atuação que poderia ter. Isso acaba, de uma certa forma, impedindo que a gente faça uma ponte, por exemplo, com Administração Geral, com Economia e outras áreas mais afins, quiçá com outras que são mais distantes como Comunicação, Psicologia porque acho importante quando você trabalha o universo empresarial”.</p> <p>“Administração, Economia e por incrível que pareça, acho que a Comunicação é fundamental dentro da Contabilidade, principalmente hoje onde a gente está entrando num momento onde cada vez mais é cobrado das organizações, os relacionamentos com os <i>stake holders</i>, outros tipos de interesse, a questão de como a empresa lida com as questões ambientais, questões sociais, balanço ambiental, balanço social”.</p>
<p>“Eu acho que parcialmente. O que eu vejo é que o curso de Ciências Contábeis, tem disciplinas de Direito para ter um enfoque mais jurídico, disciplinas que são oferecidas pela área de economia, tem administração”.</p> <p>“Infelizmente não tem mais, Psicologia, Sociologia. Algumas eu acho que eram até questionáveis, porque essa é uma outra questão que tem a ver com seu tema, que ainda que se promova dentro do curso a existência de uma disciplina de outra área, e teoricamente estaria promovendo essa interdisciplinaridade, muito embora essa disciplina possa existir, às vezes o conteúdo ou a forma, o objetivo, a metodologia é como se fosse a coisa funcionar na área deles e não aplicada à Contabilidade”.</p>

“Eu acho que na forma em que a gente vem ministrando a disciplina, eu acho que a gente talvez até instintivamente, tenha promovido interdisciplinaridade, quer dizer, tem promovido integração de conteúdo”.

“Então, por exemplo, na disciplina de controladoria a gente procura adotar uma abordagem que parte, por exemplo, da visão sistêmica da empresa. Então você já olha a empresa como um sistema, então você está usando conhecimentos da **Teoria de Sistemas**, que nasceu lá na biologia. Então é uma teoria que se aplica hoje nas ciências sociais, especialmente aqui na Controladoria. Bom, aí você estudou a empresa sobre a ótica sistêmica, agora vamos ver o impacto disso em termos de resultado, aí nós vamos lá resgatar conceitos da **Economia**, para mostrar qual é o resultado, se assegura a continuidade, porque realmente o conceito de lucro é econômico. A contabilidade mede o lucro. O campo dela é outro. Não é ela que discute a riqueza, então ela mede, é o conceito de mensuração e avaliação”.

“Se a empresa pode ser vista como sistema, resultado econômico então como a gente faz para gerenciar esse resultado? Aí entram conhecimentos de **Administração**, planejamento estratégico e operacional, controle, depois, a contabilidade mesmo é uma parte do conteúdo, e normalmente a mais chata, pois é onde você vai para a aplicação de conceitos econômicos, de administração, de sistemas e lá no final, quando a gente ministra controladoria, eu não tenho dispensado um **tópico que fala dos aspectos comportamentais**, até como um encerramento, para que a disciplina não termine com um ponto de interrogação. Para que o aluno não tenha a impressão de que tudo se resolve tecnicamente”.

“Então, imagino que dentro da controladoria a gente procura promover a integração da contabilidade com as demais áreas. Eu acho que isso é controladoria. Então isso acontece dessa forma, jogando conteúdos que não necessariamente venham da área de contabilidade”.

“Eu acho que o aluno percebe relacionamento, por exemplo, com **Direito**. Aliás, se fizermos uma pesquisa com os alunos, todos querem ter o Direito como segunda graduação. Pelo menos uma boa parte gostaria de ter isso aí, até porque são profissões liberais”.

“Na medida que você desenvolve o aluno, a controladoria é onde tem as melhores oportunidades de fazer esse relacionamento. Controladoria, todas as disciplinas de contabilidade gerencial, contabilidade de custos, você consegue enxergar mais coisas, enxergar, por exemplo, uma área de **Marketing**, enxergar um ramo de conhecimento de **Comportamento organizacional** ou mesmo **Estratégia**”.

“Eu acho que controladoria é o espaço mais interdisciplinar que tem na contabilidade”.

“Eu acho que economia e administração como macro áreas. Aí você se for especificar eu acho que é **Finanças**, essa área de **Direito** numa visão societária e tributária, aí indo mais para uma visão gerencial aí eu diria que é **Estratégia** e **Teoria Organizacional**, quer dizer, **Administração** mesmo, de estudos organizacionais, quer dizer, eu acho que essas duas estão mais, interagem na contabilidade gerencial”.

“É facilitado, principalmente quando você usa instrumentos didáticos que provocam isso no aluno”.

“Na verdade ela foi espalhada ao longo do curso, depois vai ter um nome de disciplina de controladoria mas ela já se fez valer em várias outras disciplinas desde **Teoria das Organizações** até Custos, passando por **Métodos Quantitativos**, navega em disciplina de **Sociologia**, volta para a disciplina de **Economia**”.

“Essa disciplina tenta fechar muitas coisas e nesse fechamento você, por meio de instrumento didático que fazem apresentar problemas para os alunos, então a gente gosta muito de usar estudos de casos aqui, principalmente nos últimos semestres para forçar o aluno a ver essa coisa interdisciplinar”.

“A Contabilidade por si só, ela é uma coisa meio vazia, do ponto de vista teórico. Então ela se relaciona muito com **Economia** que é uma ciência bem mais madura que a nossa, se relaciona com **Sociologia** muito forte, eu vejo **Teoria Institucional**, **Teoria da Contingência**, **Cultura**, **Antropologia**, porque as pessoas pensam assim? **Filosofia** com o uso do poder, uso da institucionalização de técnicas”.

“E **Psicologia** do ponto de vista macro, porque as pessoas decidem assim ou assado, se eu der a informação contábil assim o cara toma uma decisão, se eu der assado ele toma outra”.

“Em relação à controladoria eu acho que sim. A controladoria permite”.

“A gente tem uma ênfase em controladoria em que o aluno tem disciplinas de controladoria desde o segundo ano. Justamente para a gente quebrar esse paradigma, do próprio aluno, de que o curso de Contabilidade não é só Contabilidade societária”.

“Então eu divido a resposta em dois. Eu acho que os cursos de contabilidade em geral, eles não permitem essa visão interdisciplinar. A disciplina de controladoria, eu acho que ela permite”.

“E aí, tem que ter informação das **Ciências Administrativas**, das **Ciências Econômicas**, das Ciências

Contábeis, tem que entender de **Engenharia da produção**, hoje em dia, tem que entender de **Tecnologia da informação**, tem que entender de **Psicologia**, de **Sociologia**, de **Administração de recursos humanos**”.

Quadro 29 Áreas de conhecimento que se relacionam com a Contabilidade em geral e especificamente com a Controladoria

Fonte: A autora.

Os destaques do quadro anterior indicam as Ciências ou áreas de conhecimentos que mais se relacionam com a Contabilidade na percepção dos entrevistados. As respostas revelam que as que mais se relacionam com a Contabilidade são: Administração, Psicologia, Economia e Direito e, em menor proporção, Comunicação, Marketing, Métodos Quantitativos, Sociologia, Antropologia, Filosofia e Engenharia de Produção .

Essa constatação confirma o esclarecimento de Peleias (2002, p. 13), apresentado na revisão da literatura desta dissertação:

A controladoria se baseia em princípios, procedimentos e métodos oriundos de outras áreas do conhecimento, tais como contabilidade, administração, planejamento estratégico, economia, estatística, psicologia e sistemas. Ao colher subsídios de outras áreas de conhecimento para desempenhar as funções que lhe são atribuídas, a controladoria pode estabelecer as bases teóricas necessárias à sua atuação na organização.

3.6.1.6 Análise do sexto grupo de questões do roteiro de entrevista

O sexto grupo, constituído das questões 15 a 18, teve por objetivos:

- a) identificar a percepção em relação às atitudes importantes para o professor do curso de Ciências Contábeis, visando a uma melhor prática interdisciplinar;
- b) identificar as atitudes a serem melhoradas ou aprimoradas pelo professor do curso de Ciências Contábeis para uma melhor prática interdisciplinar;
- c) identificar a percepção do professor sobre a forma de relacionamento com o aluno;
- d) identificar a percepção do professor sobre a forma de relacionamento com os outros professores.

Nas **questões 15 e 16** desse grupo, procurou-se obter a percepção do professor do curso de Ciências Contábeis sobre as principais atitudes que o professor do curso de Ciências Contábeis deve possuir e quais ainda devem ser melhoradas para uma melhor prática pedagógica. A **questão 15** foi formulada da seguinte forma: **“Você poderia identificar**

algumas atitudes que considera importantes no professor de Contabilidade?”, e a questão 16: “Dentre as atitudes que listou, você acha que tem alguma que mereça destaque em termos de melhoria ou aprimoramento por parte do professor?”. As respostas obtidas foram sintetizadas nos APÊNDICES N e O, respectivamente.

As respostas da maioria dos entrevistados permitem destacar a seguinte categoria: atitudes do professor de Contabilidade consideradas importantes. Muito embora as questões foram feitas de forma individual, as respostas obtidas foram sintetizadas numa única categoria considerada relevante para esse trabalho.

Atitudes do professor consideradas importantes pelos entrevistados
<p>“A primeira atitude importante para o professor, tem que ser a responsabilidade de identificar, de procurar identificar e avaliar aquilo que o aluno sabe e que a avaliação não seja por aquilo que o aluno não sabe, mas exatamente pelo oposto. E que a avaliação do aluno seja a própria avaliação do professor. Quer dizer, o professor pode dar uma prova extremamente difícil mas ele precisa tomar consciência de que a prova foi extremamente difícil”.</p> <p>“Não é um posicionamento de transferência de informação tão somente, mas de envolvimento com aquela relação de ensinar e aprender. Então quer dizer, o professor ensina mas aprende, o aluno aprende mas ensina. Então isso nós temos que ter claro”.</p> <p>“[...] ele tem que ter a humildade de procurar sempre, de buscar, de aprender”.</p> <p>“[...] é ter consciência que você não vai explicar uma prática mecânica, mas você tem que contribuir com o desenvolvimento de um raciocínio. Ele tem que evoluir com o raciocínio. Ele não vai responder debita e credita por isso e por aquilo mas ele tem que raciocinar porque este procedimento, porque está debitando ou creditando”.</p>
<p>“Na realidade a gente precisa ter abertura para dialogar com os colegas”.</p> <p>“As atitudes citadas devem ser melhorada e aprimorada não só pelos professores mas também e muitas vezes pelas próprias IES”.</p> <p>“Então eu acho que isso é importante até para que haja essa interdisciplinaridade, até para que os professores se sintam motivados a discutir, a sentar juntos. Então é uma postura também institucional, que felizmente aqui acontece. Mas eu acho que a gente tem muita coisa a percorrer mas eu acho que a gente vai num bom caminho”.</p> <p>“Eu acho que há uma parte de responsabilidade do professor, ainda daquele que acha que isso é só um hobby, mas também acho que é uma responsabilidade da IES que acaba por última instância sendo de responsabilidade, vamos dizer assim, da estrutura universitária que se no adotou País”.</p>
<p>“Além de saber trabalhar em equipe, o professor precisa ter a didática, comunicação, dominar o conteúdo”.</p> <p>“Tem duas características que acho que são fundamentais e eu tenho dúvida se elas estão sempre presentes no professor profissional, que é pesquisa e a prática”.</p> <p>“O professor tem que estar fazendo pesquisa e essa eu acho que é uma deficiência que a gente tem na média geral, não só nos professores, mas também nos alunos”.</p> <p>“Falei da atividade para pesquisa, numa atitude de gostar, querer desenvolver, ter compromisso com a pesquisa e a outra é a questão prática”.</p> <p>“Uma coisa é estudar os problemas teoricamente, e não ter uma vivência prática em relação àquele assunto. Então eu acho que esse tripé, ensino, pesquisa e extensão, apesar de ser uma visão bem tradicional, eu acredito nesse tripé, pelo menos hoje”.</p> <p>“Acho que hoje estamos vivendo um momento especial com a área da contabilidade. A gente está dando muito valor à pesquisa, tem publicado muito, tem participado de congressos. Isso é muito bom e fundamental. Então eu</p>

acho que isso precisaria ser ainda mais valorizado, transferido para a graduação, preparar o aluno melhor para lidar com os problemas do dia-a-dia. Pesquisa lida com esses problemas, onde está o problema, onde estão as alternativas que eu tenho para resolver e solucionar, como farei isso? Usando uma abordagem de metodologia científica para resolver um problema prático. Não é uma questão só de pesquisa, é um engrandecimento pessoal que o aluno tem, que nós temos, não só para lidar com problemas de natureza profissional mas pessoal também”.

“Uma das coisas, talentos, habilidades, sei lá o termo que você gostaria de usar, mais importantes para o professor, é não deixar o aluno excluído. Ele não pode se sentir excluído. Por dois motivos: um é que se ele se sentir excluído ele não se envolve em nada, e segundo que é uma forma de ele se desculpar, por estar largado, entra e sai da aula”.

“Tem que ser motivado e motivar as outras pessoas, os alunos, os colegas”.

“Então, podemos dizer assim, não temos nenhuma estrela, somos todos parte de uma equipe e se um não está bem, tem alguma coisa errada com a equipe também, de uma certa forma”.

“Mas característica fundamental, hoje, para o professor em sala de aula, é uma habilidade de fazer o aluno aprender. Esse é o ponto fundamental”.

“Eu acho que o desafio para todo mundo é como é que você faz uma aula em que o aluno aprenda”.

“Melhoria na parte didática. E pesquisa, também. Acho que as aulas ainda em geral, por aí, são muito fundamentas em, olha eu acho que é assim eu já fiz isso, na minha empresa funciona assim. Para o aluno ainda acho que é interessante, pois assim ele tem uma visão da prática. Tem alguns que não dão exemplos nem de empresas. Então, aí quando ele dá exemplos de empresas, faz ter algum relacionamento com a prática”.

“O que eu acho que precisa também desenvolver, é usar mais material de pesquisa em sala de aula”.

“Primeira coisa ele tem que ser um curioso. E curioso ele pode ser chamado de pesquisador ou como você queira chamar”.

“Ele tem que ser uma pessoa humilde, humilde do ponto de vista, por mais alto grau de conhecimento que ele tenha, nós sempre estamos aprendendo, seja no comportamento, sorrisos”.

“Acho que essas duas características, a meu ver, são extremamente importantes. São vitais assim para o desenvolvimento dele. O resto, eu diria que é pressuposto do cargo. Então não dá para você ter um professor integrado, etc, que não saiba trabalhar em equipe, que não saiba ter boa postura, que não tenha capacidade de se comunicar. Eu chamo isso de pressuposto. Competência requerida *number one* para o cargo”.

“Então quer dizer, as vezes o pesquisador demais, ele não tem a humildade para estar no nível dos alunos. Seja no mestrado, seja numa graduação, seja no pós latu-sensu. Ele sempre está num desnível e isso prejudica muito o processo ensino-aprendizagem. Somos facilitadores, somos mestres. Um pouco diferente. Difícil. Muito difícil de executar, mas”.

“Melhoria tem que ocorrer, principalmente a questão da humildade. Tem que falar a língua do aluno, estar próximo dele. Eu já sinto falta disso. Quanto mais eu estudo, às vezes, eu me distancio. O foco é o aluno não é? Ele é a razão de ser. Não é o *paper* que eu publiquei na *Journal of accountancy*, não é isso, é o aluno”.

“Às vezes a gente se esquece do aluno. Ele é um estorvo às vezes. Pode acontecer de ele chegar e ele atrapalha às vezes, a ponto de achar que atrapalha, porque todas as vezes as minhas atividades se tornam mais importantes. Será que é verdade? Por que eu tenho que me doutorar? Para ter mais qualidade, para ensinar melhor. A partir do momento que eu vou chegando ao mais alto topo da pirâmide, eu me distancio mais da razão que me levou ao topo da pirâmide. Você me fez pensar”.

“O professor ele tem que gostar do aluno, se ele não gosta do aluno ele vai ser outra coisa, vai trabalhar em outro lugar. Então eu acho que o professor tem que ter esse interesse pela pesquisa e pelo novo, ele tem que ser atencioso, tem que trabalhar em equipe, tem que gostar do aluno”.

“A melhoria deve ocorrer no interesse pela pesquisa acadêmica, pela inovação. As pessoas devem ler jornal, verificar o que está acontecendo e trazer isso para a sala de aula e até o mais importante, e talvez seja uma defasagem maior é antever o que pode acontecer. Talvez seja um dos papéis da academia que a gente não encontra, sobretudo na área de ciências humanas, é antever o que vai acontecer. É uma das atitudes que deveriam ser melhoradas no professor, eu acho”.

Quadro 30 Atitudes do professor de Contabilidade consideradas importantes.

Fonte: A autora.

As falas seguintes de um dos entrevistados trazem à tona uma colocação de Fazenda (1993, p. 22), sobre os avanços da questão interdisciplinar, identificando os seguintes aspectos: a) “a Interdisciplinaridade nos conduz a um exercício de conhecimento: o perguntar e o duvidar, e b) “a Interdisciplinaridade desenvolve-se a partir do desenvolvimento das próprias disciplinas”:

“Primeira coisa ele tem que ser um curioso. E curioso ele pode ser chamado de pesquisador ou como você queira chamar. Acho que essas duas características, a meu ver, são extremamente importantes. São vitais assim para o desenvolvimento dele”.

“Além de saber trabalhar em equipe, o professor precisa ter a didática, comunicação, dominar o conteúdo”.

“Tem duas características que acho que são fundamentais e eu tenho dúvida se elas estão sempre presentes no professor profissional, que é pesquisa e a prática”.

“O professor tem que estar fazendo pesquisa e essa eu acho que é uma deficiência que a gente tem na média geral, não só nos professores, mas também nos alunos”.

“Falei da atividade para pesquisa, numa atitude de gostar, querer desenvolver, ter compromisso com a pesquisa e a outra é a questão prática. Uma coisa é estudar os problemas teoricamente, e não ter uma vivência prática em relação àquele assunto. Então eu acho que esse tripé, ensino, pesquisa e extensão, apesar de ser uma visão bem tradicional, eu acredito nesse tripé, pelo menos hoje”.

“Acho que hoje estamos vivendo um momento especial com a área da contabilidade. A gente está dando muito valor à pesquisa, tem publicado muito, tem participado de congressos. Isso é muito bom e fundamental. Então eu acho que isso precisaria ser ainda mais valorizado, transferido para a graduação, preparar o aluno melhor para lidar com os problemas do dia-a-dia. Pesquisa lida com esses problemas, onde está o problema, onde estão as alternativas que eu tenho para resolver e solucionar, como farei isso? Usando uma abordagem de metodologia científica para resolver um problema prático. Não é uma questão só de pesquisa, é um engrandecimento pessoal que o aluno tem, que nós temos, não só para lidar com problemas de natureza profissional mas pessoal também”.

Outras respostas que merecem destaque e reportam questões tratadas na revisão da literatura, dentre elas a assertiva de Freire (1977, p. 27):

Conhecer é tarefa de sujeitos, não de objetos. E é como sujeito e somente enquanto sujeito, que o homem pode realmente conhecer. Por isso mesmo é que, no processo de aprendizagem, só aprende verdadeiramente aquele que se apropria do aprendido, transformando-o em apreendido, com o que pode, por isso mesmo, reinventá-lo; aquele que é capaz de aplicar o aprendido-apreendido a situações existenciais.

As falas dos entrevistados que refletem essas constatações são as seguintes:

[...] Não é um posicionamento de transferência de informação tão somente, mas de envolvimento com aquela relação de ensinar e aprender. Então quer dizer, o professor ensina mas aprende, o aluno aprende mas ensina. Então isso nós temos que ter claro.

[...] Talvez os educadores saibam. Então o que nós professores precisamos aprender? Aprender com os educadores algumas coisas que nós não sabemos. Agora, mas com os educadores, não os donos da educação, mas os verdadeiros educadores. Aqueles que tem a preocupação do ensino, não aqueles que tem a preocupação política.

[...] é ter consciência que você não vai explicar uma prática mecânica, mas você tem que contribuir com o desenvolvimento de um raciocínio. Ele tem que evoluir com o raciocínio. Ele não vai responder debita e credita por isso e por aquilo mas ele tem que raciocinar porque este procedimento, porque está debitando ou creditando.

Nas **questões 17 e 18** desse grupo, procurou-se obter a percepção sobre as possibilidades de relacionamento entre aluno e professor e entre professor e professor para uma melhor prática pedagógica. A **questão 17** foi formulada da seguinte forma: **“Como você acha que deve ser a relação aluno-professor?”**, e a **questão 18**: **“Como você acha que deve ser a relação professor-professor?”**. As respostas obtidas foram parcialmente reproduzidas nos APÊNDICES P e Q, respectivamente.

As respostas da maioria dos entrevistados, apresentadas no quando seguinte, permitem destacar as seguintes categorias: a) formas de relacionamento entre aluno e professor e b) formas de relacionamento entre professores:

Relacionamento entre aluno e professor	Relacionamento entre professor e professor
<p>“De respeito. De igualdade. Não pode existir essa relação de distanciamento da cátedra à carteira. Tem que haver uma proximidade e uma cumplicidade. Que esta relação de aprender não pode ser o professor contra o aluno, mas de professor junto com o aluno e o aluno junto com o professor”.</p>	<p>“Hoje em dia se estimula, sob o pretexto da concorrência, uma luta entre professores, muitas vezes até transgredindo os princípios da ética. Então o professor se julga no direito de acusar o outro pelo fato do outro não ter agido da maneira adequada. Isso é absurdo”.</p> <p>“Por que eu procuro a falha no meu colega? Por que eu estou com medo que ele vá tomar o meu lugar. Então a minha insegurança, me faz inseguro”.</p> <p>“Então tem que ser de muito respeito, de colaboração, de compreensão e de ajuda mútua. E principalmente do envolvimento dos professores, todos, com o curso, com aquele ensino que estão passando”.</p>
<p>“Não acho que ela tenha que ser estritamente profissional mas também acho que ela não possa ser muito amistosa. Ela tem que ter um meio termo entre o pessoal e o profissional”.</p> <p>“Ela não pode ser totalmente profissional porque a gente trabalha com pessoas, a gente trabalha com sonhos. É muito comum você ter a sensação de que para alguns alunos o ensino superior representa uma possibilidade de mudar de vida. Então isso faz com que não dê para a relação ser eminentemente profissional”.</p>	<p>“Essa daí eu acho que tem que ser eminentemente profissional”.</p> <p>“Eu acho que hoje a relação é mais profissional. Você vê as pessoas vivendo na docência, encarando a docência como uma profissão e aí eu acho que essas pessoas tem uma postura mais profissional, com tudo aquilo que tem de bom e que tem de ruim, nesse relacionamento. Então eu acho que a relação professor-professor deve ser essa”.</p>
<p>“Aluno-professor é mais fácil. Eu vejo o professor como facilitador do processo ensino-aprendizagem do aluno. O papel do professor é gerar, expor o aluno a um</p>	<p>“Tem que ser uma relação de parceria, principalmente se a gente acredita num problema, numa dificuldade que é esta, de se integrar conteúdos, a gente tem que</p>

<p>processo onde ele consiga transmitir algum conhecimento, alguma habilidade, alguma tecnologia. Então o grande papel dele é criar um ambiente onde ele favoreça isso aí. Facilitador”.</p> <p>“A universidade é uma experiência de vida, o aluno tem a oportunidade de entrar na universidade e fazer todos os crédito, no prazo e se aprovado, ele terá o diploma. No final serão profissionais, qualificados. Agora aquele que passou pela universidade e não soube aproveitar uma das oportunidades, em qualquer área que seja, participou do PESC ou da discussão de casos, ou do congresso, ele foi além”.</p> <p>“O papel do professor em relação ao aluno é de criar esse ambiente. Cativar o aluno, trazer ele para esse ambiente, às vezes há contradições, o aluno não gosta de prova, mas quando você dá a prova para ele, ele não quer largar”.</p> <p>“O professor está muito mais para criar situações onde que ocorra a sua aprendizagem”.</p>	<p>ver esses professores como responsáveis por partes desse processo, então eu vou facilitar a aprendizagem desse tópico, o outro daquele”.</p> <p>“Então acho que é um trabalho de parceria, que envolve, muitas vezes, num ambiente prático, negociações. As pessoas não gostam de, de repente, ter que abrir mão do conteúdo ou então passar a lidar com conteúdo que não domina”.</p> <p>“Parceria, e como em toda parceria envolve ganhos para as duas partes. Vejo a relação de parceiros igual a essa. Parceria, com benefícios para os dois lados, a relação ganha-ganha, porque senão se um está só perdendo, favorecendo o outro, não é parceria. Parceria é quando os dois saem ganhando”.</p> <p>“O professor tem o que? Um objetivo comum, todos tem que trabalhar em prol daquela missão. Lógico que dentro das suas especialidades, das suas linhas de interesse”.</p>
<p>“Eu acho que deve ser, pelo menos, coerente, Eu sou um cara autoritário. Eu sou um cara liberal. O autoritário querer ser um cara liberal e vice-versa não funciona”.</p> <p>“E quando eles percebem o professor que não se preparou aí viram fera. Viram fera mesmo”.</p> <p>“Nós também temos, aí é uma legítima obrigação, do cara de ter horário para receber aluno”.</p> <p>“Tem coisas que são obrigações. Tem coisas que são direitos e tem coisas que é gestão. Então é uma conversa bacana. Infindável”.</p>	<p>Olha, ela é boa. É interessante. Tem muito tipo de conflito. Eu posso falar por mim e pelo grupo de pesquisa. Como exemplo, nós já fizemos reuniões onde começamos às 14, 15 horas e às 22horas não havia acabado, a mulher da limpeza passando o equipamento de limpeza e estávamos brigando por um negócio que era puro conceito. Então acabou, tchau. Somos amigos. Agora, nesse sentido o desgaste é enorme.</p> <p>Se você não tiver uma estrutura psicológica robusta, não seja professor. Se você não tiver uma estrutura psicológica extremamente equilibrada, por favor não venha para a pesquisa. Não faça isso. Ou então, só venha dar aula assim bem focada. Seu mundo é aquele e não interessa para ninguém.</p> <p>O relacionamento, essa direção de linha de pesquisa é uma coisa boa que você busca afinidade. Qual o grande risco? Criar muros, feudos. Então a gente tem falado muito sobre isso. Cada vez que a gente vai falar sobre linha de pesquisa, então espera aí, pode virar feudo. Você pode ganhar muito falando com o cara da outra linha, você vai trocar experiência, mas você tem que saber qual é a tua.</p> <p>Preciso buscar pessoas que eu não tenho afinidades, mas profissionalmente são importantes, são interessantes. Mas com muita interação profissional e respeito.</p>
<p>“Acho que uma relação de respeito. Quer dizer, o objetivo é um só, embora cada um tenha que fazer a sua parte. O professor não é só ele responsável pelo aprendizado, o aluno é um dos agentes do aprendizado. O professor tem que saber estimular esse aprendizado, tem que se preparar para dar a aula”.</p> <p>“O aluno percebe quando a aula não foi preparada. Então tem que ter dedicação. O professor não tem jeito, ele tem que se dedicar”.</p> <p>“O professor tem que estimular o aluno e perceber quando ele não está indo bem”.</p>	<p>“Essa relação eu acho que é de parceria. É de compartilhamento de conhecimentos”.</p> <p>“A relação acadêmica ela é antes de tudo uma relação pessoal. Então, se não há empatia do ponto de vista pessoal, é difícil você fazer um relacionamento acadêmico. Porque as pessoas são pessoas, então, a empatia acaba estimulando o relacionamento acadêmico, o compartilhamento de pesquisa, a troca de idéias, e conseqüentemente há a evolução dos dois”.</p> <p>“Você tem que valorizar o coletivo ao invés do individual. Não tem uma estrela puxando várias</p>

<p>“De franqueza e de compartilhamento de responsabilidades. Cada um é responsável pela sua parte e também não é para ficar pegando na mão do aluno e nem passando a mão na cabeça. Ele tem que saber que ele tem que fazer a parte dele”.</p>	<p>estrelinhas. E todo mundo fazendo um pedaço de tudo, compartilha”.</p>
<p>“Uma relação responsável, primeiro. Ela tem que ser uma relação boa, no sentido de ambiente, no sentido de atitude, muito sincera e muito ética ou correta de ambas as partes”.</p> <p>“Respeitosa eu acho que é pressuposto. Nós devemos saber que não existe pergunta idiota do aluno. Vamos ensinar e facilitar o conhecimento. A educação é um caminho de mão dupla. Então, a gente tem que fazer a nossa parte e o aluno tem que fazer a dele. A gente tem que estimular, o aluno responder e essas coisas tem que ser cíclicas às vezes. Rotativas a todo momento”.</p> <p>“Principalmente responsável e leal, humilde no sentido de falar a língua dele. Isso evita muito problema que na verdade não é problema. São pessoas. A gente que nasceu antes deles deveria ter um pouco mais de consciência. Não é o aluno que é ruim. O aluno é assim ué. Não é o ensino médio que está ruim. O ensino médio é esse. E daí? Nós estamos aqui para educar. Somos educadores?”</p> <p>“Ser educador é algo,... Ainda vou ter que aprender muito para ser um educador. Ser educador é uma coisa muito difícil”.</p>	<p>“Professor-professor, desde que ela não tenha os vícios da nossa academia, ela é muito legal. Quando você tem o vício “ego”, a falta de relacionamento”.</p> <p>“A interdisciplinaridade começa quando você tem, por exemplo, todas as portas da sala dos professores abertas”.</p> <p>“Como é que você quer ter interdisciplinaridade se você não consegue nem conversar com o vizinho? Não por diferenças intelectuais ou por concepções diferentes. Isso é o de menos. São pontos de vistas, são pesquisas que você não fez”.</p> <p>“Mas essa relação professor-professor ela tem que ser estimulada do ponto de vista de um debate acadêmico agradável, de um ambiente agradável no trabalho. E isso você tem que provocar integração. Você tem que colocar as pessoas juntas. Não fazer os vícios, criar núcleos, grupos, sala do professor tal. Não pode. Acho que isso só prega o individualismo”.</p> <p>“Tem que ter um ambiente, claro, mas não pode haver a fragmentação. Isso é claro. Na academia nós somos péssimos nesse sentido”.</p> <p>“Mas, essa relação não é a relação de que eu sou melhor que você, o ego do professor tem que, pelo menos, entrar dentro da sala. Tem uns que nem dentro da sala cabe o ego do homem! Que é inerente da academia, lógico que é, mas trabalhar em equipe na academia é difícil”.</p> <p>“Nós não somos fáceis não, viu? O professor não é um “bicho” fácil não. Dizem que médico não é fácil, advogado não é fácil, mas professor também não é um “bicho” fácil de entender não”.</p> <p>“É uma classe profissional, boa, alegre e deveria ser mais aberta a esse tipo de motivação. Tanto é verdade que você tem que escolher muito o lugar em que vai trabalhar. Tem que pensar muitas vezes, porque não é fácil”.</p>
<p>“Tem que ser uma relação de respeito, primeira coisa, de respeito”.</p> <p>“Talvez respeito a gente resume bastante o que deva ser. Por meio do respeito você respeita a diferença do aluno, o aluno respeita a diferença do professor, você respeita as deficiências, as virtudes do aluno. Respeitando um ao outro, eu acho que é um ótimo ponto de partida para continuar”.</p> <p>“O professor tem que gostar do que faz, o professor tem que estar disponível para os alunos, disponível não é 100% do tempo, não é isso. Disponível é quando o aluno encontra você, você atende ele por mais que seja um horário indevido ou alguma coisa. No mínimo o que você vai fazer é, olha eu não posso te atender agora</p>	<p>“Ela tem que ser respeitosa e tem que ser profissional no sentido de que os professores que sabem, e o projeto pedagógico dá essa noção, o professor sabe que uma disciplina, um conteúdo tem interferência no outro, eles tem que se conversar”.</p> <p>“E também tem que haver o respeito, tem que haver humildade e eu acho que, eles tem que ser críticos em relação a um e a outro. Se tiver alguma coisa não muito correta do ponto de vista pedagógico, do ponto de vista curricular, de conteúdo, eles poderiam sim criticar um ao outro no sentido de melhoria para o curso”.</p>

<p>mas depois a gente conversa”.</p> <p>“A humildade também é muito importante. Humildade não significa superveniente, não significa servir, mas humildade no sentido de que você pode saber mais ou não, você pode ter estudado mais do que ele, mas nem por isso você é melhor do que ele, nem por isso ele é pior do que você”.</p>	
--	--

Quadro 31 Formas de relacionamento entre aluno e professor e entre professores.

Fonte: A autora.

A fala de um dos entrevistados levantou uma colocação de Buarque (2003), constante no capítulo 1 dessa pesquisa, sobre a responsabilidade dos professores no processo de ensino-aprendizagem:

Este é um apelo aos professores. Percebam que seus métodos de ensino têm de incorporar as imensas possibilidades dos novos equipamentos que permitirão ampliar enormemente o número de alunos atendidos, seja qual for o país em que eles se encontram. Por favor, aceitem o risco de ser professores num tempo em que o conhecimento muda a cada instante, exigindo dedicação para acompanhar as mudanças contínuas. Aceitem com audácia esse desafio, e sigam rumo à criação de novas maneiras de conhecer, por mais efêmeras que sejam.

As falas seguintes exigem mudanças significativas de postura nas relações entre professor e aluno e professor e professor, baseado na colocação de Buarque (2003), indicando que o professor deve aceitar o desafio de ser professor:

“A interdisciplinaridade começa quando você tem, por exemplo, todas as portas da sala dos professores abertas. Como é que você quer ter interdisciplinaridade se você não consegue nem conversar com o vizinho? Não por diferenças intelectuais ou por concepções diferentes. Isso é o de menos. São pontos de vistas, são pesquisas que você não fez”.

“Mas essa relação professor-professor ela tem que ser estimulada do ponto de vista de um debate acadêmico agradável, de um ambiente agradável no trabalho. E isso você tem que provocar integração. Você tem que colocar as pessoas juntas. Não fazer os vícios, criar núcleos, grupos, sala do professor tal. Não pode. Acho que isso só prega o individualismo”.

“Tem que ter um ambiente, claro, mas não pode haver a fragmentação. Isso é claro. Na academia nós somos péssimos nesse sentido. “

“Mas, essa relação não é a relação de que eu sou melhor que você, o ego do professor tem que, pelo menos, entrar dentro da sala. Tem uns que nem dentro da sala cabe o ego do homem! Que é inerente da academia, lógico que é, mas trabalhar em equipe na academia é difícil”.

“Nós não somos fáceis não, viu? O professor não é um “bicho” fácil não. Dizem que médico não é fácil, advogado não é fácil, mas professor também não é um “bicho” fácil de entender não”.

Algumas respostas dos entrevistados, refletem uma preocupação já identificada por Fazenda (2002 a, p. 31) relacionada ao trabalho interdisciplinar, em que postula que “[...] ter-se-ia uma relação de reciprocidade, de mutualidade, ou, melhor dizendo, um regime de co-propriedade, de interação, que irá possibilitar o diálogo entre os interessados”:

“Então tem que ser de muito respeito, de colaboração, de compreensão e de ajuda mútua. E principalmente do envolvimento dos professores, todos, com o curso, com aquele ensino que estão passando”.

“Tem que ser uma relação de parceria, principalmente se a gente acredita num problema, numa dificuldade que é esta, de se integrar conteúdos, a gente tem que ver esses professores como responsáveis por partes desse processo, então eu vou facilitar a aprendizagem desse tópico, o outro daquele”.

“Então acho que é um trabalho de parceria, que envolve, muitas vezes, num ambiente prático, negociações. As pessoas não gostam de, de repente, ter que abrir mão do conteúdo ou então passar a lidar com conteúdo que não domina”.

“Essa relação eu acho que é de parceria. É de compartilhamento de conhecimentos”.

“A relação acadêmica ela é antes de tudo uma relação pessoal. Então, se não há empatia do ponto de vista pessoal, é difícil você fazer um relacionamento acadêmico. Porque as pessoas são pessoas, então, a empatia acaba estimulando o relacionamento acadêmico, o compartilhamento de pesquisa, a troca de idéias, e consequentemente há a evolução dos dois”.

“Você tem que valorizar o coletivo ao invés do individual. Não tem uma estrela puxando várias estrelinhas. E todo mundo fazendo um pedaço de tudo, compartilha”.

“E também tem que haver o respeito, tem que haver humildade e eu acho que, eles tem que ser críticos em relação a um e a outro. Se tiver alguma coisa não muito correta do ponto de vista pedagógico, do ponto de vista curricular, de conteúdo, eles poderiam sim criticar um ao outro no sentido de melhoria para o curso”.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS E RECOMENDAÇÕES

Esta pesquisa buscou, em um primeiro momento de caráter exploratório, levantar a teoria existente sobre Interdisciplinaridade – conceito, regulamentação, evolução ao longo do ensino superior brasileiro, em especial da graduação em Ciências Contábeis.

Com a revisão da literatura, constatou-se que o fenômeno da Interdisciplinaridade é mais discutido do que vivido. Há um consenso sobre sua importância relacionada à formação integral do aluno e seu adequado preparo para a atuação profissional. Há, até mesmo, a ilusão de que ela poderia resolver as mazelas do ensino brasileiro. Ela respeita o território pertencente a cada ramo de conhecimento e deseja somente a superação das barreiras existentes entre eles.

Com o levantamento efetuado sobre os trabalhos e estudos anteriormente existentes sobre Interdisciplinaridade no ensino de Contabilidade, verificou-se que sua aplicação, especificamente na área de Ciências Contábeis, não é contemplada na literatura relevante do tema. Alguns congressos educacionais e periódicos da área apresentaram trabalhos científicos e relatos de experiências, confirmando a dificuldade de se localizar literatura específica.

Tornou-se necessário, então, ir a campo, o que foi feito por meio de entrevista com professores de Controladoria de Instituições de Ensino Superior do município de São Paulo, buscando levantar sua percepção sobre Interdisciplinaridade, em uma ótica dupla: da teoria e da prática.

Por se tratar de uma pesquisa eminentemente qualitativa, pela qual se buscavam as opiniões e sensações dos professores sobre a prática interdisciplinar e sua importância no contexto das Ciências Contábeis, optou-se pela análise de conteúdo sem viés quantitativo, levando-se em consideração que as respostas fornecidas pelos entrevistados extrapolavam a mera quantificação, propiciando novas reflexões.

Comprovou-se, dessa maneira, a afirmação de Rosa e Arnoldi (2006) de que a entrevista possibilitava não só descrição de acontecimentos vividos pelo entrevistado e interpretações dessas experiências por meio de relatos mais profundos, como também a representação dessas vivências e experiências. A partir da análise do texto sob o ângulo das categorias identificadas, buscou-se a proximidade com a concretude da fala do entrevistado, evitando-se inferências e contextualizações subjetivas. Quando possível, as falas dos entrevistados foram relacionadas aos autores da revisão da literatura.

Os resultados obtidos permitiram concluir, por um lado, que o problema: **“Os professores de Controladoria percebem a Interdisciplinaridade como elemento facilitador da formação discente no curso de Ciências Contábeis no município de São Paulo?”**, foi solucionado.

Da mesma forma, conclui-se que os objetivos geral e específicos propostos para esta pesquisa foram alcançados. A pesquisa demonstrou que, embora a Interdisciplinaridade não esteja inserida de forma total e explícita no curso de Ciências Contábeis, e tampouco nas práticas desenvolvidas por seus atores, os professores percebem sua importância para uma melhor prática pedagógica para a formação discente.

Por outro lado, a riqueza e a complexidade do tema escolhido aliadas à riqueza da percepção dos entrevistados, vão muito além de uma dissertação, sugerindo a continuação, indicando outros caminhos, dentre eles:

- a) a extensão da pesquisa a outros professores da área contábil;
- b) a comparação e análise entre as práticas interdisciplinares e os projetos pedagógicos das IES;
- c) a contraposição entre as práticas pedagógicas interdisciplinares e a legislação nacional e internacional;
- d) a comparação das prerrogativas profissionais estabelecidas pelos órgãos de classe e as determinações de organismos nacionais e internacionais, proporcionando uma discussão plena do verdadeiro papel do Contador aliado aos conhecimentos oriundos de outras Ciências ou áreas de conhecimento;
- e) o relacionamento da existência ou não da Interdisciplinaridade nas práticas pedagógicas de professores totalmente voltados à academia com aqueles que também exercem outras atividades profissionais.

Os resultados obtidos pela pesquisa, principalmente por meio das entrevistas realizadas que trouxeram outros elementos, que não os pesquisados, mas igualmente importantes, que indicam a necessidade de uma discussão do tema, dada sua relevância para uma melhor formação profissional, bem como para a evolução da Ciência Contábil.

REFERÊNCIAS

ANDERSON, D. R. The function of industrial controllership. **The Accounting Review**, Sarasota, v. 19, n. 1, p. 55-65, Jan. 1944.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo**. Lisboa: Edições 70, 2004.

BERTAGLIA, T. Z. Et al. Relevância da controladoria: observação pela transição de uma empresa familiar para profissional. CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 13., 2006, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Custos, 2006. 1 CD-ROM.

BIRD. **La enseñanza superior: las lecciones derivadas de la experiencia**. Washington, DC: Banco Mundial, 1995.

BLOOM, R.; SOLOTKO, J. Using an historical account book as a teaching tool. **Accounting Education**, Oxfordshire, v. 14, n. 3, p. 239-268, Sept. 2005.

BRASIL. **Decreto-Lei 7988 de 22/09/1945**. Dispõe sobre o ensino superior de ciências econômicas e de ciências contábeis e atuariais. Disponível em: <<http://www.soleis.adv.br>>. Acesso em: 21 ago. 2005.

_____. **Lei 1401 de 31/07/1951**. Inclui no curso de Ciências Econômicas, a cadeira de História Econômica Geral e do Brasil, e desdobra o curso de Ciências Contábeis e atuariais. Disponível em: <<http://www.senado.gov.br>>. Acesso em: 09 jul. 2004.

_____. **Lei 4024 de 20/12/1961**. Fixa as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L4024.htm. Acesso em: 25/11/2006.

_____. **Lei 5540 de 28/11/1968**. Fixa normas de organização e funcionamento do ensino superior e sua articulação com a escola média, e dá outras providências. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L5540.htm. Acesso em: 25/11/2006.

_____. **Lei 9394 de 20/12/1996**. Estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/Leis/L9394.htm. Acesso em: 25/11/2006.

_____. Resolução CNE/CES 10/2004. **Diário Oficial da União**, Brasília, de 28 de Dezembro de 2004. Seção 1, p.15.

_____. Ministério da Educação. **Parecer CES/CNE 0146/2002 de 03/04/2002**. Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Direito, Ciências Econômicas, Administração, Ciências Contábeis, Turismo, Hotelaria, Secretariado Executivo, Música, Dança, Teatro e Design. Publicado no Diário Oficial da União no. 90, de 13/5/2002, Seção 1.

BRINK, V. Z. Education for controllership. **The Accounting Review**, Sarasota, v. 25, n. 3, p. 251-259, July 1950.

BUARQUE, C. A universidade numa encruzilhada. In: CONFERÊNCIA MUNDIAL DE EDUCAÇÃO SUPERIOR + 5, UNESCO, Paris, 23-25 de junho de 2003.

BURSZTYN M. A institucionalização da interdisciplinaridade e a universidade brasileira. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 38-52, mar. 2005. Disponível em: <<http://www.liinc.ufri.br/revista>>. Acesso em: 10/01/2007

CATELLI, Armando (Coord.). **Controladoria: uma abordagem da Gestão Econômica - GECON**. São Paulo: Atlas, 1999. p. 369-381.

CHAVES, A. **O ciclo de formação geral e a reforma do ensino superior**. [2007]. Disponível em: <<http://www.educacao.gov.br/reforma/Documentos/ARTIGOS/2005.3.7.17.4.56.pdf>>. Acesso em: 30 mar. 2007.

CONSELHO FEDERAL DE CONTABILIDADE. **Resolução CFC no. 560/83**. Prerrogativas profissionais. Disponível em: http://www.crcsp.org.br/portal_novo/legislacao_contabil/resolucoes/Res560.htm Acesso em 24/10/2007.

COOPER, D. R.; SCHINDLER, P. S. **Métodos de pesquisa em administração**. 7. ed. Porto Alegre: Bookman, 2003.

CORRAR, L. J.; THEOPHILO, C. R. **Pesquisa operacional para decisão em contabilidade e administração**. São Paulo: Atlas, 2004.

_____. **Professor/Conhecimento**. Brasília: UNB, 2001.

DENKER, A. F. M. **Pesquisa e interdisciplinaridade no ensino superior: uma experiência no curso de Turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.

DILLER-HAAS, A. **Time to change introductory accounting**. [2004]. Disponível em: <<http://www.nysspa.org/cpajournal/2004/404/essentials/p60.htm>>. Acesso em: 12/09/2005.

ELLIOTT, V. L. Functions and activities of the controller's department. **The Accounting Review**, Sarasota, v. 15, n. 2, p. 185-190, June 1940.

FAZENDA, I. C. A. (Org.) **Dicionário em construção**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2002b.

_____. **Didática e interdisciplinaridade** 3. ed. São Paulo: Papirus, 1998.

_____. **Integração e interdisciplinaridade no ensino brasileiro: efetividade ou ideologia**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002c.

_____. **Interdisciplinaridade: história, teoria e pesquisa**. 2. ed. São Paulo: Papirus, 1995.

_____. **Interdisciplinaridade: qual o sentido?** São Paulo: Paulus, 2003.

_____. **Interdisciplinaridade: um projeto em parceria**. 5. ed. São Paulo: Loyola, 2002a.

_____. (Org.). **Práticas interdisciplinares na escola**. São Paulo: Cortez, 1996.

_____. **Virtude da força nas práticas interdisciplinares**. São Paulo: Papirus, 1999.

FRANCO, M. L. P. B. **Análise do conteúdo**. Brasília: Liber Livro, 2005.

FREIRE, P. **Extensão e comunicação**. 9. ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1977.

GAE - Global Accountancy Education. **Report on the results of the global accounting education benchmarking pilot project**. USAID: Karreman of CARANA Corporation, Oct. 2005.

GALLO, S. Disciplinaridade e transversalidade. In: CANDAU, V. M. (Org.) **Linguagens, espaços e tempos no ensinar e aprender**. Rio de Janeiro: DP&A, 2000. p. 165-179.

GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. São Paulo: Atlas, 2002.

_____. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 1999.

GIONGO, J.; BIANCHI, M. A participação da controladoria no processo de gestão organizacional. ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO-ENANPAD, 29., 2005, Brasília, DF. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

GUSDORF, G. Interdisciplinaridade. **Ciências Humanas**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 2, p. 13, 1977.

HORNGREN, C. T.; DATTAR, S. M.; FOSTER, G. **Contabilidade de custos: uma abordagem gerencial**. 11. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

_____; SUNDEM, G. L.; STRATTON, W. O. **Contabilidade gerencial**. 12. ed. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2004.

IFAC. Education Committee. **International education standards for professional accountants**. IES 1-6. New York, Oct. 2003.

IMA - INSTITUTE OF MANAGEMENT ACCOUNTANTS. **The next evolution in professional Development**. Montvale, [2007]. Acesso em: 05/01/2007.

IUDÍCIBUS, S. et al. **Contabilidade introdutória**. 10. ed. São Paulo: Atlas, 2006.

JANTSCH, A. P.; BIANCHETTI, L. Interdisciplinaridade e práxis pedagógica: tópicos para discussão sobre possibilidades, limites, tendências e alguns elementos histórico e conceituais. **Ensino em Revista**, Uberlândia, v. 10, n. 1, p. 7-25, 2002.

_____; _____ (Org). **Interdisciplinaridade: para além da filosofia do sujeito**. 7. ed. Rio de Janeiro: Vozes, 2004.

JAKOBSON, R. **Lingüística e comunicação**. São Paulo: Cultrix, 1989.

KANITZ, S. C. **Controladoria: teoria e estudo de casos**. São Paulo: Pioneira, 1976.

KLEIN, J. T. **Interdisciplinarity: history, theory & practice**. Detroit: Wayne State University Press, 1990.

LAVILLE, C.; DIONNE, J. **A construção do saber: manual de metodologia de pesquisa em Ciências Humanas**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

LAY, F. C. The growth of the controller and the business administration curriculum. **The Accounting Review**, Sarasota, v. 3, n. 1, p. 43-52, Mar. 1928.

LEIS, H. R. **Sobre o conceito de interdisciplinaridade**. Florianópolis, ago. 2005. (Cadernos de Pesquisa Interdisciplinar em Ciências Humanas; 73).

LENOIR, Y.; HASNI, A. La interdisciplinaridad: por un matrimonio abierto de la razón, de la mano y del corazón. **Revista Ibero-Americana de Educación**, cidade da publicação, n. 35, 2004.

MAHER, M. **Contabilidade de custos: criando valor para a administração**. São Paulo: Atlas, 2001.

MALHOTRA, N. K. **Introdução à pesquisa de marketing**. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005.

MANN, S. **Interdisciplinarity for the University of Ottawa**. 2002.

MARTINS, G. de A.; PELISSARO, J. Sobre conceitos, definições e constructos nas Ciências Contábeis. **Base: Revista de Administração e Contabilidade da Unisinos**, São Leopoldo/RS, v. 2, n. 2, p. 78-84, maio/agosto 2005.

MARTIN, N. C. Da contabilidade à controladoria: a evolução necessária. **Revista de Contabilidade e Finanças**, São Paulo, n. 28, p. 7-28, abr. 2002.

MELIS, F. **Storia della ragioneria: contributo alla conoscenza e interpretazione delle fonti più significative della storia econômica**. Bologna: Cezare Zuffi – Editore, 1950.

MERLO, R. A. **O contabilista do século XXI**. [2006]. Disponível em: <http://www.cresc.org.br/admin/inc/download_documento.php?arquivo=3&campo=arquivo&tabela=site_artigos&nome_arquivo=O%20CONTABILISTA%20DO%20SÉCULO%20XXI.doc>. Acesso em: 21/11/2006.

MIRANDA, C.; MIRANDA, R. A. M. Interdisciplinaridade e métodos de ensino no curso de contabilidade: um estudo no nordeste paulista. CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6., 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos62006/426.pdf>>. Acesso em: 05/01/2007

MOLINARI, S. K. R. Contabilidade, psicologia e sociologia: uma análise interdisciplinar para profissionais diferenciados. CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 3., 2003, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos32003/default.asp/>>. Acesso em: 05/01/2007

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. 2. ed. São Paulo: Cortez, 2000.

NASCIMENTO, A. M.; REGINATO, L. A aplicação dos conceitos de controladoria conjugados aos de tecnologia da informação como apoio ao processo decisório. CONGRESSO BRASILEIRO DE CUSTOS, 13., 2006, Belo Horizonte, MG. **Anais...** Belo Horizonte: Associação Brasileira de Custos, 2006. 1 CD-ROM.

NISSANI, M. **Interdisciplinarity: what, where, why?** [2006]. Disponível em: <<http://www.is.wayne.edu/mnissani/PAGEPUB/ispessav.htm>>. Acesso em 04/09/2006.

OLIVEIRA, L. M. **Controladoria: conceitos e aplicações**. São Paulo: Futura, 1998.

ONU. Conselho de Comércio e Desenvolvimento. Conferência das Nações Unidas sobre comércio e desenvolvimento. **Currículo global para a educação profissional de contadores**. Genebra, fev. 1999.

PADOAN, F. A. C.; CLEMENTE, A. A interdisciplinaridade no ensino da Contabilidade: um estudo empírico da percepção dos docentes. CONGRESSO USP DE CONTROLADORIA E CONTABILIDADE, 6., 2006, São Paulo. **Anais eletrônicos...** Disponível em: <<http://www.congressoeac.locaweb.com.br/artigos62006/551.pdf>>. Acesso em: 10/01/2007

PAIVA, S. B. O ensino da Contabilidade: em busca da interdisciplinaridade. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília, v. 28, n. 120, p. 89-93, 1999.

PASSOS, I. C. **A interdisciplinaridade no ensino e na pesquisa contábil: um estudo no município de São Paulo**. 2004. Dissertação (Mestrado em Controladoria e Contabilidade) – Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

PARRA FILHO, D. **Metodologia científica**. 21. ed.. São Paulo: Futura, 1998.

_____; SANTOS, J. A., **Metodologia científica**. 6. ed. São Paulo: Futura, 2003.

PECHEUX, M. Sur *lês contextes épistémologiques de l'analyse du discours*. **Mots, Presses de la Fondation Nationale de Sciences Politiques**, 9, out. 1984 apud MAINGUENEAU, Dominique. **Novas tendências em análise do discurso**. Trad. Freda Indursky. Campinas: Pontes Editores, 1989, Tradução de: Nouvelles tendances em Analyse du Discours.

PELEIAS, I. R. **Controladoria: gestão eficaz utilizando padrões**. São Paulo: Saraiva, 2002.

_____; BACCI, J. Pequena cronologia do desenvolvimento contábil no Brasil: os primeiros pensadores, a padronização contábil e os congressos brasileiros de contabilidade. **Revista Administração On-Line – FECAP**, São Paulo, n. 3, p. 39-54, jul./set. 2004.

PINHEIRO, E. J. Sistema didático interdisciplinar para o curso de ciências contábeis. FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE CONTABILIDADE, 4., 2003, Gramado, RS.

POMBO, O. (Org.) Contribuição para um vocabulário sobre interdisciplinaridade. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, mar. 2005a. Disponível em: <http://www.liinc.ufrj.br/revista_S.D>. Acesso em: 10/02/2006.

_____. **Epistemologia da interdisciplinaridade**. Seminário Internacional Interdisciplinaridade, Humanismo, Universidade. Porto: Faculdade de Letras da Universidade do Porto, 2003.

_____. Interdisciplinaridade e integração dos saberes. **Liinc em revista**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 0, p. 4-16, mar. 2005b. Disponível em: <<http://www.liinc.ufrj.br/revista>>. Acesso em: 15/01/2007.

ROMANELI, O. O. **História da educação no Brasil**. Petrópolis: Vozes, 1984.

ROSA, M. V. F. P. C; ARNOLDI, M. A. G.C; **A entrevista na pesquisa qualitativa: mecanismos para avaliação dos resultados**. São Paulo: Autêntica, 2006.

ROSELLA, M. H. et. al. O ensino superior no Brasil e o ensino da contabilidade. In: PELEIAS, I. R. (Org.). **Didática do ensino da contabilidade: aplicável a outros cursos superiores**. São Paulo: Saraiva, 2006.

SÁ, A. L. **Os contadores na visão das nações unidas**. [2006]. Disponível em: <<http://www.crepr.org.br/novo/publicações/revista/130/indice.htm>>. Acesso em 10/2006.

_____. **História geral e das doutrinas da contabilidade**. São Paulo: Atlas, 1997.

SCHMIDT, P. **História do pensamento contábil**. Porto Alegre: Bookman, 2000.

SCHWARTZMAN, S. O sentido da interdisciplinaridade. **Novos Estudos CEBRAP**, São Paulo, n. 32, mar. 1992. Disponível em: <<http://www.schwartzman.org.br>>. Acesso em 20/12/2005.

SEMINÁRIO INTERNACIONAL UNIVERSIDADE XXI. Novos caminhos para a educação superior: o futuro em debate. 2003, Brasília. Disponível em: <<http://mecsrv04.mec.gov.br/univxxi/>>. Acesso em 10/2006.

SILVA, A. C. R. **Interdisciplinaridade nos cursos de ciências contábeis: isso é possível? Um relato de experiência**. IV FÓRUM NACIONAL DE PROFESSORES DE CONTABILIDADE. 13 a 15 de agosto de 2003. Gramado, RS.

SILVA, G. C. A relação educação, ciência e interdisciplinaridade. **Revista Brasileira de Estudos Pedagógicos**, Brasília, v. 81. n. 199, p. 403-414, set./dez. 2000.

SINATORA, J. R. P. et al. Construção e validação de uma escala de atitude para a avaliação do ensino de sistemas de informação nos cursos de Ciências Contábeis da cidade de São Paulo. ENCONTRO NACIONAL DOS PROGRAMAS DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ADMINISTRAÇÃO-ENANPAD, 29., 2005, Brasília, DF. **Anais...** Rio de Janeiro: ANPAD, 2005. 1 CD-ROM.

SIQUEIRA, H. S. G. Formação interdisciplinar: exigência sócio-política para um mundo em rede. SIMPÓSIO ESTADUAL DE ECONOMIA DOMÉSTICA, 7., 2003, Francisco Beltrão-PR. **Anais eletrônicos...** Francisco Beltrão-PR: UNIOESTE, 2003. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/mundorede.html>>. Acesso em: 25/11/2006.

_____. **Globalização e autonomia** (limites e possibilidades.). [2006]. Disponível em: <<http://www.angelfire.com/sk/holgonsi/globoautonomia.html>>. Acesso em: 25/11/2006.

THEÓPHILO, C. R. **Pesquisa em contabilidade no Brasil: uma análise crítico-epistemológica**. 2004. Tese (Doutorado) - Faculdade de Economia, Administração e Contabilidade, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2004.

TORNIZIELLO, T. M. P. **Docência universitária: um estudo nas áreas de ciências biológicas e da saúde**. 2001. Tese (Doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2001.

UNESCO. **Declaração mundial sobre ensino superior no século XXI**: visão e ação. CRUB, 1998. Disponível em:

<http://www.interlegis.gov.br/processo_legislativo/copy_of_20020319150524/20030620161930/20030623111830/>. Acesso em: 25/11/2006.

_____. Tendências da educação superior para o século XXI. CONFERÊNCIA MUNDIAL SOBRE O ENSINO SUPERIOR, 1998, Paris. **Anais...** Brasília: UNESCO/CRUB, 1999.

VASCONCELOS, N. P. Uma contribuição para a melhoria da qualidade do ensino em Ciências Contábeis: uma abordagem sistêmica. **Revista Brasileira de Contabilidade**, Brasília, volume, número, p. 30-36, set.-out. 2000.

VATTER, W. J. Accounting education for controllership. **The Accounting Review**, Sarasota, v. 25, n. 3, p. 236-250, July 1950.

VERGARA, S. C. **Projetos e relatórios de pesquisa em administração**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2003.

VLAEMMINCK, J. H. **História geral y de lãs doctrinas de la contabilidad**. Madrid, Espanha: Editorial E.J.E.S., 1961.

WALKER, S. P. Accounting in history. **Accounting Historians Journal**, Tuscaloosa, v. 32, n. 2, p. 233-259, Dec. 2005.

WILLSON, J. D. et al. **Controllership**: the work of the Managerial. 6th ed. New York: Editora, 1999.

APÊNDICE A - ROTEIRO DE ENTREVISTA

1. Qual a sua formação acadêmica? Além da docência, exerce outra atividade profissional?
2. Na sua opinião, a Graduação o preparou suficientemente para o exercício profissional?
3. Você conhece o Projeto Pedagógico do curso de Ciências Contábeis da IES em que trabalha? Teve participação, de alguma forma, em sua construção ou estruturação?
4. O projeto pedagógico é disponibilizado para todos os professores do curso de Ciências Contábeis? De que forma?
5. Você acha que o Curso de Ciências Contábeis, de maneira geral, poderia ser melhorado? De que forma?
6. O que você pensa ou entende em relação ao termo INTERDISCIPLINARIDADE.?
7. No desenvolvimento do Curso de Ciências Contábeis na IES em que trabalha, poderia destacar algumas ações ou atividades pedagógicas?
8. Existem atividades ou ações que considera interdisciplinares na IES em que ministra suas aulas? Poderia descrevê-las?
9. Você percebe os resultados obtidos destas atividades juntos aos alunos? Que resultados poderia destacar?
10. A IES proporciona encontros entre os professores para discussão de ações ou atividades interdisciplinares?
11. Você identifica obstáculos para se levar adiante uma prática interdisciplinar no curso de Ciências Contábeis?
12. Na sua opinião, o curso de Ciências Contábeis proporciona aos alunos o exercício de todas as prerrogativas profissionais estabelecidas pelo Conselho Federal de Contabilidade por meio da Resolução 560/1983?
13. Na sua opinião, o curso de Ciências Contábeis proporciona a integração da Contabilidade com outras Ciências? Você acha que, por meio da Controladoria, essa integração é facilitada?
14. Na sua opinião, quais as Ciências ou áreas de conhecimentos que mais se relacionam com a Contabilidade?

15. Você poderia identificar algumas atitudes que considera importantes no professor de Contabilidade?
16. Dentre as atitudes que listou, você acha que tem alguma que mereça destaque em termos de melhoria ou aprimoramento por parte do professor?
17. Como você acha que deva ser a relação aluno-professor?
18. Como você acha que deva ser a relação professor-professor?

APÊNDICE B – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 1

1. Qual a sua formação acadêmica? Além da docência, exerce outra atividade profissional?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Sou Economista e Mestre em Contabilidade. Fui de Chefe de Custos a Diretor Superintendente de empresas, sempre na área financeira. Fui Diretor de várias empresas do ramo de papel, de agroindústria. Estou reduzindo gradativamente as atividades profissionais. Sou chefe de departamento do Curso de Ciências Contábeis.</p>
2	<p>Doutor em Comunicação e Semiótica. Mestrado em Administração. Graduado em Administração Pública e em Comunicação Social e Jornalismo. De vez em quando presta serviço de consultoria de planejamento financeiro e orçamentário. Hoje está mais raro porque eu estou muito mais voltado à academia. Trabalhei 17 anos em Controladoria, tendo ocupado todos os cargos que se você possa imaginar. Entrei como estagiário e sai como Controller quando decidi ir para a área acadêmica.</p>
3	<p>Graduação Ciências Contábeis. Mestrado em Controladoria. Doutorado em Contabilidade. Após o doutorado saí da empresa e me dediquei totalmente à vida acadêmica. Então foi aí que comecei a lecionar já na área de Controladoria, gestão econômica, custos.</p>
4	<p>Fiz Graduação e Mestrado em Administração. Sou Doutor em Contabilidade. Fui executivo em empresas multinacionais e praticamente na área financeira. Na última posição, fui diretor de uma divisão que tinha finanças, TI e RH. No momento sou chefe do departamento de Contabilidade. Coordeno um laboratório. Tenho envolvimento com projetos de pesquisa. E realmente o que estudo é isso, aquilo que acontece dentro da organização.</p>
5	<p>Sou mestre em contabilidade. Estou fazendo doutorado. Recentemente, iniciei, efetivamente, a carreira de pesquisa. Até então ficava somente em aulas e trabalhos. Fui consultor e ainda sou um pouco, mas hoje estou mais dedicado à vida acadêmica, por opção. Também trabalhei em empresa de auditoria e também tenho muita experiência em programas de ensino para executivo e agora estou me dedicando mais à vida acadêmica como pesquisador e professor.</p>
6	<p>Sou Contador. Mestre é em contabilidade. Doutor pela USP. Na academia sou professor atualmente em regime integral, regime de dedicação exclusiva e com dedicação à pesquisa. Profissionalmente, fora da academia, já fui Auditor de empresas, atualmente tem um escritório de consultoria na área de Controladoria, especificamente.</p>
7	<p>Formado em Ciências Contábeis. Mestre em Controladoria e Contabilidade estratégica. Como ocupação principal sou professor de Contabilidade e atualmente, Coordenador do curso de Ciências Contábeis. Trabalhei por muito tempo em empresas. Hoje em dia, mais como consultoria.</p>

APÊNDICE C – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 2

2. Na sua opinião, a graduação o preparou suficientemente para o exercício profissional?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>No tempo em que estudei a graduação era muito mais exigente. O grau de envolvimento e de estudo era muito maior. Com o tempo e com a massificação o curso de graduação começa a perder parte do aprofundamento que tinha e hoje acho que não é mais suficiente. Hoje, existe a necessidade de uma especialização, de um MBA, de um <i>Strictu Sensu</i> sem dúvida nenhuma.</p> <p>Só com a graduação, dificilmente, o aluno conseguirá preencher esse cargo de Controladoria. A não ser que ele tenha uma atividade muito intensa que supra esta falta de formação mais profunda, com atividades profissionais fora.</p>
2	<p>Como fiz Administração, a preparação que trouxe da graduação está muito mais voltada a questão do relacionamento pessoal, a questão do bom senso, da visão do que é Administração.</p> <p>Do ponto de vista técnico, muito pouco, muito pouco mesmo.</p> <p>Fui aprender Controladoria na prática, trabalhando, elaborando orçamento. Na época meu primeiro cargo depois de estagiário, foi Gestão, então foi aí que eu aprendi mesmo a parte mais técnica.</p> <p>Tive que fazer alguns cursos de extensão.</p> <p>Talvez eu tenha sentido essas dificuldades por não ter feito Ciências Contábeis.</p> <p>Precisei investir bastante do ponto de vista técnico da contabilidade, contabilidade gerencial, custos para poder estar trabalhando dentro da Controladoria.</p>
3	<p>Eu até refleti sobre essa questão.</p> <p>Se eu pegar minha atividade profissional hoje, que envolve, ensino, pesquisa, extensão e a prestação de serviços, acho que a graduação ela deixa a desejar. É natural, porque tanto que o mestrado vai procurar suprir uma necessidade que é a formação do mestre, vamos dizer o professor profissional e o doutorado, eu acho que além de complementar esse aprendizado, ele vai puxar muito mais por pesquisa também.</p> <p>A graduação em si para o que faço hoje, deixou a desejar sem dúvida, apesar de ser um curso excelente, em termos de conteúdo.</p> <p>Muitos vão para o mercado só com a formação de graduação e se dão muito bem, mas quem vai para uma vida acadêmica, que é o meu caso, sem dúvida nenhuma precisei complementar depois com o mestrado e depois com a pesquisa.</p> <p>Para o mercado profissional fora da docência, eu acho que a academia, a graduação, ela visa dar, o que?. Um componente que é a formação teórica e técnica. No fundo, aliada à prática, é que vai complementar a formação profissional.</p> <p>Por mais que a gente esteja preocupado em trazer experiências práticas, submeter os alunos a um processo aí de questões estudos de casos, situações reais, é so a realidade mesmo que vai completar a formação.</p> <p>Eu vejo a graduação como um processo, um início de processo de formação que visa suprir essa necessidade, teórica e técnica. A prática, infelizmente, acho que a gente está ainda muito distante de resolver daqui estar resolvendo todos os problemas da realidade, até porque a nossa área de Contabilidade é muito ampla.</p>
4	<p>Acho que sim. Agora nós criamos alguns atritos, alguns conflitos com o aluno, porque nós não preparamos aluno para, por exemplo, preencher um formulário.</p> <p>Nós temos que mostrar para ele que a proposta do curso não é essa. Quando ele entende é ótimo, aí ele toca. Mas um aluno que acabou de sair ele falou de um outro aluno que foi meu orientado na graduação, ele está fora do Brasil. Então nós comentávamos que a empregabilidade do curso é alta, mas não o status.</p> <p>Então eu acho que sim, só que eu acho que o aluno tem que achar seu lugar adequado.</p> <p>A internacionalização está fazendo uma mudança forte no currículo. Passa a ter um reequilíbrio. Então, por exemplo, nós refizemos as disciplinas, as ementas. Agora nós estamos revisando a maneira como elas interagem. Quer dizer, uma coisa é ter aqueles conteúdos, mas qual é o peso, como é que isso vai contrapor?</p>
5	<p>Acho que o propósito do curso de graduação é você se iniciar na carreira profissional. Nesse sentido ele dá o fundamento para você desenvolver, se aprofundar no seu progresso na carreira profissional.</p>

	<p>Acho importante, rapidamente, ou pelos menos no 2º ou 3º ano você já ter um contato com o mercado sem se descuidar da vida escolar, pelo menos na graduação. Então você consegue aplicar muita coisa que você aprende na vida acadêmica.</p> <p>Acho que como propósito da graduação, sim. Como professor, vejo que o que a gente aprende na graduação, o que a gente ensina para os alunos, evoluiu muito em relação ao que a gente aprendeu na graduação há, pelo menos, 20 anos atrás.</p>
6	<p>A minha graduação me ensinou uma coisa importante. Ela me ensinou a pensar. Isso eu devo à minha formação. As questões técnicas ou de mudanças, habilidades, conhecimentos muito específicos, graças a essa coisa maior que é pensar, entender, interpretar a contabilidade, correlacionar a realidade, eu acabei suprimindo isso com essa base maior. Mas ela atendeu, sim, sobre essa expectativa.</p>
7	<p>Não totalmente, mas eu posso dizer que aproveitei bastante a graduação. E eu acho que a graduação me ajudou, principalmente, a aprender a pensar, aprender a pesquisar e a aprender a me virar por conta própria.</p> <p>Mas eu diria mais que foi por mérito meu do que por mérito do curso. Mas me ajudou bastante nesse aspecto. A graduação foi onde eu tive a oportunidade de refletir sobre a minha prática profissional e foi a partir daí que eu tive a vontade de ser professor que é a atuação que eu tenho tido até hoje.</p>

APÊNDICE D – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 3 e 4

3. Você conhece o Projeto Pedagógico do curso de Ciências Contábeis da IES em que trabalha? Teve participação, de alguma forma, em sua construção ou estruturação?

4. O projeto pedagógico é disponibilizado para todos os professores do curso de Ciências Contábeis? De que forma?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Conheço o projeto que está em vigor e o que está sendo implantado. Pela própria função que exerço, tenho que coordenar os professores e porque realmente eu acredito que possa contribuir com coisas positivas. Então tem um grande desejo e vontade e participo sim.</p> <p>O projeto pedagógico está disponível para os professores. Nas reuniões de apregação são liberados para os professores. Existe departamento que disponibiliza sempre que querem. O que acontece é que as passagens são tantas nos órgãos colegiados, que acaba se tornando um projeto muito extenso, e onde a consulta acaba sendo prejudicada. O que a gente costuma fazer, é a essência do trabalho a gente disponibiliza.</p>
2	<p>Conheço um pouco, por estar trabalhando no curso a 9 anos e participar de algumas reuniões. Trabalho uma disciplina que na estrutura do curso de Ciências Contábeis ela é a ênfase.</p> <p>Então assim eu tenho uma idéia do projeto pedagógico, mas não sou um profundo conhecedor.</p> <p>Com relação à participação na construção ou alteração do projeto pedagógico, o coordenador do curso de Ciências Contábeis, sempre quando tinha que fazer alguma alteração, ele costumava nos consultar ou pedir opinião. Então a participação era muito mais no sentido de opinar em alguns momentos.</p> <p>O projeto é disponibilizado para os professores. A gente tem um espaço na intranet onde um professor pode estar disponibilizando um arquivo para os outros. Então o coordenador sempre deixava ou deixa disponível lá no espaço dele o projeto pedagógico para quem quiser consultar. O problema é que muito pouca gente consulta. Mas ele tá disponível.</p>
3	<p>Eu fui muito feliz em relação a ter entrado no momento de mudanças. De 2002 para cá já aconteceu uma reformulação mais profunda do programa, do projeto. E aí depois teve um ajuste de sintonia fina. Esse processo foi totalmente participativo, envolvimento de todos os professores.</p> <p>No fundo aqueles que se interessam, se engajam, compram a idéia e estão comprometidos, acabam de certa forma colaborando e se beneficiando desses resultados. Enquanto a gente está aqui a gente procura melhorar o nosso próprio trabalho. Então foi um processo de discussão, rediscussão de conteúdos, de metodologia.</p> <p>Então essa reestruturação foi um processo simples, foi participativo, houve envolvimento dos professores, buscando preservar o núcleo comum, fundamental, e depois oferecer opções como complementação dessa formação de acordo com, não só com a necessidade pessoal, mas com as demandas do mercado.</p> <p>O projeto está disponível. O acesso é fácil para quem quiser. Basta querer. Mas é uma visão minha. Pode ser que tenha professor que ache que está guardado a sete chaves e ninguém pode ver. E não é. Pelo contrário.</p> <p>Todo ano tem uma mudança pequena aqui ou ali, no sentido de complementar, de melhorar.</p>
4	<p>Tive participação na mudança do projeto. Algumas disciplinas saíram, algumas entraram. Agora é um trabalho de, realmente, customizar mais, digamos o tático, o programa. Está sendo trabalhado, por linha de pesquisa que são quatro linhas, mas isso, realmente, nós só vamos ver como resultado prático no ano que vem.</p> <p>Quanto à disponibilização do projeto pedagógico, é como não deveria ser feito. Ele não funciona como uma grande plenária. Não e assim. É assim, qual é a idéia geral, acertamos de gabinete. Então você tem uma idéia geral, trabalho de gabinete, consolidado com digamos, um grupo menor, aprovado num conselho, então tem discussão e depois as linhas de pesquisas detalham isso.</p> <p>Então o projeto pedagógico como um todo, ele é digamos, fracionado, algumas pessoas conhecem inteiro, algumas pessoas só um pedaço, algumas pessoas acabam se interagindo.</p>

	Então como é que é feita a costura? Nós apresentamos isso. Então tem um coordenador que chama os professores.
5	<p>Eu conheço o projeto e o propósito do curso é o avaliador de desempenho. Recentemente, trabalhamos uma revisão do currículo. E os professores trabalham muito em grupo, então você vai ajudando ali na construção das disciplinas, no encadeamento das disciplinas.</p> <p>Quando à divulgação e disponibilização o projeto em si está no site, pelo menos até onde eu vi estava no site. Nós temos aqui reuniões semestrais de coordenação com os professores onde são passadas as diferentes alterações.</p>
6	<p>Sim. A nossa última alteração na grade ocorreu há, exatos, 8 meses. Então é um projeto novo, uma grade nova que está sendo implementada agora.</p> <p>Principalmente os seus objetivos, as suas correlações, partindo das demandas, para dentro da academia e do próprio perfil que a IES quer formar de profissional e de ser humano.</p> <p>Quanto à disponibilização do projeto pedagógico, mais do que disponibilizado o projeto pedagógico tem que ser uma coisa viva, uma coisa atuante, ele não é feito de um papel, um livro maravilhoso, bonito, quer dizer, ele é uma coisa viva que se faz dentro de sala de aula. Acredito muito nisso e, aqui, pela própria filosofia e cultura da IES ele é bem isso. Então, os próprios valores da IES que estão dentro do projeto pedagógico, perfil profissional, de gestor de informação, que estamos querendo formar. Ele está contemplado nas disciplinas e está contemplado neste bate-papo da coordenação que é maior com os professores de regime integral depois para os professores de regime parcial, até você chegar nos professores aulistas propriamente ditos.</p> <p>E, claro que são níveis de absorção. Quer dizer os PPI, que são professores de período integral, estão aqui dentro 40 horas, então esses professores estão sendo bombardeados a todo momento e esse tem por obrigação interpretar melhor. Aí ele faz esse projeto pedagógico funcionar e aí nas reuniões com os professores, no corredor, no café.</p> <p>Isso é mais importante do que deixar o projeto para fazer um download. Eu acho que o projeto pedagógico é mais do que isso. Tenta-se fazer aqui mais do que isso. Não é fácil. São muitos professores, cada um pensa de um jeito, cada um vem de formações diferentes, às vezes vem de universidades diferentes. Então tem que passar por um processo de aculturação na IES.</p>
7	<p>Sim eu tive. Como professor tive participação, sobretudo numa coisa aí que é a ênfase do curso que é a ênfase de Controladoria.</p> <p>O projeto pedagógico é disponibilizado. O coordenador do curso deixa sempre disponível e todo começo de ano a gente distribui um extrato do que é o projeto pedagógico, com as informações mais importantes e fica também disponível na página dele para que a gente possa ter acesso.</p>

APÊNDICE E – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 5

5. Você acha que o Curso de Ciências Contábeis, de maneira geral, poderia ser melhorado?
De que forma?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Primeiro a eliminação dessas disciplinas que não deram certo (EAD). Substituir por disciplinas que sejam encaradas pelos professores e pelos próprios alunos com mais seriedade.</p> <p>Outro ponto é começar a colocar os nossos professores na carreira. Portanto, ter as disciplinas muito mais concatenadas com as linhas definidas pelo MEC. Então tem que ter uma visão extremamente dentro das determinações acadêmicas.</p> <p>Um segundo ponto importante é a possibilidade de avaliação do nosso curso, do nosso professor e dos nossos alunos. Então esta nova estrutura vem com esta visão e criação das áreas de pesquisa.</p> <p>A possibilidade de ter uma integração melhor com a Pós Graduação.</p> <p>Hoje, estamos procurando trabalhar dentro das mesmas linhas de pesquisa da graduação e Pós graduação. Estamos recebendo professores de Pós para lecionar disciplinas na graduação e vice-versa. Mas então esta integração, Pós e Graduação, recebendo todo o cabedal de conhecimentos, faz parte do projeto acadêmico, faz parte da reestruturação do nosso curso.</p>
2	<p>Poderia ser melhorado não na sua parte técnica. O que a gente discute muito e eu acho que a gente ainda tem uma certa dificuldade é que o profissional de Ciências Contábeis, necessita ter uma formação gerencial maior, ele necessita de se enxergar gerencial, ou seja, de que forma todas aquelas informações que eu conheço melhor do que ninguém, eu Contador conheço melhor do que ninguém, podem ser utilizadas no processo de tomada de decisão numa organização e modificar o resultado da minha empresa?</p> <p>O que eu sinto é que ao alunos tem uma base técnica muito boa, mas nesse aspecto gerencial de se enxergar gerencial, de como é que eu posso mudar o resultado da empresa, eu acho que a gente ainda precisa mudar um pouquinho mais.</p>
3	<p>Eu acho que sempre pode ser melhorado, buscando olhar o futuro. A gente está trabalhando para formar os profissionais que mercado está demandando hoje. Agora, para onde está caminhando o mercado. Será que a gente já não poderia se antecipar e prover essa formação?</p> <p>No começo da nossa conversa a gente citou alguns exemplos aí: internacionalização, globalização, interdisciplinaridade. Eu acho que essa é uma necessidade que hoje está presente mas que, talvez há algum tempo atrás já pudesse estar presente, já que a academia deveria estar na vanguarda do conhecimento para poder se antecipar.</p> <p>Eu acho que o que mais poderia ser melhorado, seria nessa linha, uma visão mais pró-ativa, ou seja, a formação que se oferecer na academia em relação ao mercado.</p> <p>E o outro é própria interdisciplinaridade, promover essa necessidade. Pode ser uma visão enviesada, porque eu estou na área de controladoria, eu vejo que há necessidade de integração, de conhecimento. Talvez alguém que atue numa outra área não veja dessa forma.</p>
4	<p>Nós estamos fazendo várias ações na parte de Metodologia, então ter mais estudos de casos, caso mesmo.</p> <p>Agora, tem algumas coisas na área de treinamento de professores que não está aparecendo e isso é um projeto que nós estamos postergando, por “n” motivos, que é reciclar professor, trazer ele para discutir algumas questões. São preocupações que vão desde saber o que o professor está pensando em relação à aula, até contribuições para o projeto de vida dele.</p> <p>Agora, o planejamento do curso, planejamento do tempo, essa parte de gestão ela está ficando mais forte. Porque algumas questões nós estamos redirecionando.</p> <p>Então veja, de repente alguém precisa de um afastamento, um apoio, um POS DOC, queremos mandar o cara para fora, você tem uma forma de justificar. Então nós estamos desenvolvendo isso, está bem avançado, até o segundo semestre nós terminamos. É a Gestão do docente. Qual é a idéia? A idéia é reconhecer coisas que são importantes e mostrar coisas que não são importantes para os docentes. Então você quer premiar um docente. É mais gestão. Porque o resto é uma coisa assim, você sempre tem que repensar</p>

	o projeto pedagógico. Não tem como.
5	<p>De forma geral o curso sempre tem possibilidade de melhoria. Eu acho que tem que introduzir, eu acho que integração de disciplinas.</p> <p>Interdisciplinaridade, quer dizer, relacionar trabalhos ao longo de disciplinas com outras disciplinas. Isso eu acho que é um negócio que poderia ser feito em todas as instituições de modo geral. Quer dizer, isso parece ser a tônica. Eu acho assim, a maioria dos professores tem que fazer os ganchos com as outras disciplinas de outros professores, mas individualmente.</p>
6	<p>O projeto sempre pode ser melhorado. Principalmente, a implantação dele pode ser melhorada. A implantação dele que é uma variável. Então hoje você tem necessidades às vezes contempladas ou não. Por exemplo, nós implantamos o curso matutino agora. Então talvez para esse público, o que esse projeto pode ter de ajuste, eventualmente?.</p> <p>As mudanças no projeto, elas são muito relacionadas a sua implementação. O projeto é lindo, como o da maioria das instituições. É difícil você pegar um projeto mal feito. Acredito na implementação. Espaço, sala de aula, de fazer valer.</p> <p>Eu quero desenvolver uma pessoa que tenha raciocínio crítico e visão sistêmica. Mas o que você vai fazer para gerar esse raciocínio crítico e essa visão sistêmica se as disciplinas estão em “caixinhas”, se os professores raciocinam por “caixinhas” se os problemas são integrados? Isso é complicado. O problema do aluno não é como calcular isso, o problema dele é mais amplo. Então isso é um desafio. Integrar as disciplinas, correlacionar os conhecimentos.</p> <p>O grande desafio hoje, pelo menos em contabilidade, é em fazer valer o projeto pedagógico, isso do ponto de vista prático. A implantação passa a ser uma preocupação muito grande.</p>
7	<p>Tudo dá para ser melhorado.</p> <p>A gente poderia aumentar o tempo do curso, mas a gente já teve essa experiência e não foi boa.</p> <p>Ou então colocar o curso em tempo integral. Mas não é uma realidade brasileira.</p> <p>O curso tem uma estrutura boa. Com disciplinas que sejam disciplinas práticas, com disciplinas que sejam de conteúdo geral.</p> <p>Eu acho que o que poderia ser melhorado não é nem o curso. É a capacitação dos professores e aí se a gente conseguisse alunos mais qualificados no ensino médio, daríamos um salto qualitativo muito interessante. Eu não vejo problema na estrutura dos cursos de ciências contábeis. Eu vejo problema mais na formação do professor que vai estar em sala de aula e também na formação do aluno que vem do ensino médio bastante defasado.</p>

APÊNDICE F – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 6

6. O que você pensa ou entende em relação ao termo Interdisciplinaridade?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Hum, esta pergunta é difícil .</p> <p>É aquela situação, aquela relação entre as diversas Ciências e das situações acima das Ciências.</p> <p>Na nossa visão míope de anteriormente, nós não notávamos que as outras ciências tinham que ser usadas na nossa Ciência.</p> <p>Então, por exemplo, não dá para se fazer bom Contador sem o Direito, sem Matemática, sem a visão econômica. Então, esta interdisciplinaridade passa por aí. Pela necessidade de nós trazermos outras ciências para dentro do nosso curso.</p>
2	<p>É o trabalho conjunto entre diversas disciplinas que de alguma forma se conversam, que de alguma forma tem algum tipo de relacionamento para possibilitar uma integração de conteúdos e a não repetição dos mesmos.</p> <p>Fundamental para você ter um bom curso, ter um curso com uma certa consistência.</p> <p>É necessário a gente trabalhar em conjunto com outros professores até para o desenvolvimento de atividades comuns e também para evitar que o aluno tenha repetição de conteúdo ou deixe ter algum conteúdo.</p>
3	<p>Entendo por interdisciplinaridade, um termo de fácil conotação, de algo que é comum. Mas a interdisciplinaridade, para mim, significa que são conteúdos que são comuns. E daí a interdisciplinaridade disso é a integração de conteúdos, uma proposta de, não só de integração, mas ter uma visão do todo e não fragmentada.</p>
4	<p>Ele é amplo né?</p> <p>No lado conceitual nós estamos, por exemplo, buscando coisas na Sociologia, na Psicologia, Filosofia, Teoria de configurações, etc. Enfim, visões que nos ajuda a entender a gestão de negócios.</p> <p>Nós temos quatro linhas de pesquisa. A linha de pesquisa 1 é a que cuida da Controladoria e contabilidade gerencial. Está tudo aí. Tem muita articulação entre os docentes.</p> <p>Então fazemos coisas juntos, um diz: olha tem uma oportunidade. Ah, então vou lá. Você me ajuda?. Então tem muita articulação e nessa articulação o que acontece? Tem muita troca de experiência.</p>
5	<p>É o relacionamento com outras áreas do conhecimento.</p> <p>De forma geral, acredito que talvez todos os professores precisam ter essa visão de interdisciplinaridade. É uma coisa que deveria ser incentivada por todo mundo.</p>
6	<p>Interdisciplinaridade ou multidisciplinaridade. São duas palavras da moda, mal usadas e pouco realizadas ao meu singelo conhecimento sobre isso.</p> <p>É mais bonito colocar lá, meu curso é interdisciplinar mas e daí? Então quer dizer, eu entendo interdisciplinaridade que é a multidisciplinaridade. É você pegar um outro, fora da própria área do conhecimento. Quer dizer, você fazer um estudo multidisciplinar.</p> <p>Mas a interdisciplinaridade eu entendo como isso, a relação de conhecimentos entre áreas só que no âmbito ainda interno, sem grandes revoluções, vamos dizer assim.</p> <p>Talvez até eu mesmo não saiba bem o que é mas, a importância maior é você entender de fato e fazer valer. Então, ser interdisciplinar no curso e cair as barreiras. Se agente conseguir entender só isso já é uma grande coisa. Fazer valer, quebrar barreiras, quebrar os muros, conversar com as outras áreas. Isso para o aluno é fundamental, pois fica para ele a principal responsabilidade, de fazer a inter e multidisciplinaridade. Ele aprende por caixinha e depois ele é obrigado a juntar tudo aquilo que é a vida pratica.</p>
7	<p>Olha é difícil.</p> <p>E é difícil falar o que é interdisciplinaridade. É mais fácil falar o que não é. É você juntar duas disciplinas, fazer um trabalho de duas disciplinas e achar que é interdisciplinaridade e não é. O que eu acho que é interdisciplinaridade, é difícil porque, eu acho que o curso ele é interdisciplinar, mas a dificuldade é o aluno fazer o link.</p> <p>Eu acho que essa conjunção de assuntos e de conteúdos, que você usa para um determinado objetivo, eu acho que isso é interdisciplinaridade. Agora é difícil o aluno entender isso e o professor também entender isso. Às vezes eu acho até que não precisa entender. Eu acho que quando você está ali numa disciplina e que estão acontecendo</p>

	<p>várias coisas ao mesmo tempo, eu acho que está colocado ali a interdisciplinaridade. Eu acho que ninguém precisa chegar em você e dizer, olha isso aqui que a gente acabou de fazer é interdisciplinaridade. Eu acho que não existe essa possibilidade.</p> <p>Como os nossos cursos são seriados e divididos em disciplinas, então isso dificulta um pouco mais você enxergar a interdisciplinaridade.</p>
--	--

APÊNDICE G – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 7

7. No desenvolvimento do Curso de Ciências Contábeis na IES em que trabalha, poderia destacar algumas ações ou atividades pedagógicas?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	O principal foco agora, passa a ser a Monografia com um aspecto importante. Ai é aquele momento em que o aluno deixará de ser conduzido, de receber ensinamentos que vem dos professores e passa a ficar livre e independente para buscar a aprendizagem. Então eu acho que aí é o momento se destaca.
2	<p>Eu vou te falar com relação à minha disciplina. Ela vem sofrendo constantes modificações. Durante este tempo aí, de 98 para cá que eu venho dando aula. Então, por exemplo, lá em 98 quando eu comecei a trabalhar com Controladoria eu diria que ela era muito contabilidade gerencial.</p> <p>Hoje eu trabalho no curso de Ciências Contábeis aquilo que consideramos eminentemente estratégico, ou seja, avaliação de desempenho, orçamento, EVA, ebtida e BSC e a parte mais operacionais, a parte mais ligado a, vamos dizer assim, embora tudo seja contabilidade gerencial, toda essa parte de decisões imediatas, margem de contribuição, ficou com o pessoal de gerencial.</p>
3	<p>Fiquei em dúvida quando li sua pergunta, no sentido de que ações seriam essas.</p> <p>As primeiras semanas de aula é uma avalanche de exemplos no sentido de mostrar para os alunos, principalmente os ingressantes, as opções que ele tem para seguir a trajetória dele dentro da universidade. Então é praticamente assim, além de palestras, existem eventos para apresentação dos programas tipo PESC, atividades de empresa júnior da FEA. Então tem palestras e acaba ocorrendo até conflitos de datas, de horário, os alunos querem participar de tudo mas não conseguem.</p> <p>Então são atividades no sentido de mostrar para os alunos quais as opções que ele tem.</p> <p>Algumas atividades que a instituição promove são competições de casos, além das palestras que são marcantes, sempre com uma pessoa que está desenvolvendo uma pesquisa, que acaba promovendo uma palestra sobre aquele tema.</p>
4	<p>Tem palestras, tem o congresso USP. Tem o ciclo de trabalhos. Na entrada deles tem os eventos.</p> <p>Tem o congresso que agora ficou num momento de virada de semestre para atrair mais alunos. Temos também, a iniciação científica. Essas duas coisas mexem com eles. Agora tem os eventos externos, por exemplo, <i>trainee</i>, tem uma agenda com outras coisas que são externas. Mas são, digamos, itens de agendas que se repetem.</p> <p>Os alunos participam. É uma coisa importante para eles. Em resumo, esse pessoal que veio para cá quer emprego. Então, um “<i>drive</i>” importante é mostrar a sustentabilidade no emprego.</p>
5	<p>O que mais agrada é você ver se o curso está dando resultado. Se o aluno está aprendendo, se ele se mostra interessado. Você sente que seu trabalho está gerando algum resultado. Então, na medida que a gente desperta o interesse deles no que a gente tenta passar, no que a gente tenta ensinar, eu acho assim, o maior reconhecimento é quando ele vem falar: olha, aquilo que eu vi na aula eu apliquei lá na empresa e por conta disso eu tive um bom reconhecimento.</p> <p>Quer dizer, então, é gratificante para nós. Acho que todo professor gostaria de receber um pouco esse feedback positivo. Acho que esse é o ponto forte, vamos dizer assim, do desenvolvimento é quando você tem o retorno.</p> <p>Você sente que está se materializando na vida deles, eles estão melhorando de emprego, eles estão melhorando de estágio, gente que não vinha engravatado agora começa vir. Então isso é muito gratificante para nós...”</p>
6	<p>Aqui a gente está com uma interação muito forte com a iniciação científica, que é muito legal.</p> <p>A própria empresa Junior também é muito forte. Então a gente percebe que os alunos estão bastante integrados. Isso dá uma formação mais ampla para os meninos.</p> <p>Extra sala de aula, o próprio TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO é obrigatoriamente empírico, dele ser em grupo, dele ter como orientador, obrigatoriamente um professor de regime integral. Tem que acompanhar o aluno por semana, tem toda uma</p>

	<p>regra, ele tem que aprender a usar técnicas. Isso tem gerado dos alunos um retorno de trabalhos publicados em congressos, e isso na visão dos alunos é bem legal. É uma vitrine para eles.</p> <p>E uma outra coisa que vem acontecendo muito também é o próprio reconhecimento dos alunos em relação a este curso. Eles tem sentido isso pela empregabilidade do mercado, empresas que vem até aqui fazer processos de <i>trainee</i> dizem muito bem, tem feito coisas muito especiais.</p> <p>Esse prédio que é novo, por exemplo, ele mexeu um pouco com a auto-estima dos alunos. Estávamos num prédio muito bom também, muito bem organizado só que quando você muda para um prédio novo, menino é tudo assim, existem mais canhões, existem mais recursos tecnológicos. Isso mexe com eles.</p> <p>Tudo faz parte do projeto e é esquecido. É o currículo oculto. Quer dizer, tem o currículo de fato, aquele que está na grade dele, e tem o currículo oculto. É efeito do local de convivência, é o efeito de um campus legal, os professores nos corredores conversando. Isso é muito interessante. Então é um conjunto de coisas que tem ocorrido que tem que se destacar.</p> <p>O TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO é um trabalho feito no penúltimo e último ano do curso dele, onde basicamente ele vai pesquisar o tema que o professor definiu como linha de pesquisa. Então cada professor de regime integral tem a linha de pesquisa de seu núcleo que é vinculada ao núcleo de pesquisa e ao CNPQ e esse núcleo tem os temas que estão dentro destas linhas. Então o aluno tem que pesquisar alguma coisa que o professor tem como linha de pesquisa de acordo com a área de atuação. São coisas empíricas, então eles vão até as empresas, entrevistam controllers, vão até o mercado, analisam dados. Então isso faz eles terem que exercitar as coisas que eles viram, de uma maneira geral.</p>
7	<p>A gente tem a FEIRA DE OPORTUNIDADES em que as empresas de consultoria e auditoria vem aqui e então é um momento legal porque elas dão palestras e os alunos tem a possibilidade de passar pelo processo seletivo.</p> <p>Na semana do dia do contabilista a gente tem algumas palestras interessantes; Basicamente isso que é fora do padrão.</p> <p>As reuniões que a gente faz periodicamente, são reuniões muito interessantes para a gente trocar idéias.</p> <p>Estamos retomando o PROGRAMA DE QUALIFICAÇÃO DOCENTE. São coisas que são fora do padrão mas quando acontece são plenas de êxito.</p> <p>É basicamente isso. Não está previsto no projeto pedagógico ele está fora do padrão de aula. Mas a feira de oportunidades, essas reuniões de qualificação docente. Essas coisas são bacanas...”</p>

APÊNDICE H – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 8

8. Existem ações ou atividades que considera interdisciplinares na IES em que ministra suas aulas? Poderia descrevê-las?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Existe algo que agora está sendo dado muita importância que são as palestras e os seminários obrigatórios.</p> <p>Nós temos a disciplina PORTUGUÊS INSTRUMENTAL. Então são atividades, são aulas, são cursos que são dados por professores de outros departamentos, de outras unidades como Centro de Educação. São de outras áreas que vem cada vez mais se integrando ao nosso curso.</p> <p>Essa busca da interdisciplinaridade está sendo suprida com a oferta de disciplinas dadas por outros professores fora do departamento.</p>
2	<p>Tem uma ferramenta que eu considero bastante interessante e a gente chama aqui de TOP que é a sigla para TIMES DE ORGANIZAÇÃO PEDAGÓGICA. São grupos de disciplinas que guardam essa interdisciplinaridade, pelo menos deveriam guardar.</p> <p>Tem um grupo de disciplinas, por exemplo, que é Contabilidade Gerencial e Societária. Ele agrupa várias disciplinas que estão relacionadas à Contabilidade Gerencial e Societária, então envolve Controladoria, Custos, Contabilidade Gerencial, Administração Financeira e por aí vai.</p> <p>Normalmente é designado um professor que a gente chama de relator e esse professor é o encarregado de verificar se existe conflito de conteúdo, se existe ausência de algum conteúdo dentro desse grupo. Então cada professor trabalha o seu planejamento, planejamento da sua disciplina. Esse planejamento é alimentado num sistema. O relator tem acesso a todos esses planejamentos e ele vai aprovar ou não esse planejamento e se esse planejamento cobrir essa disciplinaridade e se não tiver repetição ou falta de conteúdo.</p> <p>Os alunos tem a obrigatoriedade de no último ano estar escrevendo um artigo mas não me lembro, eu acho que não existe nenhuma ação conjunta com os alunos. Essa ação se restringe mais ao grupo de professores.</p>
3	<p>Pode ser que eu esteja totalmente envolvido emocionalmente com o PESC – Programa de Extensão e Serviço à Comunidade, mas eu acho que ele se ajusta perfeitamente à proposta da interdisciplinaridade.</p> <p>O PESC é um projeto. Não é uma disciplina. Apesar que, para viabilizar o projeto nós criamos uma disciplina onde os alunos de graduação se matriculam e eles recebem um crédito no semestre por participar desta disciplina, como se ele estivesse fazendo uma disciplina optativa.</p> <p>É um programa que envolve três áreas (Administração, Contabilidade e Economia) onde cada departamento tem uma chefia.</p> <p>Os objetivos do PESC é proporcionar aos alunos uma oportunidade de colocar em prática aquilo que ele aprendeu na faculdade, por meio de um TRABALHO VOLUNTÁRIO.</p> <p>Tem lá um projeto de desenvolver um plano de marketing, a instituição está precisando melhorar a imagem dela ou então ela precisa captar recursos mas ela não é conhecida, ninguém conhece os serviços que ela desenvolve.</p> <p>É um trabalho integrado, a gente exige da entidade um compromisso dela em acompanhar o aluno e uma outra característica é que o PESC não é assistencialista, quer dizer, ele não visa ir lá, desenvolver uma atividade criando dependência da organização. Pelo contrário. No exemplo de planejamento estratégico, os alunos não vão fazer o planejamento estratégico para ela. Eles vão acoplar uma metodologia de forma a própria instituição faça o planejamento estratégico. Então, às vezes, eles fazem uma planilha mas eles não vão operar, eles vão deixar lá.</p> <p>Não é um projeto que visa substituir a função gerencial ou o contador na organização. Pelo contrário. É gerar uma contribuição de forma que ela possa no seu dia a dia, tocar. É indicar um caminho, tanto que o slogan do PESC é “a gente procura ensinar a pescar e não dar o peixe”, por isso PESC.</p> <p>É uma atividade que a gente acredita ser relevante que é o VOLUNTARIADO</p>

	<p>acadêmico, empreendedorismo, procurando desenvolver uma visão de empreendedorismo social que é uma demanda hoje, pois as próprias organizações que visam lucro se interessam por isso em termos de imagem, lá fora isso aí é muito incentivado, então aqui é uma forma de a gente propiciar uma experiência para o aluno, onde ele possa crescer tecnicamente e como pessoa, como cidadão.</p> <p>Até para puxar um pouquinho para a questão da interdisciplinaridade, esse é um projeto onde a gente procura montar as equipes que não tenham só alunos de administração, só aluno da economia ou da contabilidade. A gente procura mesclar as equipes. Apesar de a contabilidade Ter menos alunos, o que acontece é que a gente tem uma distribuição, a gente tem sempre essa necessidade, pois, muitas vezes para fazer um plano de marketing, a gente vai precisar lidar com orçamento, custos, então isso está mais que provado que Quando a equipe reúne conhecimentos diferentes, o grupo tem condições de lidar melhor com a situação problema que ele está se propondo a resolver. Quebrar um pouco o viés do tipo, isso aqui é uma visão só contador. A gente não procura forçar mas na medida que a gente pode integrar vários alunos de várias áreas, a gente procura propiciar.</p>
4	<p>Tem. Governança, para mim, é um tema super.</p> <p>Na graduação existe um projeto cuja sigla é PESC – que é um projeto de extensão à comunidade.</p> <p>E aí tem envolvimento de alguns professores.</p>
5	<p>Existe o TGI que é um trabalho de pesquisa desenvolvido pelos alunos em grupo, de pesquisa empírica, obrigatoriamente é uma pesquisa empírica e que se desenvolve em dois semestres.</p> <p>Não necessariamente, o TGI procura integrar outras áreas de conhecimento, ou seja, a pesquisa pode ser efetivamente focada apenas na área contábil.</p> <p>É difícil fazer um trabalho empírico que não tenha que fazer relacionamento com outros ramos de conhecimento, principalmente organizacional, mercado de capitais, economia.</p> <p>O TGI é o ponto de encontro da interdisciplinaridade, de uma forma formal.</p> <p>De uma forma informal, essas cruzadas de professores, você vê aqui na sala de professores, muitos trocando idéias com outros tipo, o que você está dando lá. Dá isso para eles, eu também dou, então vou cruzar, então a gente faz uma interface.</p> <p>Eu acho que o aluno tem que saber que em alguns momentos, não é que tem sobreposição, mas um tema que foi tratado aqui pode ser aprofundado ali ou vice-versa.</p> <p>Com relação aos núcleos de pesquisa o de controladoria é um deles. Os professores são alocados aos núcleos para que possam ter integração entre os pesquisadores.</p> <p>Os TGI se integram a estes grupos. O professor que está orientando, ele pode solicitar um professor de outro núcleo para participar da banca. Isso é normal. Muito embora eu esteja aqui há apenas 2 semestres, a organização é bem feita, existe um ambiente propício para pesquisa aqui.</p>
6	<p>O TRABALHO DE GRADUAÇÃO INTEGRADO, ele é interdisciplinar por excelência. Por isso dele ser muito bem cuidado, cada professor só pode ter dois grupos, quer dizer, não pode orientar aquele bando de aluno, tem que ser só dois grupos, ele tem encontros semanais, força para ele ser indutor desta interdisciplinaridade, desse projeto maior.</p> <p>Então isso força essa interdisciplinaridade, então é um grande ponto do curso. Quer dizer, é a interdisciplinaridade, ao meu modo de entender. Mais importante, mais ordenado e mais organizado, onde fecha lá no projeto pedagógico. Se isto sair em ordem é um sinal de que nós conseguimos fazer a coisa acontecer.</p> <p>Fora isso, nós estamos com um projeto agora, um PLANO DE NEGÓCIOS com os alunos, onde ele tem que montar planos de negócios para nossa incubadora de empresas.</p> <p>Então, em contabilidade onde há a dúvida de que será que é uma área empreendedora, nós conseguimos 3 projetos no curso, em torno de 20 ou 25 alunos. É um bom modelo onde ele tem que pegar um problema real, montar empresa, como fazer e vai concorrer a um prêmio que é a IES bancando a empresa dele nos primeiros 2 anos. Então, é um curso de PLANO DE NEGÓCIOS que chama. Não é só no curso de contábeis. São vários cursos. Tem Engenharia, Economia, Administração e Contabilidade e o pessoal da Informática. São 3 centros. E aí você pode trocar. Os alunos daqui podem ajudar os alunos de outras empresas, ou eles sozinhos. Aí é o que eles quiserem. O importante é que eles vão concorrer a 3 cotas de empresas. Quem ganhar ganhou.</p> <p>A tendência é haver mais integração entre as áreas. Mas tem que começar de algum lugar. Então é natural que a tribo vá para aquela tribo mais perto dele.</p>

7	A gente tem uma disciplina específica que é TÓPICOS DE PESQUISA EM CONTABILIDADE onde os alunos desenvolvem artigos científicos. O desenvolvimento de artigo científico, ele está pressupondo aí uma atividade interdisciplinar porque ele vai ter que ter noções de português, ter noções de lógica para um desencadeamento lógico, ele vai ter que ter noção específica daquela disciplina que ele está, noções de pesquisa, e por aí vai. Então essa é uma atividade que eu acho que é explicitamente uma atividade interdisciplinar.
---	--

APÊNDICE I – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 9

9. Você percebe os resultados obtidos destas ações ou atividades juntos aos alunos? Que resultados poderia destacar?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>O aluno de contábeis tem uma extrema dificuldade de redigir. Quando ele faz uma atividade dessa, aliado ao auxílio que ele recebe no estágio e na Monografia, possibilita uma estrutura para ele conseguir quebrar a barreira da escrita com o PORTUGUÊS INSTRUMENTAL.</p> <p>Então estas disciplinas acabam criando uma visão do nosso aluno no mercado de trabalho que ele é tido como uma pessoa que sabe defender as suas posições. Isto é uma característica positiva.</p>
2	<p>Além desse aspecto dos conteúdos, no time ao qual a Controladoria estratégica pertence, os professores que trabalham com essas disciplinas são os mesmo há alguns anos. Então isso acaba permitindo que muitas vezes a gente faça um rodízio de conteúdos.</p> <p>Então isso vai muito das atividades que tivemos naquele ano, número de aulas que a gente vai ter naquele ano, que as vezes tem mais feriado num dia, então a gente fica trocando essas figurinhas. Então eu acho assim, essa interdisciplinaridade, vamos dizer esse intercâmbio é bastante interessante e o principal disso que eu percebo é que, o aluno percebe isso, o aluno percebe que os professores se conversam porque os professores se citam muito.</p> <p>Eu acho que a coisa acontece muito bem no corpo docente. Mas na realidade o que a gente passa para o discente é essa segurança e esse conforto de que os professores se conversam.</p> <p>A gente está discutido muito o que será trabalhado em controladoria estratégica e uma idéia que está muito presente, mas não consigo garantir que será operacionalizada, seria trabalhar com jogos de empresa dentro da disciplina de controladoria e esses jogos de empresas ele congrega uma série de conceitos de todas as outras disciplinas.</p> <p>Eu acho que seria uma ação extremamente interessante que precisaria contar com o apoio de todos os outros professores porque um jogo de empresa não envolve apenas a Controladoria, onde há uma confluência de tudo e eu acho que a gente necessita amadurecer ainda. A coisa está muito no nível da discussão. Não tenho como garantir para você que vá se materializar, que vá se realizar, não tenho como te afiançar isso.</p>
3	<p>Um resultado é a valorização do que o outro faz. Então, é natural que em qualquer ambiente que tenha as três áreas, tenha uma certa competição entre elas. Mas num trabalho desse, um sente a necessidade do outro. Então eu acho que esse é um resultado de uma atividade interdisciplinar.</p> <p>Muitos problemas da realidade que a gente vive, a solução para a resolução desses problemas necessitam de uma abordagem multidisciplinar. Porque senão eu terei uma visão enviesada.</p> <p>Um outro resultado desse processo de interação é ter uma visão não fragmentada do problema, mas uma visão do todo. Porque as soluções não são só técnicas. No ambiente empresarial muitas vezes a parte técnica é a menor parte. A solução técnica de um problema é a parte mais fácil. O difícil é viabilizar aquilo politicamente, num ambiente onde existe poder, responsabilidade.</p> <p>Então isso eu acho que isso é um outro resultado, ou seja, é ver que nem sempre as coisas são puramente racionais, que os modelos de decisão são totalmente racionais, eles tem riscos, a gente está vivendo com incertezas, comportamento. É uma visão mais aberta do problema gerencial.</p> <p>O contador que vê contabilidade só pelo lado técnico, não existe mais, ele já foi há muito superado. No fundo, hoje, a tecnologia ela resolve muito mais essa questão do que o próprio profissional. É lógico que por trás de um software tem um profissional. Não é mais guardar livros. Hoje ele tem que se integrar nas funções gerenciais da organização. É o contador, o controller.</p>
4	<p>É um aprendizado interessante, não é uma visão estritamente voltada para resultado, acho que como pessoa é uma contribuição muito bacana. E assim, pegar o gosto por um tipo de atividade que não é tão valorizada, quer dizer, ele tem um discurso falso na sociedade. Vamos lá, eu gostaria que você doasse como voluntário 3 horas. Você não</p>

	<p>acha legal? Eu acho. Acho uma coisa bacana. Então acho que é assim, quem se integra nisso é bem consistente, o resultado é bom.</p> <p>Então isso é processo. A interdisciplinaridade é processo. O produto, o fruto é, por exemplo, é o cara ser formado e ter uma visão correta.</p>
5	<p>O aluno percebe ao longo do semestre. No final do semestre o aluno vem falar, por exemplo, isso aqui eu estudei lá em comportamento organizacional, olha aqui a teoria da agência e quer dizer que isso tem a ver com remuneração, com contabilidade gerencial, com sistemas de informação. Nessa oportunidade ele consegue amarrar, se o trabalho dele tiver também os devidos relacionamentos, necessitar os relacionamentos.</p> <p>Eu entendo que os TGI são de boa qualidade.</p> <p>Aqui eu acho que tem muita pesquisa interessante, tanto que existem produções que são derivados desses trabalhos. Os próprios alunos fazendo os trabalhos eles publicam, também. A interação aluno-professor nos trabalhos dá bons resultados, ou seja, a interação dos alunos, a orientação, a exigência do referencial teórico de outras áreas. Nosso corpo docente relaciona bastante essas questões de relacionamento.</p>
6	<p>Como ponto positivo é que você força o trabalho em equipe, você força a resolução de problemas, você gera a capacidade dele realizar alguma coisa. Ele vai lá, o conhecimento está todo na prateleira, todo divididinho, e ele tem que se virar para pegar a prateleira certa, juntar com a outra gaveta. Então isso é uma obrigação dele.</p> <p>Acho que um ponto mais forte dessas atividades interdisciplinares, são esses professores de dedicação que estão vinculados ao curso, que são obrigados a ficar aqui. Então isso é que dá “porto seguro” para os alunos.</p> <p>Com relação à melhoria das atividades poderiam incentivar mais, criar talvez um prêmio. Estamos pensando em alguma coisa. Sempre há possibilidade de elas serem melhoradas, contextualizadas, melhor divulgadas, melhorar a estrutura para os alunos, abrir mais portas porque nós queremos que ele examine a realidade. Ele não pode fazer um trabalho apenas teórico ou uma empresa teórica, é ele ir lá e olhar a realidade.</p>
7	<p>Em relação às minhas atividades como professor em sala de aula, quando a gente usa conhecimentos de outras disciplinas, quando a gente cita isso, os alunos ficam contentes por entender que o curso é interligado. A tristeza é que você tem que avisar. Se você não avisa ele não percebe. Então eu tenho que falar, olha isso aqui a gente viu em tal disciplina, isso aqui a gente não viu em nenhum lugar mas vocês já sabem sobre isso, então, quando eu falo isso, quando eu faço essa referência, eu sinto que os alunos caem a ficha, parece que todas as coisas fazem sentido para eles, nas disciplinas específicas.</p> <p>Mas o resultado dessas ações, não dá para falar assim pontual. Acho que é mais essa questão do aluno perceber coisas para ligar...”</p>

APÊNDICE J – RESPOSTAS A QUESTÃO 10

10. A IES proporciona encontros entre os professores para discussão de atividades ou ações interdisciplinares?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Sim. Ela quase que obriga. O problema é que nem sempre os professores vão ter disponibilidades. Quando chegaremos ao ponto de que o professor exercerá apenas atividade de professor? Isso não há ainda. Ele é professor e profissional. Então é importante o que ele conhece lá fora para trazer ao nosso curso. É importante que ele tenha o curso para olhar para fora. Só que não se consegue fazer com que haja um momento em que dê certo este encontro, pois não existe uma cultura no Brasil como nos Estados Unidos por exemplo, do exercício apenas de atividade de professor, de ensino. Nós não temos isso.</p> <p>Existem as possibilidades de encontros mas não há, ainda, a participação efetiva de todos os professores. O que está claro é que, cada vez mais os professores estão se envolvendo, porque cada vez mais o magistério é uma opção muito interessante.</p> <p>Então, é preciso que nossos professores, tanto que eles não podem ficar só em função dessa integração total à academia, porque aí ele vira aquilo que é absurdo. Professores que fazem graduação, MBA, mestrado e doutorado. É um forte professor da área teórica. Mas não tem nenhuma vivência para passar aos alunos. Então, é um titulado de revisão bibliográfica. Não se pode ter um professor totalmente teórico. Ele tem que ter a revisão bibliográfica, mas ele tem que trazer a experiência.</p>
2	<p>Faz, no mínimo uma vez por semestre. A gente tem alguns fóruns de discussões. A gente tem os encontros dos professores motivados pela coordenação do cursos às vezes a gente tem os encontros de professores motivados pela própria reitoria.</p> <p>Do ponto de vista formal, a gente tem uma reunião, no mínimo, uma vez por semestre, isso quando a reitoria não faz mais uma. A gente tem encontros mais informais.</p>
3	<p>Acredito que seja mais informal, iniciativas mais pessoais ou instintivas. De acordo com a necessidade e interesse de cada um.</p> <p>E, eles são mais formais quando você participa dos projetos como O PESC, por exemplo, ele envolve os professores das outras e então a gente tem reuniões formais. Existe uma agenda. Não necessariamente para discutir a interdisciplinaridade, não é um evento específico.</p> <p>Dentro desse projeto, os encontros sempre foram no sentido, de como as áreas interagem.</p>
4	<p>Na graduação, hoje é semestral.</p> <p>O que nós temos que fazer? Eventos. É bem uma linha de, vamos sair daqui, dois dias e vamos discutir isso, isso e isso.</p> <p>Nós não estamos fazendo. Nós já fizemos de uma maneira, digamos assim, menos intensa. Até dois anos atrás nós conduzimos coisas desse tipo. Mas aí paramos. Vai ser retomado.</p>
5	<p>Tem reunião de coordenação didática de todos os cursos, toda quinta-feira. Temos encontros semestrais com todos os professores. Os professores que estão vinculados à núcleo de pesquisa, internamente, esses tem mais interação.</p> <p>Os professores aulistas, que não tem dedicação exclusiva ou integral à escola, eles são integrados nesses encontros semestrais e todo mundo vem. Não tem jeito. Fica lotado.</p>
6	<p>Sim. Esses seminários de atualização didática e de pesquisa. Isso para todos. Obrigatoriamente para todos os professores.</p> <p>Só não se capacita quem não quiser. Tem muita coisa aí. Claro que não é fácil, porque as vezes o professor se coloca numa posição de que ele não precisa aprender mais nada. Então aí é difícil.</p>
7	<p>Sim, a gente sempre tem pelo menos uma vez no semestre, tem essa conversa com o coordenador do curso específico.</p> <p>Estamos preparando o programa de qualificação docente, já no âmbito da universidade, não no âmbito do curso, para a gente poder discutir essas questões didáticas, pedagógicas, curriculares, disciplinares, entre outros.</p>

APÊNDICE K – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 11

11. Você identifica obstáculos para se levar adiante uma prática interdisciplinar no curso de Ciências Contábeis?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Sim, existem dificuldades. Dificuldades definidas por políticas. E definido por situações de defesa de grupos de interesse. Então para que a interdisciplinaridade seja aplicada na integralidade é preciso que a gente se destitua desses conceitos de proteção ao grupo, mas que os outros também o façam.</p> <p>Portanto, que seja um relacionamento desprovido de defesas de cartórios, de posições. Então enquanto não acontecer isso, eu que defendo a interdisciplinaridade, de repente, também pratico a atividade de proteção ao grupo, até porque a recíproca dos meus pares é verdadeira e eu não acho que isso não seja de todo tão ruim. Eu acho que isso faz parte da evolução. Isto é parte do aprendizado que nós estamos passando e ainda nós não nos damos conta da grande evolução que nós estamos passando e ainda não nos damos conta que o grande grupo, o grupo que abrange diversas disciplinas é que vai perdurar no futuro, é que vai estar presente.</p>
2	<p>Vejo algumas dificuldades, que eu acho que aqui no nosso curso, felizmente a gente, talvez, não tivesse que é, por exemplo, eu trabalhava numa outra IES maior, com uma condição de trabalho não tão boa quanto a daqui e a gente tinha graves problemas. As pessoas até tinham intenção de fazer um trabalho interdisciplinar, mas ela tinha uma rotatividade de professores muito grande. Essas atividades não resistiam a essas constantes trocas de professores. Já aqui a gente não se tem esse problema.</p> <p>Então eu acho que aqui já é mais fácil da gente estar fazendo isso, mas de uma certa forma, eu acho que talvez a gente tenha se acomodado aqui no curso de Ciências Contábeis com os TOP. Eu acho que a gente se acomodou e só discutia a questão dos conteúdos, a questão de não repetir conteúdos, a questão de quem ministra em qual parte da disciplina, para não deixar buracos. Isso eu acho que a gente faz muito bem. Esse é um aspecto em que eu daria dez para a IES. Mas eu acho que a gente se acomodou e ainda não foi adiante.</p> <p>Não basta só garantir que não haverá repetição de conteúdo, não basta garantir que não haverá buracos. A gente realiza, pelo menos dentro da Controladoria muitos poucos trabalhos interdisciplinares, muito pouca atividade que envolva várias disciplinas, muito embora a gente se converse sempre e tenha essa idéia dos jogos de empresas, mas se me perguntar se isso efetivamente acontece, isso hoje não acontece.</p>
4	<p>Você sempre tem a noção de poder. Você tem uma área predominante, ela tem o poder. Você tem uma área emergente, ela quer um espaço. Você vai vivenciar isso em qualquer programa.</p> <p>Então, surgindo questões interdisciplinares com certeza essa discussão vai aparecer. Por exemplo, você já deve ter ouvido isso, mas isso não é contabilidade? Qual é a sua visão de mundo da contabilidade? Isso aí é uma frase ingênua ou tem atrás um controle de espaço? Eu acho um negócio complicado.</p> <p>Tem que ter uma força institucional. Tem que ter. Alguém tem que dar uma direção, aí depois você vai negociando. Tem linha de pesquisa que nasce, cresce e morre.</p> <p>Tem linha que pode durar milênios. Mas tem uma acomodação política. Poder, isso não se soma, não se divide. Então não é uma coisa muito simples.</p>
5	<p>Obstáculo acho que não tem não. Eu também não conheço outras ações de outros professores. É possível que tenha professor que dê trabalho desenvolvido em duas cadeiras. Eu, por exemplo, quando vou dar trabalhos de análise de balanços ou análises de gestão financeira, eu falo para eles, olha vocês podem usar aquele da mesma empresa que vocês estão estudando lá em estratégia, não tem problema nenhum, acho até bom, mas sem combinar muito com os professores, a gente combina com os alunos mesmo.</p> <p>Não tem uma coisa formal entre os professores, uma obrigatoriedade de fazer, de não fazer, só os desenvolvimentos das aulas. Isso a gente acaba fazendo meio que no informal, quer dizer, pelo menor nós aqui os professores do núcleo, sabemos o que cada um está dando.</p> <p>Eu acho que os alunos percebem essa interação entre os professores porque, às vezes, eles vem tirar dúvida, querem pedir ajuda para a gente de um trabalho de outro</p>

	professor.
6	<p>O que existe é a própria resistência natural na academia que é a visão de ensino do próprio Brasil. Quer dizer, você ensina por disciplina, você não ensina por competência ou por conhecimento.</p> <p>Nós estamos muito longe disso ainda. Acho que nem no doutorado a gente consegue fazer isso ainda. Então barreiras precisam ser quebradas, mas paradigmas talvez educacionais por não ser previsto um outro modelo ou algo diferente.</p> <p>Para se ter a interdisciplinaridade ao extremo, na veia, vamos dizer assim, na veia do projeto pedagógico, você inverte o modelo. Você trabalha com problemas e para aqueles problemas eu vou buscar..., eu inverte. Eu não dou as gavetas e ele que tem que arrumar e ele vai ver os problemas na prática e vai achar as gavetas. Eu dou os problemas e através dos problemas eu ensino as gavetas. Estamos longe, mas não é só aqui não. Não conheço tudo mas acho que isso não é muito fácil não. Estamos muito longe ainda.</p> <p>Tudo que é mais dentro da estrutura e você consegue fazer com criatividade, tem todo o apoio da instituição, sem problema nenhum.</p>
7	<p>Eu colocaria duas dificuldades: a falta de formação do professor para os aspectos interdisciplinares e a falta de disposição dos alunos para uma mudança de paradigmas. Esses alunos vem numa situação em que ele é um sujeito passivo, por mais que a gente discuta que o aluno tem que ser ativo, tem que fazer parte do ensino e aprendizagem, a realidade é essa. O aluno vem com o paradigma de que ele é sujeito passivo e não é.</p>

APÊNDICE L – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 12

12. Na sua opinião, o curso de Ciências Contábeis proporciona aos alunos o exercício de todas as prerrogativas profissionais estabelecidas pelo CFC – Conselho Federal de Contabilidade por meio da Resolução 560/1983?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>De certa forma, sim. Mas é pouco. Os cursos tem que preparar não para exercer as prerrogativas da profissão, mas para exercer o potencial que o Contador tem que ter. Esse Contador não pode ser um Contador restrito a uma visão pequena da profissão ainda. Ele tem que crescer. Tem que crescer para ocupar o espaço de um verdadeiro Gestor. Porque ele é o melhor preparado do que todos os outros para ser um Gestor. É preciso evoluir. É preciso que nós dos cursos consigamos dar isso, que consigamos dar essa visão...?”</p> <p>Eles são muito mais do que aquilo que os Conselhos da profissão dá. Reserva de mercado que a profissão dá. Isso é muito pouco. Que assinar qualquer um assina hoje, desde que tenha um título. Haja visto profissionais que estão fora do mercado que assinam até balanços a preços inadequados.</p>
2	<p>Nesse aspecto eu não tenho a menor dúvida.</p> <p>A parte técnica, ética, técnica de domínio da Contabilidade, eu acho que o aluno domina, e isso é até fácil de comprovar quando tinha prova lá do CRC.</p> <p>Então eu acho que essas prerrogativas elas são atendidas.</p> <p>A nossa maior deficiência, não reside no aspecto técnico, eu acho que a nossa deficiência maior reside no fato de que com todo esse potencial técnico que o nosso aluno tem, ele tem obrigação de se enxergar gerencial. Ele não pode se sentir satisfeito sendo responsável pela contabilidade da empresa dele. Ele tem que ser o cara para ser o Controller da empresa, para trabalhar na controladoria. Porque eu acho que do ponto de vista técnico ele é melhor que a grande maioria.</p>
3	<p>A resolução, fazendo uma crítica rápida pois não parei para estudá-la, a impressão que dá é que ele está calcada em atividades que historicamente o Contador vem exercendo. Aí ela divide, olha isso aqui é do Contador e isso aqui é do Técnico em Contabilidade e ainda tem algumas atividades que além do Contador, outros fazem. Me parece uma visão mais histórica do que prospectiva.</p> <p>Será que o que está regulamentado, hoje, aqui reflete as necessidades do futuro profissional? Eu tenho as minhas dúvidas. Se eu tivesse que dar um palpite agora, eu diria que não.</p> <p>Acho que tem globalização, internacionalização, os organismos internacionais e a própria relação entre os outros campos, entre as outras áreas do conhecimento. A impressão que dá é que ela está mais preocupada em reservar um espaço, marcar território do que olhar o futuro e servir como indutor de comportamento, tanto dos profissionais atuais quanto daqueles que desejam entrar no mercado e estamos preparando esses profissionais. Somos todos nós, professores e alunos.</p>
4	<p>Olha, o curso é abrangente. Mas qual a intensidade que o aluno vai usar esses componentes, eu diria que na minha consciência, para algumas coisas sim e para outras não.</p>
5	<p>Todas? Eu não me lembro quais são, mas eu imagino que seja lá Auditoria, Perícia, trabalhar em órgãos públicos. Olha, eu acho que o mercado, ele faz uma pré seleção. Por mais que a gente possa ensinar uma coisa, para o exercício, o aluno ele tem que fazer uma escolha de carreira.</p> <p>Também acho que existe os cursos de especialização para isso, para fazer um aprofundamento na vocação que ele escolheu. Mas eu acho que dá para eles fechar balanço, essas coisas, só que o mercado mesmo não atribui essa responsabilidade imediatamente para ele porque tem o desenvolvimento natural do aprendizado lá na empresa.</p> <p>Assim como Administração e Economia, não formam presidentes assim de cara, nós também não formamos logo no primeiro ano que ele sai da escola, um Contador que fecha balanço. Ele até pode fazer isso, mas acho que o mercado seleciona, ele dá um tempo de maturação para esse profissional. Não é porque você já é graduado que você já está fechando balanço. E os nossos alunos, eu acho que fecham balanço, fazem imposto de</p>

	renda, mas supervisionado, provavelmente.
6	<p>Sim, dentro do grau de maturidade de um aluno.</p> <p>Você estabelecer quais são as prerrogativas, eu acho que aí também você pode até discutir. Será que você tem que trabalhar nas prerrogativas ou você tem que trabalhar nas competências que o Contador tem que ter? Acho que é uma coisa diferente. E isso você tem que pensar e isso tem que estar a serviço de alguma coisa. Então você tem que estar no serviço de realizar alguma coisa, capacidade de realizar. Não adianta ter as prerrogativas feitas se você não conseguir ter essa capacidade de realização. Eu posso ter alguém extremamente inteligente em métodos Quantitativos, mas ele não consegue juntar isso, integrar alguma coisa.</p> <p>Então, mais do que cumprir a Resolução nós temos que tentar dar condição para esses alunos, dentro da maturidade deles, a gente não pode exigir muito de um jovem de 21 anos ou 22 anos que é a idade média de formandos. Os meninos são novos, não entendem nada da vida ainda. Não tem como exigir a maturidade, a aplicação da ética, por exemplo.</p> <p>Acho que essa questão deve ser olhada com cuidado. Apesar do ponto de vista legalista ele tem que fazer o juramento, não temos mais o exame do suficiência, mas vamos ter, tomara eu. Isso depois tem que ser potencializado, tem que ser trabalhado, entendido e executado.</p>
7	<p>Olha, nenhum curso consegue. Eu acho que não.</p> <p>Mas em contrapartida o curso de Contabilidade, ele é um curso que no primeiro e segundo ano você já está empregado, normalmente. Então quando chegar no quarto ano quando se forma, você já tem uma experiência acadêmica e tem uma experiência profissional. Então eu acho que essas duas coisas aliadas, elas permitem.</p> <p>Agora, objetivamente, se o curso ele prepara, não. Mas acredito que nem esse e nem nenhum outro. Seja para ser médico, vai ter que ter não só a residência, para ser advogado vai ter seu estágio, então acho que qualquer profissão não prepara. O de Contábeis, eu acho que a grande vantagem é que o aluno, rapidamente, consegue colocação no mercado.</p> <p>A gente tem muita possibilidade de emprego.</p> <p>No mínimo ele tem o conhecimento técnico e tem a percepção de que ele precisa se atualizar sempre, para exercer a profissão.</p>

APÊNDICE M – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 13 e 14

13. Na sua opinião, o curso de Ciências Contábeis proporciona a integração da Contabilidade com outras Ciências? Você acha que por meio da Controladoria essa integração é facilitada?

14. Na sua opinião quais as Ciências ou áreas de conhecimento que mais se relacionam com a Contabilidade?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Acho que pela Controladoria, pelo orçamento, análise do orçamento, é mais fácil. São disciplinas que se utilizam das outras ciências para poder tomar as decisões. Então, por excelência, elas podem facilitar.</p> <p>O problema é que, nós que damos Controladoria acaba sendo uma disciplina com um foco que precisaria ser mais ampliado. Precisaria, nesta disciplina, se discutir um pouco mais de Gestão Financeira.</p> <p>Essas disciplinas de Gestão, de gerenciamento, que é um conjunto delas é o grande futuro do Contador.</p> <p>O melhor elemento que existe numa empresa para instalar os sistemas de controle, de gerenciamento, contábeis e de gestão, é o Contador. Só que o Contador é considerado tímido e é reservado.</p> <p>Falta também, uma visão de disciplinas de maior envolvimento, disciplinas que trabalhem com elemento humano, com talento humano. Isto também precisa para nossos contadores. Precisamos saber dominar um pouco mais estas disciplinas, estas Ciências Sociais.</p> <p>Como é que a gente cresce? No momento que a gente acha que pode, a gente procura saber e acaba identificando que temos tanta competência como qualquer outro.</p>
2	<p>Acho que poderia ser melhor. Acho que ainda falta. Acho que ainda existe um certo estigma da categoria que precisa ser superado. Acho que às vezes, o próprio Contador não se dá conta do valor que tem, do tipo de atuação que poderia ter. Ele se conforma com outro tipo de atuação. Então, acho que isso acontece muito com nosso aluno. Isso acaba, de uma certa forma, impedindo que a gente faça uma ponte, por exemplo, com Administração Geral, com Economia e outras áreas mais afins, quiçá com outras que são mais distantes como Comunicação, Psicologia porque acho importante quando você trabalha o universo empresarial.</p> <p>Administração, Economia e por incrível que pareça, acho que a Comunicação é fundamental dentro da Contabilidade, principalmente hoje onde a gente está entrando num momento onde cada vez mais é cobrado das organizações, os relacionamentos com os <i>stake holders</i>, outros tipos de interesse, a questão de como a empresa lida com as questões ambientais, questões sociais, balanço ambiental, balanço social.</p> <p>O profissional de Ciências Contábeis tem que saber se comunicar. Ele tem que saber interpretar aquelas informações que ele tem e que conhece melhor do que ninguém, mas precisa, também, mostrar isso, não só para a empresa mas também para a sociedade.</p> <p>Acho que a comunicação é fundamental. Cada vez mais vai existir uma relação estreita entre as duas áreas. Muito pouca gente percebe isso, mas acredito que essa preocupação vai aumentar.</p>
3	<p>Eu acho que parcialmente. O que eu vejo é que o curso de Ciências Contábeis, tem disciplinas de Direito para ter um enfoque mais jurídico, disciplinas que são oferecidas pela área de economia, tem administração.</p> <p>Infelizmente não tem mais, Psicologia, Sociologia. Algumas eu acho que eram até questionáveis, porque essa é uma outra questão que tem a ver com seu tema, que ainda que se promova dentro do curso a existência de uma disciplina de outra área, e teoricamente estaria promovendo essa interdisciplinaridade, muito embora essa disciplina possa existir, às vezes o conteúdo ou a forma, o objetivo, a metodologia é como se fosse a coisa funcionar na área deles e não aplicada á Contabilidade.</p> <p>Quando fiz graduação, em relação ao que ela é hoje, mudou da água para o vinho. Então, por exemplo, tinha disciplinas de direito, onde era obrigado a ler livros de direito, interpretar o fato gerador da obrigação tributária, por exemplo, e não conseguia fazer a ligação disso com a contabilidade.</p> <p>Disciplinas de cálculos, envolvendo cálculos complexos, ao extremo, e a gente não</p>

	<p>conseguia ver a aplicação disso. Para mim, ou faltou alguém “iluminado” para dizer que isto seria importante para fazer tal coisa, para a gente até atribuir o valor que ela tem ou aquele conteúdo ser adaptado para atender as necessidades do contador.</p> <p>Para que eu vou necessitar desses outros conceitos (direito, economia, administração, etc). Então, quer dizer, essa integração não pode ser formal, existente no programa, ela tem que ser discutida.</p> <p>Bom, e na controladoria? Eu acho que na forma em que a gente vem ministrando a disciplina, eu acho que a gente talvez até instintivamente, tenha promovido interdisciplinaridade, quer dizer, tem promovido integração de conteúdo.</p> <p>Então, por exemplo, na disciplina de controladoria a gente procura adotar uma abordagem que parte, por exemplo, da visão sistêmica da empresa. Então você já olha a empresa como um sistema, então você está usando conhecimentos da teoria de sistemas, que nasceu lá na biologia. Então é uma teoria que se aplica hoje nas ciências sociais, especialmente aqui na controladoria. Bom, aí você estudou a empresa sobre a ótica sistêmica, agora vamos ver o impacto disso em termos de resultado, aí nós vamos lá resgatar conceitos da economia, para mostrar qual é o resultado, se assegura a continuidade, porque realmente o conceito de lucro é econômico. A contabilidade mede o lucro. O campo dela é outro. Não é ela que discute a riqueza, então ela mede, é o conceito de mensuração e avaliação.</p> <p>Como terceiro ponto, se a empresa pode ser vista como sistema, resultado econômico então como a gente faz para gerenciar esse resultado? Aí entram conhecimentos de administração, planejamento estratégico e operacional, controle, depois, a contabilidade mesmo é uma parte do conteúdo, e normalmente a mais chata, pois é onde você vai para a aplicação de conceitos econômicos, de administração, de sistemas e lá no final, quando a gente ministra controladoria, eu não tenho dispensado um tópico que fala dos aspectos comportamentais, até como um encerramento, para que a disciplina não termine com um ponto de interrogação. Para que o aluno não tenha a impressão de que tudo se resolve tecnicamente.</p> <p>Então, imagino que dentro da controladoria a gente procura promover a integração da contabilidade com as demais áreas. Eu acho que isso é controladoria. Então isso acontece dessa forma, jogando conteúdos que não necessariamente venham da área de contabilidade. Contextualizando, tem a questão da gestão, onde é que entra a tomada de decisão, qual é o papel da contabilidade nisso, nesse contexto todo? Então, é gerar informação?</p> <p>Do ponto de vista da gestão, da controladoria, eu acho que você tem que ter todas elas, forte. Uma contabilidade só não basta. Para que você tenha todas elas forte, você tem que ter um conjunto de conhecimentos que muitas vezes não é só contabilidade. Como eu te falei, da economia, da administração, direito, sistemas, psicologia, sociologia e iria longe isso. Essa são as mais presentes.</p>
4	<p>Veja, tudo que for medir, tudo que for tema de reportar, nós temos a ver. O problema é que não existe muita consciência de até onde ir. Então eu acho isso complicado. E a visão da contabilidade em alguma coisa assim formal, obrigatória, legal, é muito forte.</p> <p>As oportunidades, elas não são exploradas, quer dizer, a contabilidade é muito ruim na questão de marketing. Muito ruim. Então nessa questão aí, eu não acho que é um problema de integração, eu diria de entendimento. Entendimento. O que é que a Controlaria pode fazer por você ou até onde vai a contabilidade?</p>
5	<p>Eu acho que o aluno percebe relacionamento, por exemplo, com Direito. Aliás, se fizermos uma pesquisa com os alunos, todos querem ter o Direito como segunda graduação. Pelo menos uma boa parte gostaria de ter isso aí, até porque são profissões liberais.</p> <p>Na medida que você desenvolve o aluno, a controladoria é onde tem as melhores oportunidades de fazer esse relacionamento. Controladoria, todas as disciplinas de contabilidade gerencial, contabilidade de custos, você consegue enxergar mais coisas, enxergar, por exemplo, uma área de marketing, enxergar um ramo de conhecimento de comportamento organizacional ou mesmo estratégia.</p> <p>Eu acho que controladoria é o espaço mais interdisciplinar que tem na contabilidade.</p> <p>Eu acho que economia e administração como macro áreas. Aí você se for especificar eu acho que é Finanças, essa área de Direito numa visão societária e tributária, aí indo mais para uma visão gerencial aí eu diria que é estratégia e teoria organizacional, quer dizer, administração mesmo, de estudos organizacionais, quer dizer, eu acho que essas duas</p>

	estão mais, interagem na contabilidade gerencial.
6	<p>É facilitado, principalmente quando você usa instrumentos didáticos que provocam isso no aluno.</p> <p>Na verdade ela foi espalhada ao longo do curso, depois vai ter um nome de disciplina de controladoria mas ela já se fez valer em várias outras disciplinas desde Teoria das Organizações até Custos, passando por Métodos Quantitativos, navega em disciplina de Sociologia, volta para a disciplina de Economia.</p> <p>Essa disciplina tenta fechar muitas coisas e nesse fechamento você, por meio de instrumento didático que fazem apresentar problemas para os alunos, então a gente gosta muito de usar estudos de casos aqui, principalmente nos últimos semestres para forçar o aluno a ver essa coisa interdisciplinar.</p> <p>Então ele sabe que vai explicar um problema, não fazer cálculo ou não fazer a técnica, mas como ter sucesso, como implementar bem um sistema de informação, quais as implicações que isso tem, por que deu certo numa empresa, por que não deu certo na outra, melhora a abordagem sociológica, filosófica, comportamental, ele entende que uma empresa francesa e uma empresa americana tem culturas diferentes, o orçamento empresarial delas tende a ser diferente em termos de flexibilidades ou não.</p> <p>Nós temos a CENTRAL DE CASOS que nos ajuda também a dar esse instrumental. Eles ensinam a montar casos dentro do próprio centro de estudos sociais daqui. Tem dois professores que ficam o tempo todo trabalhando em cima dos casos e potencializar o uso desses casos com os alunos.</p> <p>A Contabilidade por si só, ela é uma coisa meio vazia, do ponto de vista teórico. Então ela se relaciona muito com Economia que é uma ciência bem mais madura que a nossa, se relaciona com Sociologia muito forte, eu vejo Teoria Institucional, Teoria da Contingência, Cultura, Antropologia, porque as pessoas pensam assim? Filosofia com o uso do poder, uso da institucionalização de técnicas.</p> <p>A Contabilidade passa por modismos, também, então se relaciona muito com isso. Inclusive a pesquisa, hoje, é assim. A pesquisa, hoje, é usando essas outras teorias para explicar coisas na contabilidade. Não é o problema de como calcular determinada coisa, obviamente. Não precisamos tanto chegar a esse ponto, mas para entender as realidades, mesmo, precisamos dessas coisas.</p> <p>E Psicologia do ponto de vista macro, porque as pessoas decidem assim ou assado, se eu der a informação contábil assim o cara toma uma decisão, se eu der assado ele toma outra.</p>
7	<p>Sim. Mas eu acho que o curso de Contabilidade tem um defeito grande, também pelo paradigma de nossos professores e dos nossos alunos. Ele não proporciona isso, normalmente, porque nossos alunos e nossos professores são muito focados nos aspectos financeiros e societários da Contabilidade. Então eu acho que o curso tem esse déficit.</p> <p>Em relação à controladoria eu acho que sim. A controladoria permite.</p> <p>A gente tem uma ênfase em controladoria em que o aluno tem disciplinas de controladoria desde o segundo ano. Justamente para a gente quebrar esse paradigma, do próprio aluno, de que o curso de Contabilidade não é só Contabilidade societária.</p> <p>Então eu divido a resposta em dois. Eu acho que os cursos de contabilidade em geral, eles não permitem essa visão interdisciplinar. A disciplina de controladoria, eu acho que ela permite.</p> <p>E aí, tem que ter informação das ciências administrativas, das ciências econômicas, das Ciências Contábeis, tem que entender de engenharia da produção, hoje em dia, tem que entender de tecnologia da informação, tem que entender de psicologia, de sociologia, de administração de recursos humanos.</p>

APÊNDICE N – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 15

15. Você poderia identificar algumas atitudes que considera importantes no professor de Contabilidade?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>A primeira atitude importante para o professor, tem que ser a responsabilidade de identificar, de procurar identificar e avaliar aquilo que o aluno sabe e que a avaliação não seja por aquilo que o aluno não sabe, mas exatamente pelo oposto. E que a avaliação do aluno seja a própria avaliação do professor. Quer dizer, o professor pode dar uma prova extremamente difícil mas ele precisa tomar consciência de que a prova foi extremamente difícil.</p> <p>Não é um posicionamento de transferência de informação tão somente, mas de envolvimento com aquela relação de ensinar e aprender. Então quer dizer, o professor ensina mas aprende, o aluno aprende mas ensina. Então isso nós temos que ter claro.</p> <p>O segundo ponto, a atividade em grupo nós não estamos sabendo utilizar, nós precisamos desenvolver este conceito.</p> <p>Talvez os educadores saibam. Então o que nós professores precisamos aprender? Aprender com os educadores algumas coisas que nós não sabemos. Agora, mas os educadores, não os donos da educação, mas os verdadeiros educadores. Aqueles que tem a preocupação do ensino, não aqueles que tem a preocupação política.</p>
2	<p>Na realidade a gente precisa ter abertura para dialogar com os colegas.</p> <p>Eu noto que, dentro do curso de Ciências Contábeis, tem havido uma modificação do perfil do professor.</p> <p>Quando eu comecei, dar aulas, eu via que para muitos colegas era uma coisa como um hobby, um incremento orçamentário, alguma coisa assim. Hoje eu acho que isso está se modificando um pouco. E eu acho que isso tem um aspecto muito positivo porque a partir do momento em que aquilo passa a ser a profissão do camarada ele passa a cuidar melhor daquilo. Ele começa a trocar experiências, ele começa a conversar com os colegas e essa troca de experiências contribui para que ele seja um melhor professor.</p> <p>Hoje na área acadêmica, a grande parte dos docentes encaram a docência como uma profissão. Podem não fazer só a docência mas encaram a docência como uma profissão. Essa é uma atitude fundamental: encarar como uma profissão.</p>
3	<p>Além de saber trabalhar em equipe, o professor precisa ter a didática, comunicação, dominar o conteúdo.</p> <p>Tem duas características que acho que são fundamentais e eu tenho dúvida se elas estão sempre presentes no professor profissional, que é pesquisa e a prática.</p> <p>Uma coisa é ser professor e meu mundo é aqui, estou dentro da minha sala, dou a disciplina da forma como eu sei, como eu conheço mas sem pesquisa eu não vou conseguir trazer nada de novo para a sala de aula. De repente eu não estou acompanhando a evolução daquela disciplina, daquele conteúdo ou mesmo daquele curso. Não se pode focar só na disciplina. Então a pesquisa ela é importante porque ela oxigena, ela traz a novidade, ela traz a descoberta. Por meio da pesquisa a gente, testando ou não hipóteses, você sai com conhecimentos que você não tinha antes.</p> <p>O professor tem que estar fazendo pesquisa e essa eu acho que é uma deficiência que a gente tem na média geral, não só nos professores, mas também nos alunos.</p> <p>Falei da atividade para pesquisa, numa atitude de gostar, querer desenvolver, ter compromisso com a pesquisa e a outra é a questão prática.</p> <p>Uma coisa é estudar os problemas teoricamente, e não ter uma vivência prática em relação àquele assunto. Então eu acho que esse tripé, ensino, pesquisa e extensão, apesar de ser uma visão bem tradicional, eu acredito nesse tripé, pelo menos hoje.</p>
4	<p>Como é que é o aluno de contabilidade, na média? Mais extrovertido ou introvertido? Ele é mais introvertido. Nós temos muitos alunos que gostam de resolver coisas, mas tem muitos alunos que não gostam muito de falar.</p> <p>Uma das coisas, talentos, habilidades, sei lá o termo que você gostaria de usar, mais importantes para o professor, é não deixar o aluno excluído. Ele não pode se sentir excluído. Por dois motivos: um é que se ele se sentir excluído ele não se envolve em nada, e segundo que é uma forma de ele se desculpar, por estar largado, entra e sai da aula.</p>
5	<p>Tem que ser motivado e motivar as outras pessoas, os alunos, os colegas.</p>

	<p>A gente que dá aula para cursos noturno, os alunos precisam estar estimulados, senão fica difícil. Então eu acho que essa questão de motivação, embora seja uma característica de cada um, mas ele tem que estimular o aluno a aprender, eu acho que esse é o ponto em sala de aula.</p> <p>Então, podemos dizer assim, não temos nenhuma estrela, somos todos parte de uma equipe e se um não está bem, tem alguma coisa errada com a equipe também, de uma certa forma. Mas característica fundamental, hoje, para o professor em sala de aula, é uma habilidade de fazer o aluno aprender. Esse é o ponto fundamental.</p>
6	<p>Primeira coisa ele tem que ser um curioso. E curioso ele pode ser chamado de pesquisador ou como você queira chamar.</p> <p>Ele tem que ser uma pessoa humilde, humilde do ponto de vista, por mais alto grau de conhecimento que ele tenha, nós sempre estamos aprendendo, seja no comportamento, sorrisos.</p> <p>Acho que essas duas características, a meu ver, são extremamente importantes. São vitais assim para o desenvolvimento dele. O resto, eu diria que é pressuposto do cargo. Então não dá para você ter um professor integrado, etc, que não saiba trabalhar em equipe, que não saiba ter boa postura, que não tenha capacidade de se comunicar. Eu chamo isso de pressuposto. Competência requerida <i>number one</i> para o cargo.</p> <p>Agora o que é o diferencial? É o cara bastante curioso, pesquisador, focado e esse lado da humildade. Então quer dizer, as vezes o pesquisador demais, ele não tem a humildade para estar no nível dos alunos. Seja no mestrado, seja numa graduação, seja no pós latu-sensu. Ele sempre está num desnível e isso prejudica muito o processo ensino-aprendizagem. Somos facilitadores, somos mestres. Um pouco diferente. Difícil. Muito difícil de executar, mas.</p>
7	<p>Eu acho que ele tem que ser pesquisador ou no mínimo, atitude de interesse pela pesquisa e pela novidade.</p> <p>Ele tem que ser atencioso com os alunos. Para ser professor, embora a profissão tenha perdido aí um pouco o seu glamour, hoje o professor tem que ser atencioso, tem que ser carinhoso até.</p> <p>O professor ele tem que gostar do aluno, se ele não gosta do aluno ele vai ser outra coisa, vai trabalhar em outro lugar. Então eu acho que o professor tem que ter esse interesse pela pesquisa e pelo novo, ele tem que ser atencioso, tem que trabalhar em equipe, tem que gostar do aluno.</p>

APÊNDICE O – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 16

16. Dentre as atitudes que listou, você acha que tem alguma que mereça destaque em termos de melhoria ou aprimoramento por parte do professor?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>A primeira coisa é ser feliz com aquilo que for fazer. Tem que sentir uma felicidade. E tem que saber que o professor, ele não pode se preocupar com aqueles alunos que vem vindo, de que são concorrentes. Ele tem que criar nesses alunos os melhores concorrentes possíveis. Aí ele foi professor. Ele não pode ter receio de que se esse cara for bom ele pegará o meu lugar. Porque no momento em que ele fizer isso ele deixa de ser professor. Ele fica defendendo uma posição encolhida, pequena, míope. Então, ele tem que ter certeza que ele tem que fazer o melhor possível para que as pessoas sejam melhores que eles.</p> <p>Segundo ponto, ele tem que ter a humildade de procurar sempre, de buscar, de aprender. Um terceiro ponto, é ter consciência que você não vai explicar uma prática mecânica, mas você tem que contribuir com o desenvolvimento de um raciocínio. Ele tem que evoluir com o raciocínio. Ele não vai responder debita e credita por isso e por aquilo mas ele tem que raciocinar porque este procedimento, porque está debitando ou creditando.</p>
2	<p>As atitudes citadas devem ser melhoradas e aprimoradas não só pelos professores mas também e muitas vezes pelas próprias IES.</p> <p>Porque assim, eu não tenho nenhum tipo de procuração, por exemplo, para defender a IES, mas me julgo um privilegiado pelas condições de trabalho que tenho aqui, porque aqui tem a figura do professor em período integral, é o professor que recebe 40 horas mas só dá 20 horas em sala e tem as outras 20 para preparar aulas, para criar grupos de pesquisa, para fazer uma série de outras coisas que não acontece na maioria das IES que a gente vê por aí.</p> <p>Então eu acho que isso é importante até para que haja essa interdisciplinaridade, até para que os professores se sintam motivados a discutir, a sentar juntos. Então é uma postura também institucional, que felizmente aqui acontece. Mas eu acho que a gente tem muita coisa a percorrer mas eu acho que a gente vai num bom caminho.</p> <p>Eu acho que há uma parte de responsabilidade do professor, ainda daquele que acha que isso é só um hobby, mas também acho que é uma responsabilidade da IES que acaba por última instância sendo de responsabilidade, vamos dizer assim, da estrutura universitária que se no adotou País.</p>
3	<p>Acho que hoje estamos vivendo um momento especial com a área da contabilidade. A gente está dando muito valor à pesquisa, tem publicado muito, tem participado de congressos. Isso é muito bom e fundamental. Então eu acho que isso precisaria ser ainda mais valorizado, transferido para a graduação, preparar o aluno melhor para lidar com os problemas do dia-a-dia. Pesquisa lida com esses problemas, onde está o problema, onde estão as alternativas que eu tenho para resolver e solucionar, como farei isso? Usando uma abordagem de metodologia científica para resolver um problema prático. Não é uma questão só de pesquisa, é um engrandecimento pessoal que o aluno tem, que nós temos, não só para lidar com problemas de natureza profissional mas pessoal também.</p>
4	<p>Me orgulho muito do departamento. Acho que os professores são maravilhosos. Não significa que nós pensamos iguais. Mas se o professor não perceber isso, se você não der uma direção em relação a coisas que você ache importante, depois que o professor fechou a porta, acabou o mundo, é ele que manda.</p> <p>Agora, por isso que a reunião é importante. Mas digamos, se eu tiver uma reunião todo mês, vai ser horrível. Nós teremos 3, 4 pessoas. Tudo bem. Nós somos em 37, tinha 25, 26. Eu não imagino conseguir que sempre tenha a presença de 100% dos docentes. A não ser nesses projetos que você faz para discutir os 3 próximos anos, ninguém consegue. As agendas são muito complicadas. Tem professor de todos os tipos.</p>
5	<p>Eu acho que o desafio para todo mundo é como é que você faz uma aula em que o aluno aprenda.</p> <p>Aparentemente esse negócio de estudo de caso é um negócio que está se institucionalizando em todas as escolas e eu acho que assim, nos grotões, nos lugares mais distantes, devem ter muitas aulas, ainda, nessa linha mais tradicional, numa linha mais expositiva. Algumas disciplinas são expositivas mesmo, por natureza. Outras podem ter</p>

	<p>uma balanceamento entre expositiva, participativa. Eu acho que esse é um ponto. Melhoria na parte didática. E pesquisa, também. Acho que as aulas ainda em geral, por aí, são muito fundamentas em, olha eu acho que é assim eu já fiz isso, na minha empresa funciona assim. Para o aluno ainda acho que é interessante, pois assim ele tem uma visão da prática. Tem alguns que não dão exemplos nem de empresas. Então, aí quando ele dá exemplos de empresas, faz ter algum relacionamento com a prática.</p> <p>O que eu acho que precisa também desenvolver, é usar mais material de pesquisa em sala de aula.</p>
6	<p>Melhoria tem que ocorrer, principalmente a questão da humildade. Tem que falar a língua do aluno, estar próximo dele. Eu já sinto falta disso. Quanto mais eu estudo, às vezes, eu me distancio. O foco é o aluno não é? Ele é a razão de ser. Não é o <i>paper</i> que eu publiquei na <i>Journal of accountancy</i>, não é isso, é o aluno.</p> <p>Às vezes a gente se esquece do aluno. Ele é um estorvo às vezes. Pode acontecer de ele chegar e ele atrapalha às vezes, a ponto de achar que atrapalha, porque todas as vezes as minhas atividades se tornam mais importantes. Será que é verdade? Por que eu tenho que me doutorar? Para ter mais qualidade, para ensinar melhor. A partir do momento que eu vou chegando ao mais alto topo da pirâmide, eu me distancio mais da razão que me levou ao topo da pirâmide. Você me fez pensar.</p>
7	<p>A melhoria deve ocorrer no interesse pela pesquisa acadêmica, pela inovação. As pessoas devem ler jornal, verificar o que está acontecendo e trazer isso para a sala de aula e até o mais importante, e talvez seja uma defasagem maior é antever o que pode acontecer. Talvez seja um dos papéis da academia que a gente não encontra, sobretudo na área de ciências humanas, é antever o que vai acontecer. É uma das atitudes que deveriam ser melhoradas no professor, eu acho.</p>

APÊNDICE P – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 17

17. Como você acha que deve ser a relação aluno-professor?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	De respeito. De igualdade. Não pode existir essa relação de distanciamento da cátedra à carteira. Tem que haver uma proximidade e uma cumplicidade. Que esta relação de aprender não pode ser o professor contra o aluno, mas de professor junto com o aluno e o aluno junto com o professor.
2	Não acho que ela tenha que ser estritamente profissional mas também acho que ela não possa ser muito amistosa. Ela tem que ter um meio termo entre o pessoal e o profissional. Ela não pode ser totalmente profissional porque a gente trabalha com pessoas, a gente trabalha com sonhos. É muito comum você ter a sensação de que para alguns alunos o ensino superior representa uma possibilidade de mudar de vida. Então isso faz com que não dê para a relação ser eminentemente profissional. Com a atual crise de valores que a gente vive hoje no País, a juventude, os alunos, cada vez mais chegam para a gente pior preparados, não só culturalmente, não só no que diz respeito ao ensino médio e fundamental, mas no nível de educação, e de formação, etc. A gente não pode ser muito amistoso.
3	Aluno-professor é mais fácil. Eu vejo o professor como facilitador do processo ensino-aprendizagem do aluno. O papel do professor é gerar, expor o aluno a um processo onde ele consiga transmitir algum conhecimento, alguma habilidade, alguma tecnologia. Então o grande papel dele é criar um ambiente onde ele favoreça isso aí. Facilitador. Muitas vezes se tem a impressão que a contabilidade é um conhecimento intrínseco, natural do ser humano, todo mundo já nasce sabendo contabilidade. Então, o papel do professor é meio trazer à superfície aquele conhecimento que está lá no fundo. Todo mundo tem seu cartão de crédito ou de débito, então no fundo é um pouquinho disso, é possibilitar esse processo e não impor. A impressão que eu tenho é que quando o aluno é submetido ao processo, quando ele busca construir um conhecimento ele tem um resultado melhor do que quando esse conhecimento é imposto. A universidade é uma experiência de vida, o aluno tem a oportunidade de entrar na universidade e fazer todos os créditos, no prazo e se aprovado, ele terá o diploma. No final serão profissionais, qualificados. Agora aquele que passou pela universidade e não soube aproveitar uma das oportunidades, em qualquer área que seja, participou do PESC ou da discussão de casos, ou do congresso, ele foi além. O papel do professor em relação ao aluno é de criar esse ambiente. Cativar o aluno, trazer ele para esse ambiente, às vezes há contradições, o aluno não gosta de prova, mas quando você dá a prova para ele, ele não quer largar. O professor está muito mais para criar situações onde que ocorra a sua aprendizagem.
4	Eu acho que deve ser, pelo menos, coerente, Eu sou um cara autoritário. Eu sou um cara liberal. O autoritário querer ser um cara liberal e vice-versa não funciona. O nosso aluno tem um “bruta” respeito. Eu posso falar qualquer coisa, entendeu? Com relação a respeito eu não tem nenhuma estória para contar de ter ido numa sala de aula e alguém tenha faltado com respeito. Agora, eles são críticos, eles são cansados, eles tem pouquíssima paciência. Você está falando de uma coisa que lá empresa ele já viu e já viu mais moderno, não tenha dúvida que eles não vão deixar de “matar” o cara. E quando eles percebem o professor que não se preparou aí viram fera. Viram fera mesmo. Nós também temos, aí é uma legítima obrigação, do cara de ter horário para receber aluno. Tem coisas que são obrigações. Tem coisas que são direitos e tem coisas que é gestão. Então é uma conversa bacana. Infundável. Na verdade, na graduação, eu acho que nós não estamos sendo assim tão exigentes no TCC. Por que? Porque o aluno o grande interesse dele é emprego. Aí chega uma hora que tanto faz ele se formar este ano ou o outro. Ele não está pagando nada. Então ele fica aqui mais um ano, ele vem e toma seu tempo. Então nós não estamos sendo competentes nesse sentido. Agora, o cara que não terminou o ano passo ele volta, ele ouve cada uma!
5	Acho que uma relação de respeito. Quer dizer, o objetivo é um só, embora cada um tenha que fazer a sua parte. O professor não é só ele responsável pelo aprendizado, o aluno é um

	<p>dos agentes do aprendizado. O professor tem que saber estimular esse aprendizado, tem que se preparar para dar a aula.</p> <p>O aluno percebe quando a aula não foi preparada. Então tem que ter dedicação. O professor não tem jeito, ele tem que se dedicar.</p> <p>O professor tem que estimular o aluno e perceber quando ele não está indo bem.</p> <p>De franqueza e de compartilhamento de responsabilidades. Cada um é responsável pela sua parte e também não é para ficar pegando na mão do aluno e nem passando a mão na cabeça. Ele tem que saber que ele tem que fazer a parte dele.</p>
6	<p>Uma relação responsável, primeiro. Ela tem que ser uma relação boa, no sentido de ambiente, no sentido de atitude, muito sincera e muito ética ou correta de ambas as partes. Respeitosa eu acho que é pressuposto. Nós devemos saber que não existe pergunta idiota do aluno. Vamos ensinar e facilitar o conhecimento. A educação é um caminho de mão dupla. Então, a gente tem que fazer a nossa parte e o aluno tem que fazer a dele. A gente tem que estimular, o aluno responder e essas coisas tem que ser cíclicas às vezes. Rotativas a todo momento.</p> <p>Principalmente responsável e leal, humilde no sentido de falar a língua dele. Isso evita muito problema que na verdade não é problema. São pessoas. A gente que nasceu antes deles deveria ter um pouco mais de consciência. Não é o aluno que é ruim. O aluno é assim ué. Não é o ensino médio que está ruim. O ensino médio é esse. E daí? Nós estamos aqui para educar. Somos educadores?</p> <p>Ser educador é algo,... Ainda vou ter que aprender muito para ser um educador. Ser educador é uma coisa muito difícil.</p>
7	<p>Tem que ser uma relação de respeito, primeira coisa, de respeito.</p> <p>Talvez respeito a gente resume bastante o que deva ser. Por meio do respeito você respeita a diferença do aluno, o aluno respeita a diferença do professor, você respeita as deficiências, as virtudes do aluno. Respeitando um ao outro, eu acho que é um ótimo ponto de partida para continuar.</p> <p>O professor tem que gostar do que faz, o professor tem que estar disponível para os alunos, disponível não é 100% do tempo, não é isso. Disponível é quando o aluno encontra você, você atende ele por mais que seja um horário indevido ou alguma coisa. No mínimo o que você vai fazer é, olha eu não posso te atender agora mas depois a gente conversa.</p> <p>A humildade também é muito importante. Humildade não significa superveniente, não significa servir, mas humildade no sentido de que você pode saber mais ou não, você pode ter estudado mais do que ele, mas nem por isso você é melhor do que ele, nem por isso ele é pior do que você.</p>

APÊNDICE Q – SÍNTESE DAS RESPOSTAS A QUESTÃO 18

18. Como você acha que deve ser a relação professor-professor?

ENTREVISTADO	RESPOSTAS
1	<p>Hoje em dia se estimula, sob o pretexto da concorrência, uma luta entre professores, muitas vezes até transgredindo os princípios da ética. Então o professor se julga no direito de acusar o outro pelo fato do outro não ter agido da maneira adequada. Isso é absurdo.</p> <p>Por que eu procuro a falha no meu colega? Por que eu estou com medo que ele vá tomar o meu lugar. Então a minha insegurança, me faz inseguro.</p> <p>Então tem que ser de muito respeito, de colaboração, de compreensão e de ajuda mútua. E principalmente do envolvimento dos professores, todos, com o curso, com aquele ensino que estão passando.</p>
2	<p>Essa daí eu acho que tem que ser eminentemente profissional.</p> <p>Eu acho que hoje a relação é mais profissional. Você vê as pessoas vivendo na docência, encarando a docência como uma profissão e aí eu acho que essas pessoas tem uma postura mais profissional, com tudo aquilo que tem de bom e que tem de ruim, nesse relacionamento. Então eu acho que a relação professor-professor deve ser essa.</p>
3	<p>Tem que ser uma relação de parceria, principalmente se a gente acredita num problema, numa dificuldade que é esta, de se integrar conteúdos, a gente tem que ver esses professores como responsáveis por partes desse processo, então eu vou facilitar a aprendizagem desse tópico, o outro daquele.</p> <p>Então acho que é um trabalho de parceria, que envolve, muitas vezes, num ambiente prático, negociações. As pessoas não gostam de, de repente, ter que abrir mão do conteúdo ou então passar a lidar com conteúdo que não domina.</p> <p>Parceria, e como em toda parceria envolve ganhos para as duas partes. Vejo a relação de parceiros igual a essa. Parceria, com benefícios para os dois lados, a relação ganha-ganha, porque senão se um está só perdendo, favorecendo o outro, não é parceria. Parceria é quando os dois saem ganhando.</p> <p>O professor tem o que? Um objetivo comum, todos tem que trabalhar em prol daquela missão. Lógico que dentro das suas especialidades, das suas linhas de interesse.</p>
4	<p>Olha, ela é boa. É interessante. Tem muito tipo de conflito. Eu posso falar por mim e pelo grupo de pesquisa. Como exemplo, nós já fizemos reuniões onde começamos às 14, 15 horas e às 22horas não havia acabado, a mulher da limpeza passando o equipamento de limpeza e estávamos brigando por um negócio que era puro conceito. Então acabou, tchau. Somos amigos. Agora, nesse sentido o desgaste é enorme.</p> <p>Se você não tiver uma estrutura psicológica robusta, não seja professor. Se você não tiver uma estrutura psicológica extremamente equilibrada, por favor, não venha para a pesquisa. Não faça isso. Ou então, só venha dar aula assim bem focada. Seu mundo é aquele e não interessa para ninguém.</p> <p>O relacionamento, essa direção de linha de pesquisa é uma coisa boa que você busca afinidade. Qual o grande risco? Criar muros, feudos. Então a gente tem falado muito sobre isso. Cada vez que a gente vai falar sobre linha de pesquisa, então espera aí, pode virar feudo. Você pode ganhar muito falando com o cara da outra linha, você vai trocar experiência, mas você tem que saber qual é a tua.</p> <p>Preciso buscar pessoas que eu não tenho afinidades, mas profissionalmente são importantes, são interessantes. Mas com muita interação profissional e respeito.</p>
5	<p>Essa relação eu acho que é de parceria. É de compartilhamento de conhecimentos.</p> <p>A relação acadêmica ela é antes de tudo uma relação pessoal. Então, se não há empatia do ponto de vista pessoal, é difícil você fazer um relacionamento acadêmico. Porque as pessoas são pessoas, então, a empatia acaba estimulando o relacionamento acadêmico, o compartilhamento de pesquisa, a troca de idéias, e conseqüentemente há a evolução dos dois.</p> <p>Você tem que valorizar o coletivo ao invés do individual. Não tem uma estrela puxando várias estrelinhas. E todo mundo fazendo um pedaço de tudo, compartilha.</p>
6	<p>Professor-professor, desde que ela não tenha os vícios da nossa academia, ela é muito legal. Quando você tem o vício “ego”, a falta de relacionamento.</p> <p>A interdisciplinaridade começa quando você tem, por exemplo, todas as portas da sala dos</p>

	<p>professores abertas.</p> <p>Como é que você quer ter interdisciplinaridade se você não consegue nem conversar com o vizinho? Não por diferenças intelectuais ou por concepções diferentes. Isso é o de menos. São pontos de vistas, são pesquisas que você não fez.</p> <p>Mas essa relação professor-professor ela tem que ser estimulada do ponto de vista de um debate acadêmico agradável, de um ambiente agradável no trabalho. E isso você tem que provocar integração. Você tem que colocar as pessoas juntas. Não fazer os vícios, criar núcleos, grupos, sala do professor tal. Não pode. Acho que isso só prega o individualismo. Tem que ter um ambiente, claro, mas não pode haver a fragmentação. Isso é claro. Na academia nós somos péssimos nesse sentido.</p> <p>Mas, essa relação não é a relação de que eu sou melhor que você, o ego do professor tem que, pelo menos, entrar dentro da sala. Tem uns que nem dentro da sala cabe o ego do homem! Que é inerente da academia, lógico que é, mas trabalhar em equipe na academia é difícil.</p> <p>Nós não somos fáceis não, viu? O professor não é um “bicho” fácil não. Dizem que médico não é fácil, advogado não é fácil, mas professor também não é um “bicho” fácil de entender não.</p> <p>É uma classe profissional, boa, alegre e deveria ser mais aberta a esse tipo de motivação. Tanto é verdade que você tem que escolher muito o lugar em que vai trabalhar. Tem que pensar muitas vezes, porque não é fácil.</p>
7	<p>Ela tem que ser respeitosa e tem que ser profissional no sentido de que os professores que sabem, e o projeto pedagógico dá essa noção, o professor sabe que uma disciplina, um conteúdo tem interferência no outro, eles tem que se conversar.</p> <p>E também tem que haver o respeito, com humildade e eu acho que, eles tem que ser críticos em relação a um e a outro. Se tiver alguma coisa não muito correta do ponto de vista pedagógico, do ponto de vista curricular, de conteúdo, eles poderiam sim criticar um ao outro no sentido de melhoria para o curso.</p>